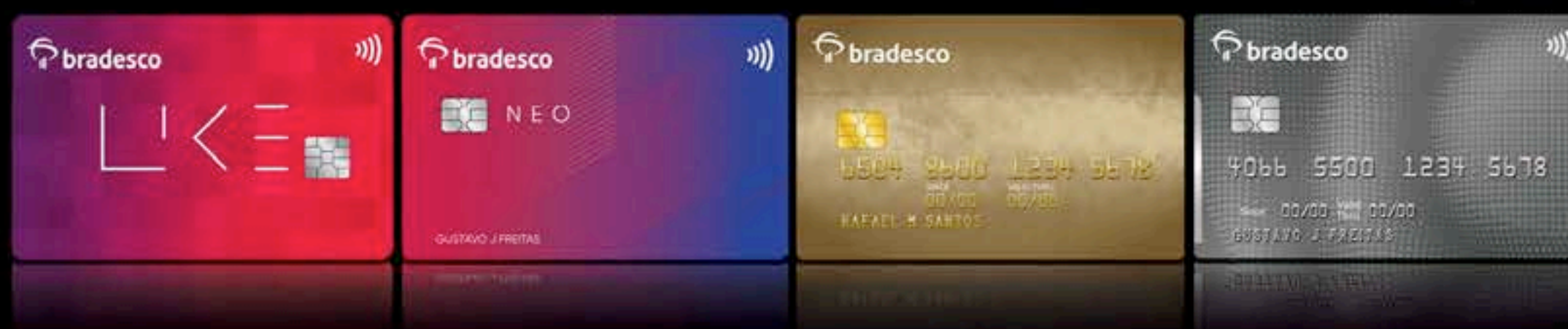
Editora ABRIL
edição 2808 - ano 55 - nº 38
28 de setembro de 2022

www.veja.com

LULA 13

A BRIGA PELO VOTO ÚTIL

Numa tentativa de liquidar a eleição no primeiro turno, Lula se mobiliza para ampliar o arco de alianças, envia mensageiros a ex-adversários e convoca artistas para convencer eleitores de Ciro Gomes e Simone Tebet a mudar de lado. Mesmo com todo esse esforço, não será nada fácil

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 808 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 38. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

ALÍVIO Alegria sem máscara no Rock in Rio: o conhecimento, a ciência e as vacinas estão vencendo a pandemia de Covid-19

BEM PERTO DO FIM

O MUNDO como o conhecíamos até março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus, já não existe mais. De lá para cá, ao longo de dois anos e meio, ocorreram 6,5 milhões de mortes — 685 500 apenas no Brasil. É, por larga margem, a mais dolorosa tragédia de nosso tempo, afeita a deixar marcas indeléveis e mudanças abissais de comportamento no cotidiano das relações pessoais e profissionais, com ecos profundos na economia. No auge do surto, avós e avôs tiveram de se afastar

MAURO PIMENTEL/AFP

dos netos. As escolas fecharam. Empresas faliram e empregos foram dizimados. O home office, com o amparo nas tecnologias de vídeo, virou a norma. O planeta, de fato, se transformou para sempre.

A emoldurar essa revolução paira, ainda, mas talvez agora de modo difuso, uma sensação que sempre acompanhou o ser humano — o medo. O temor de que o ritmo de contaminações volte a se acelerar, de que os hospitais sejam forçados a reservar UTIs exclusivamente para a Covid-19, o receio, enfim, de uma marcha a ré. As recentes informações, contudo, permitem finalmente um respiro de alívio. A pandemia está, sim, perto de acabar, como detalha a reportagem que começa na página 56. A taxa de transmissão do vírus no Brasil, em maio,

a última vez que foi medida, era de 0,70, o que significa que cada 100 infectados transmitiam o vírus para setenta pessoas, dentro de um patamar de controle aceitável do ponto de vista epidemiológico. Em abril de 2020, chegou a absurdos 2,8. O número de mortes diárias está na casa de 42 — a título de comparação, em abril de 2021 o mesmo dado atingia o pico de 3 000. Evidentemente, uma única morte precisa ser lamentada, mas a estatística nos transporta a um ponto de tranquilidade, embora de permanente atenção e zelo, como deve ser com os problemas de saúde pública. Na semana passada, como corolário do que indicam as inflexões das curvas de transmissão e mortes, o cauteloso diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou que o planeta nunca esteve em "melhor posição para acabar com a pandemia".

Chegamos aqui por força da ciência e do extraordinário avanço da aplicação de vacinas — na contramão do descaso de algumas autoridades que desdenharam da doença e do desenvolvimento científico, em tosco negacionismo, enfim derrotado. Não podemos esconder o luto, mas convém também não esquecer da rapidez com que foram desenvolvidos os imunizantes que salvaram milhões de vidas. Baseada nesse imenso esforço, a pandemia muito em breve será uma página virada da história, com o sorriso de volta a rostos antes cobertos por máscaras, como se viu recentemente nos espetáculos do Rock in Rio. As lições da Covid-19, insista-se, não podem jamais ser postas de lado — e a principal delas é que só o conhecimento salva. ■

Alex Atala
Chef e cliente BTG

EGBERTO NOGUEIRA/ÍMÃFOTOGALERIA

OS RADICAIS SÃO MINORIA

Presidente da Câmara dos Deputados no tumultuado início do governo Jair Bolsonaro, ele afirma que, se for eleito, Lula terá de isolar o extremismo para procurar reconciliar o país

SÉRGIO QUINTELLA

DEPOIS DE SEIS mandatos consecutivos, Rodrigo Maia (PSDB) não vai concorrer à reeleição a deputado federal. Atualmente licenciado do cargo e ocupando um secretariado no governo paulista, o ex-presidente da Câmara diz que deixará a vida pública após o pleito de 2022 e trabalhará na iniciativa privada. Antes, espera reeleger o seu chefe atual, o governador Rodrigo Garcia (PSDB), que iniciou atrás na corrida eleitoral em São Paulo, mas começa a se credenciar para a disputa por uma vaga no segundo turno, de acordo com as últimas pesquisas de votos. Maia foi uma figura central nos dois primeiros anos da gestão Jair Bolsonaro (PL), quando, em meio a uma articulação governista caótica no Parlamento, conduziu com competência a aprovação de pro-

jetos como a reforma da Previdência, em meio a caneladas quase diárias com o bolsonarismo, de quem virou desafeto. Hoje, afirma que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deveria vencer já no primeiro turno e conduzir um governo de transição que isole os radicais à direita e à esquerda e ponha o país na rota da conciliação. “Lula terá de demonstrar muita capacidade para dialogar com segmentos da sociedade que nunca votaram no PT”, afirma.

Quais serão os principais desafios para o próximo presidente? O Brasil tem questões enormes, da preservação do meio ambiente ao ponto de vista fiscal. O país passa pelo aumento da arrecadação devido ao boom das commodities, mas, se você falar com economistas, a projeção para o

próximo ano é de déficit. Você sai de um superávit de quase 2% do PIB nos últimos doze meses para um déficit de 1,6%. Ou seja, haverá desafios enormes na economia, que precisarão ser enfrentados.

Tanto Lula quanto Bolsonaro sinalizam que não vão respeitar o teto de gastos. Geraldo Alckmin, vice do petista, disse a empresários que São Paulo nunca teve teto e nas últimas duas décadas sempre respeitou as contas. Qual deve ser a postura do próximo presidente? O teto de gastos foi destruído no último ano e meio e gerou uma bomba para o futuro muito grave e que o próximo presidente terá de resolver, como o parcelamento de precatórios, que vai

gerar até 2027 um passivo de centenas de bilhões de reais. Todas as vezes que os governos tentaram expandir despesas sem controle, a vida da população piorou. É só lembrar

“Bolsonaro erra ao comparar os preços da gasolina em Londres e aqui. O valor do combustível não vai decidir a eleição. Quem vai decidir são o ovo, o tomate, o leite, que continuam caros”

o que houve no governo Dilma, com recessão de dois anos, e ver o que está acontecendo agora.

Hoje, segundo as pesquisas, Lula é o favorito à vitória. Acredita em vitória dele no primeiro turno? Com certeza. Para o Brasil, é importante que a eleição acabe no primeiro turno, deixando o próximo presidente com as melhores condições de organizar o mais rápido possível os próximos anos. A desigualdade cresceu, o tempo de estudos das nossas crianças reduziu, a miséria aumentou, assim como o endividamento. Talvez seja importante que o presidente seja eleito com força. E quem tem essas condições hoje é Lula.

Isso é uma declaração de voto e de apoio político? Não. Meu partido apoia a campanha da senadora Simone Tebet (MDB), uma pessoa que vem se mostrando muito preparada.

Se Bolsonaro perder, ele pode ir para casa, como disse recentemente, ou vai sair brigando, como Donald Trump fez nos Estados Unidos? O tamanho do Bolsonaro, se ele realmente perder, vai depender do que o Lula fizer para manter o diálogo com segmentos da sociedade que nunca votaram no PT. O bolsonarismo mais radical não tem 35% de eleitores, é um eleitorado de no máximo 10%. Por que o Bolsonaro tem 35% das intenções de voto? Porque do outro lado tem o antipetismo. Se o Lula vencer, vai depender muito mais dele construir um am-

biente para isolar todo o radicalismo, de direita e de esquerda, para poder fazer uma conciliação.

O que o senhor acha das tentativas de Bolsonaro de desacreditar as eleições e o TSE? Essa é uma prática usada pelos trumpistas. É uma estratégia para tentar criar um ambiente de dúvida. Tanto lá quanto aqui, são questionamentos sem embasamentos técnicos. É nessa linha do nacional-populismo que questiona a democracia liberal. E o principal instrumento da democracia é o voto. As centenas de pessoas que invadiram o Capitólio respondem a processos até hoje.

Acha que Bolsonaro pode virar o jogo com atitudes como

a que teve em Londres, comparando o preço do combustível de lá com o do Brasil? Foi um grande erro de estratégia. A população está com dificuldade de pagar a conta de luz, de gás. Bolsonaro está olhando uma coisa, e a sociedade olha outra. Ele deu os 600 reais de auxílio, mas não acredita naquilo. O preço da gasolina não vai decidir a eleição. Quem vai decidir são o ovo, o tomate, o leite, que continuam caros.

Como avalia a gestão de Arthur Lira *(PP-AL)*, seu sucessor? Acredita na recondução dele à Presidência da Câmara? Arthur é um político experiente e lidera com muita contundência a Câmara, como liderou o PP. Eleição para o Legislativo no início de um mandato é sempre difícil, porque o novo governo vem forte. Como os partidos do Cen-

trão não têm uma linha ideológica muito clara, acabam sendo mais pragmáticos. Se for Bolsonaro, fica muito difícil Arthur não se reeleger. Se der Lula, cabe a ele ter a capacidade de compreender a agenda colocada pelo ex-presidente. Se o Arthur vai fazer ou não, eu não sei.

Qual a principal marca dele na gestão? Foi o orçamento secreto? A capacidade de organizar o orçamento secreto e colocar as pautas que interessam ao governo. É uma Câmara com agenda pró-governo muito maior do que foi no meu período, mas ele deve muito a vitória dele ao Bolsonaro. É normal ele ter dado essa inflexão. Das agendas de reformas, quase nada andou. Os problemas que foram aparecendo foram gerando as

agendas de curto prazo. A última PEC *(do Auxílio Brasil)* fere os controles fiscal e eleitoral a menos de um ano da eleição. Achei que o STF fosse entrar na história, mas o apelo social foi maior do que as condições para intervir. Arthur tem muita competência e boa capacidade de atropelar o processo. Haverá danos ao futuro. Vai caber ao novo governo repactuar isso com o Congresso e organizar a agenda legislativa.

O próximo presidente terá condições de fazer algum tipo de reforma política? O sistema de lista aberta é incompatível com o financiamento público de campanha. Nós precisamos pensar o que é possível. A lista pré-ordenada, com financiamento público, dá certo em muitos países e acho que também dá nitidez ao que cada partido representa. Nesse caso, as ideias

do partido é que vão a voto, não o candidato individualmente. Hoje, o candidato é que é votado e representa a sua estrutura política. Agora, quando o que é submetido ao eleitor é o partido, garantindo uma democracia interna, temos um modelo onde a fidelização dos políticos aos partidos é muito maior.

Em São Paulo, o senhor trabalha pela reeleição de Rodrigo Garcia *(PSDB),* que luta com Tarcísio de Freitas *(Republicanos)* para saber quem irá ao segundo turno contra Fernando Haddad *(PT).* Quem vai passar? Rodrigo vai continuar subindo nas pesquisas. A tendência é termos, no fim do primeiro turno, um empate entre Rodrigo e Haddad.

Na disputa presidencial, pela primeira vez, o PSDB não tem um candidato. Foi um erro do partido a pressão pela desistência do ex-governador João Doria, depois da vitó-

"Todas as vezes que os governos tentaram expandir despesas sem controle, a vida da população piorou. É só lembrar o que houve no governo Dilma e ver o que está acontecendo agora"

ria dele nas prévias? O enfrentamento ao bolsonarismo deu uma rejeição ao Doria, juntamente com o excesso de exposição. Mas foi uma rejeição injusta. Se não fosse a vacina trazida por ele ao país, haveria mais de 1 milhão de mortes em decorrência da pandemia.

Qual o futuro do centro político, em especial do PSDB? Os quadros que formaram o partido estão aposentados, como Fernando Henrique Cardoso, ou faleceram. As gerações vão passando. O PSDB vive uma transformação, e o principal ativo é o Rodrigo Garcia. Ele é o melhor gestor público que o Brasil tem hoje. Reúne duas qualidades que Doria, José Serra e Alckmin não tinham: bom gestor e bom

articulador político. Nenhum dos três conseguiu chegar a Brasília e ser bem recebido.

Como vê o fato de seu nome ter sido citado em delação do empresário Marcus Vinícius Azevedo da Silva, que disse ter arrecadado dinheiro para o senhor e o seu grupo político quando o seu pai, Cesar Maia, era prefeito do Rio de Janeiro? Não conheço, não sei quem é esse vagabundo. A delação teria sido assinada há dois anos e aparece às vésperas da eleição. Quero que me investiguem e, se alguém cometeu crime, que punam.

O senhor não vai mesmo disputar a reeleição. Desistiu da política? Não desisti, mas não me senti atraído para uma

eleição a governador e também não teria votos suficientes para concorrer à Presidência. Achei melhor encerrar um ciclo e me preparar, me qualificar. Assim, daqui a quatro anos, posso avaliar se volto ou não. Enquanto isso, irei para a iniciativa privada. Como deputado, depois de tudo o que tive oportunidade de comandar, não teria o mesmo ímpeto agora. Usando uma frase do deputado Arlindo Chinaglia *(PT-SP),* presidente da Câmara é igual a piano de cauda em caminhão de mudança. Quando chega à nova casa, nunca tem onde colocá-lo.

Para onde o senhor vai na iniciativa privada? Tenho dialogado com muitas pessoas, mas tomei a decisão de só aprofundar essas conversas depois da eleição. Ainda sou deputado, sou secretário do governador Rodrigo Garcia em São Paulo. Eu não posso, de forma nenhuma, criar algum tipo de conflito.

Há chance de assumir algum cargo na área econômica de um eventual governo Lula, como já foi cogitado recentemente até pelo ministro Paulo Guedes? Se ele está falando isso, é porque quer me queimar *(risos).* Não sei o motivo dessa raiva toda. Tudo o que ele fala que fez *(no governo)* fui eu que fiz. Sobre a questão de ser um ministro num futuro governo petista, nunca procurei esse objetivo e nunca fui procurado por Lula. Essa hipótese não está nos meus objetivos políticos. Tenho muita clareza do meu caminho no setor privado. ■

A DANÇA CONTRA O RACISMO

NÃO FOI a primeira vez que um jogador de futebol esteve na mira do racismo — mas nunca houve uma reação tão firme como a de **Vinicius Jr.,** atacante de 22 anos do Real Madrid e da seleção. Em um vídeo de dois minutos postado em suas redes sociais, ele foi direto ao ponto: “Dizem que a felicidade incomoda. A felicidade de um preto brasileiro na Europa incomoda muito mais”. E avisou, ao contestar a

DAVID S. BUSTAMANTE/SOCCRATES/GETTY IMAGES

frase idiota de um empresário espanhol que, na véspera, o acusara de "macaquices", sugerindo que, se quisesse comemorar os gols com dança, o fizesse no Sambódromo: "São danças para celebrar a diversidade cultural do mundo. Aceitem, respeitem ou surtem — eu não vou parar". E não parou. Na vitória do Real sobre o Atlético de Madri por 2 a 1, dias depois, ele se juntou a outro brasileiro, Rodrygo, que marcara um dos gols, e **bailou como sempre.** A reação de Vinicius Jr., como resposta à estupidez, ecoou pelas redes sociais, fez com que outros jogadores se posicionassem, obrigou o agressor a pedir desculpas e parece ter servido como marco. Ele foi ainda mais inteligente ao deixar nítido, naquele vídeo já histórico, que o preconceito não brotou apenas quando atravessou o Atlântico — vem de antes, quando surgiu nas categorias de base do Flamengo, em busca de um sonho finalmente alcançado, apesar dos olhares tortos de quem mede os outros pela cor da pele. A postura de Vinicius Jr. talvez não reescreva a história, é um pequeno gesto contra um crime insidioso, mas ao menos durante alguns dias os racistas dançaram. ■

Fábio Altman

REELEIÇÃO
Romário: Copa do Mundo ajuda

“DEFENDO O BOLSONARO, MAS NÃO SOU BOLSOMINION”

Líder nas pesquisas para o Senado pelo Rio de Janeiro, o ex-jogador já escondeu o presidente da República no seu programa eleitoral, mas se diz alinhado ao conservadorismo do ex-capitão

TV GLOBO

Circularam nas redes sociais fotos antigas do senhor com o ex-presidente Lula. Isso ajudou ou atrapalhou a campanha? Voto com Bolsonaro desde que ele assumiu o mandato. Sempre votei com o governo federal e sou alinhado ao governador do Rio porque é interessante para o povo. Defendo o Bolsonaro, mas não sou bolsominion. Acredito nas propostas dele.

Há uma disputa entre os candidatos ao Senado para ver quem se apresenta como o mais bolsonarista? É fácil começar a apoiar agora o presidente e querer destaque. Flávio Bolsonaro foi o primeiro a entender que eu teria todas as condições de ser o candidato do presidente no Rio, mas respeito as demais candidaturas. No mundo ideal, eu seria o candidato do PL e de todos os deputados federais, estaduais e partidos coligados. Mas não tenho mágoas.

Se o senhor é tão bolsonarista, por que não andou a ideia de colocar a ex-esposa do presidente Rogéria Bolsonaro como sua suplente? Quando eu entrei no PL, há dois anos, concordei que a primeira suplência seria do partido. Independentemente disso, sou um senador que apoia o presidente. Votei com o governo em 92% das vezes nos últimos quatro anos e ainda dizem que eu não tenho nada a ver com Bolsonaro?

O que tanto o aproxima do presidente? Ele defende a família, e isso é muito importante para mim. É contrário ao

aborto e à legalização das drogas, o que condiz muito com a minha maneira de ver o mundo. É espontâneo, possui problemas e defeitos como todos nós, mas quer ver um Brasil que ande para a frente.

Seu mandato foi marcado por pautas voltadas à pessoa com deficiência e o senhor tem pessoas com Down e autismo como funcionárias. Como é essa experiência? Meu grande empurrão veio de casa, da minha filha de 17 anos que tem síndrome de Down. Ainda falta muito para que as pessoas com deficiência sejam realmente incluídas no mercado de trabalho, e tenho orgulho de defender essa pauta. Não faço demagogia, contrato meus funcionários pela competência. O trabalho entregue pelas minhas duas funcionárias, uma com síndrome de Down e a outra com autismo, é de excelência.

Para um ex-jogador, a proximidade da Copa do Mundo com as eleições ajuda ou atrapalha? Isso me favorece 100%. Não tem como falar em futebol sem falar do Romário. É todo o dia, na internet, nas rádios, jornais e televisão tem algum tema relacionado ao futebol. E não tem como deixar de falar da Copa de 94, da minha participação na seleção. Isso é muito importante, um presente do Papai do Céu. Um gol de placa. ■

Leonardo Caldas

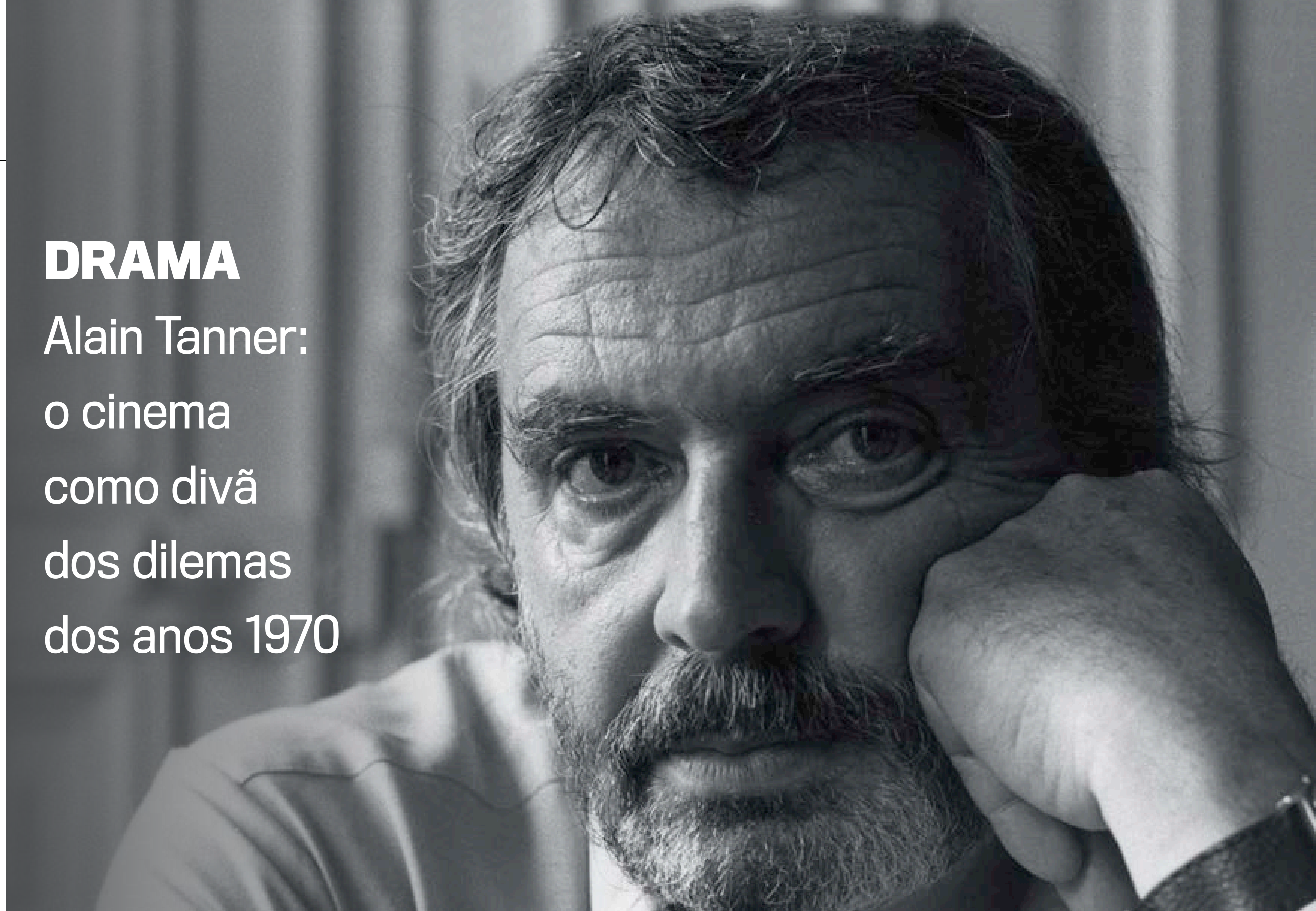
ROSTO DA TRAGÉDIA GREGA

SILVER SCREEN/GETTY IMAGES

Poucas atrizes estão tão intimamente ligadas a tragédias e personagens gregos no cinema quanto **Irene Papas.** Em *Os Canhões de Navarone* (1961), filmado na Ilha de Rodes, ela interpretou uma combatente da resistência durante a II Guerra Mundial. Em *Zorba, o Grego* (1964) fez uma viúva apedrejada pela vizinhança em decorrência de seu relacionamento com um homem simples, na pele do inesquecível Anthony Quinn. Em *Z*, do diretor Costa-Gavras, premiado com o Oscar de melhor filme estrangeiro, foi aplaudida como a mulher de um deputado assassinado por oposicionistas, criação de Yves Montand. "Ela personificava a beleza grega nas telas e nos palcos", anotou o Ministério da Cultura.

Adorada pelo público e aplaudida pela crítica, Papas trabalhou em sessenta produções. Em 2009 ganhou o Leão de Ouro de Veneza pelo conjunto de sua obra. Morreu em 14 de setembro, aos 96 anos, em Chiliomodi, na Grécia, de causas não reveladas pela família.

CLÁSSICOS Irene Papas: sucessos como *Os Canhões de Navarone, Zorba* e *Z*

DRAMA
Alain Tanner: o cinema como divã dos dilemas dos anos 1970

PIERRE PERRIN/GETTY IMAGES

O DIRETOR DA GERAÇÃO PERDIDA

Houve, na história do cinema dos anos 1960 e 1970, uma escola semelhante à nouvelle vague francesa da qual pouco se fala – o chamado Grupo dos Cinco, uma turma da Suíça colada ao inconformismo daquele tempo de revoluções. Seu mais destacado membro foi **Alain Tanner.** Ele dirigiu um longa de imenso sucesso no Brasil, especialmente entre os amantes das obras ao avesso dos blockbusters, *Jonas que Terá 25 Anos no Ano 2000*, de 1976. O menino que dá título ao filme tem 6 anos e vê o amanhã com a ingenuidade e esperança de quem mal começou a vida — os adultos a seu redor, numa comunidade pós-hippie, contudo, parecem perdidos. Para uma geração de pessoas deslocadas como os personagens de *Jonas que Terá...* ir ao cinema para assistir ao trabalho de Tanner, em tom de documentário com pitadas de drama e erotismo, era quase como um manifesto político — ele não escondia seu apoio aos movimentos de esquerda — ou então um divã de psicanálise. O diretor morreu em 11 de setembro, aos 92 anos, em Genebra.

A VIDA FORA DA TERRA

Nenhum ser humano passou tanto tempo no espaço quanto o cosmonauta russo **Valeri Polyakov.** Entre 8 de janeiro de 1994 e 22 de março de 1995, ao longo de exatos 437 dias, ele permaneceu na Estação Espacial Mir. Orbitou nosso planeta exatas 7 075 vezes. Formado em medicina, Polyakov se voluntariou ao serviço espacial com um objetivo: provar que o organismo humano pode sobreviver à ação da falta de gravidade a caminho de Marte, se um dia lá pousarmos. As pesquisas em torno de sua permanência no cosmo são ainda hoje utilizadas pela Nasa. Ao retornar de sua aventura, ele disse: "Sinto-me grande e forte, capaz de lutar contra um urso". Morreu aos 80 anos, em 19 de setembro, em Moscou. ■

AFP

RECORDE O astronauta Polyakov: 437 dias na Estação Espacial Mir

FERNANDO SCHÜLER

O GOLPE DO ZÉ TROVÃO

NO MUNDO da fantasia política, há basicamente dois golpes em curso no país. Um deles, mais discreto, seria dado no "quartinho escuro" da Justiça Eleitoral. Alguém manipularia as totalizações de votos e arranjaria os resultados, segundo os interesses do "sistema". O outro golpe seria dado pelo próprio presidente. Ele vem sendo alardeado desde o início do governo. De um acadêmico delirante, li que Bolsonaro fecharia o Congresso, sob o pretexto de combater facções criminosas, e que ele seria o "Chávez brasileiro". Por óbvio, nada disso aconteceu. O último 7 de Setembro talvez tenha sido o evento mais engraçado. Anunciado por setores da imprensa como "atos golpistas", seu grande tema, no dia seguinte, foi a palavra "imbrochável", dita pelo presidente. O curioso dessas teorias é que ninguém sabe dizer como se daria o tal golpe. Alguns imaginam algo como aqueles cabeças de chifre, no Capitólio; outros imaginam Bolsonaro entrincheirado no palácio, agarrado à faixa presidencial, mas tudo soa um tanto bizarro. A boa notícia é que em dois ou três meses saberemos a resposta. Se o golpe acontecer, seremos já uma "abjeta ditadura", parafraseando o ex-ministro Celso de Mello, quando o Carnaval chegar.

Sejamos claros: ninguém acredita, lá no fundo, em golpe nenhum. Para que isso efetivamente acontecesse, seria preciso

que as Forças Armadas topassem rasgar a Constituição, ao custo de extrema violência, e mesmo assim com baixíssima probabilidade de sucesso. Não há nenhum sinal nessa direção, nem racionalidade alguma em uma ideia infantil como essa.

Em todos esses anos, confesso só me lembrar de uma pessoa que realmente parece ter acreditado no golpe: o Zé Trovão, o líder caminhoneiro mais bolsonarista que o Hélio Negão e Carla Zambelli misturados. Eu mesmo vi, em uma *live* quando cobria a greve dos caminhoneiros, em torno do 7 de Setembro do ano passado. O vídeo mostra o Zé Trovão chateado, não acreditando que Bolsonaro tinha mandado a turma liberar as estradas e ir trabalhar. “Então não era para valer?”, ele parece dizer. “A gente faz tudo, eu vou preso, e fica tudo por isso mesmo?” O dia tinha sido tenso, as redes bolsonaristas mais radicais diziam que agora era “tudo ou nada”, Bolsonaro havia dito aquela frase famosa, de que não iria mais obedecer a ordens de um ministro do STF, os caminhões tinham furado o bloqueio da Esplanada dos Ministérios. Tudo isso talvez tenha feito o Zé Trovão achar que a virada de mesa era de verdade. Só que não. Era de mentirinha, como toda essa conversa fiada do golpe. Dias depois, já conformado, ele aceitou o argumento de que “o presidente sabia das coisas” e ia negociar lá em Brasília. Bolsonaro assinou aquela cartinha pedindo desculpas, e a vida seguiu seu curso. Só não para o Zé Trovão. Ele teve um mandado de prisão, acusado de “atentar contra a democracia”, foi parar no México, perdeu seu trabalho, dinheiro, até que resolveu voltar e se entregar à Polícia Federal. Ficou em cana por algum

FANTASIA A tela *O Grito,* do norueguês Edvard Munch: no Brasil, o temor vazio de algo que não virá

tempo e depois foi liberado, com direito a uma tornozeleira, e hoje anda meio esquecido, talvez com a vaga sensação, lá no fundo, de ter sido o único que acreditou.

Fantasias à parte, o fato é que as retóricas do golpe obedecem a uma lógica. Nesta semana ela se mostrou com clareza na entrevista de um opiniático cientista político americano, a que por acaso assisti na televisão. Ele diz que Bolsonaro ten-

MUNCH MUSEUM/SCANPIX/AFP

“A retórica do medo, à esquerda e à direita, se tornou banal”

tará virar a mesa, que pode ter a adesão de “setores das Forças Armadas” e que, por precaução, todos deveriam votar logo no Lula. Em uma resposta, conseguiu sintetizar toda a lógica do jogo. Em primeiro lugar, o medo. Não se sabe bem o que, mas “haverá alguma coisa”; em segundo, a vacuidade: apoio de setores das Forças Armadas. Alguma informação

objetiva sobre isso? Nenhuma. Apenas uma frase jogada no meio de um argumento, que do contrário não faria sentido. Percebam o padrão de irresponsabilidade: ele prevê um conflito violento dividindo as Forças Armadas brasileiras, talvez imaginando que o Brasil seja uma *banana republic.* Por último, o viés político, sem disfarce: é preciso votar no Lula. Poderia ser o contrário, não importa. O interessante é a sequência: o medo, o argumento vazio, o foco político. Retrato do tipo de debate infantil em que nos metemos.

Essas coisas me remetem a um tema fascinante desenvolvido pelo filósofo Frank Furedi, em seu *How Fear Works.* Ele observa como se tornou lugar-comum na política atual o discurso “eles agem como fascistas” ou a retórica do “é igual aos anos 30”, por parte de elites sob risco de perda de poder, diante

de líderes populistas, de diferentes perfis. “Os adeptos da política do medo”, ele diz, “não resistem à tentação de tachar seus oponentes como fascistas.” E completa: “Isso se tornou o núcleo central da cartilha antipopulista do século XXI”. O Brasil de hoje caiu como pato nessa retórica. Muita gente ganha com isso, é evidente, mas seu maior efeito é um velho conhecido: diante do medo, é mais fácil justificar a perda de direitos, a prisão de pessoas, a volta da censura prévia e de coisas que, em outros tempos, não estaríamos dispostos a aceitar.

Dito isso, é evidente que é preciso estar atento e responder a qualquer ação antidemocrática, venha ela de onde vier. Se Bolsonaro perder e voltar a lançar suspeitas sobre as urnas eletrônicas, seria seu *jus sperniandi*, na linguagem jocosa do direito.

E seu derradeiro tiro no pé, dado que entregaria a seus inimigos precisamente o que eles querem. Poderia haver alguma arruaça? Algum grupo de malucos ultrapassando as “quatro linhas”? A hipótese é grotesca, mas é possível imaginar que exista um bom estoque de malucos por aí. Seriam todos presos, além de complicar bastante a vida de Bolsonaro.

O que temos pela frente é nossa nona eleição presidencial. A economia apresenta sinais de melhora, e o mais importante: nossa crença na democracia deu um salto. O Datafolha mostrou que apenas 7% dos brasileiros defendem a ditadura, o menor patamar em três décadas. No plano institucional, os militares foram atendidos pelo TSE em sua sugestão de teste das urnas, e o tema praticamente desapareceu do debate político. Na algazarra digital, prossegue a arenga

em torno do risco democrático, e imagino que isso será assim até 2026, se o atual presidente se reeleger. Por uma simples razão: trata-se de uma retórica eficiente. Ela cumpre papel similar ao que cumpriu o "medo do comunismo", ou o medo de que "Lula faria do Brasil uma Venezuela". De um lado ou de outro, a tônica dos radicais é sempre parecida: a recusa da democracia como espaço compartilhado, do pluralismo como um valor e da tolerância e do respeito como a forma, ou quem sabe a estética, da democracia. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

MILIONÁRIOS

Segundo relatório do Credit Suisse Group, o grupo de pessoas com patrimônio de pelo menos 1 milhão de dólares deve crescer 40% no mundo até 2026.

AMAZON

A empresa anunciou 71 novos projetos de investimentos em energia renovável, incluindo a construção de uma fazenda solar no Brasil.

CANABIDIOL

Um estudo conduzido por membros do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e de outros órgãos mostrou que a maconha medicinal pode reduzir a ansiedade de jovens em 50%.

DESCE

GOL

A companhia aérea admitiu à Justiça americana o uso de propinas entre 2012 e 2013 pela aprovação de matérias no Congresso Nacional e se comprometeu a pagar uma multa de mais de 41 milhões de dólares.

NICOLÁS MADURO

Um relatório da ONU acusou o governo venezuelano de cometer crimes contra a humanidade.

ROBERTO CARLOS

Foi arquivada pelo STF uma ação movida pelo cantor contra o deputado federal Tiririca por uso de imagem e da obra do artista em uma paródia veiculada como campanha eleitoral.

GARI GARAIALDE/GETTY IMAGES

"Meu próximo filme será o de número 50, acho que é um bom número para parar. Minha ideia, em princípio, é não fazer mais cinema e focar em escrever essas histórias e, bem, penso em um romance, que seria meu primeiro romance."

WOODY ALLEN, 86 anos, que filma agora em Paris. A assessoria do diretor em seguida emitiu um comunicado dizendo que ele havia sido mal entendido, e que segue na carreira atrás das câmeras

“O Banco Central errou ao falar o tempo todo em risco fiscal, desajuste fiscal, quando íamos para o superávit. O BC estava preocupado com o fiscal e eu com o juro negativo.”

PAULO GUEDES, ministro da Economia

“Na economia não há espaço para aventuras e grandes guinadas (...) Quem será o novo presidente? Na minha opinião não vai acontecer nada. Nenhum presidente vai governar sem o Congresso e temos instituições muito fortes.”

ABILIO DINIZ, empresário, acionista do Carrefour

"Não coloque lixo na urna."

MARIO SERGIO CORTELLA, filósofo, sugerindo que o leitor escolha com carinho seus candidatos

"Não dá para querer agora ser comedida, mignon e rir baixo."

MARIA BELTRÃO, apresentadora que trocou a GloboNews depois de 25 anos pelo programa *É de Casa,* da Globo

"A arte está morta."

JASON M. ALLEN, artista, vencedor da badalada Feira de Arte do Colorado. Sua obra vencedora foi feita com a ajuda de um complexo mecanismo de inteligência artificial

"Putin perderá esta guerra e deve prestar conta de seus atos."

URSULA VON DER LEYEN, presidente da Comissão Europeia

"Botox eu não gosto porque sou atriz. Quero ter as minhas expressões. Não quero ficar lisinha."

VERA FISCHER, atriz, 70 anos

"Lembro quando colocaram cravos nos canhões, na Revolução dos Cravos *(em Portugal).* É mais ou menos isso que eu busco (...) Macho não precisa segurar em arma para ser macho."

FERNANDO GROSTEIN ANDRADE, cineasta, ao lançar o documentário *Quebrando Mitos,* severa crítica à postura do presidente Jair Bolsonaro, a quem acusa de "machismo catastrófico"

INSTAGRAM@CLAUDIARAIA

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

A fonte secou

A praticamente uma semana da eleição, o pior pesadelo de **Flávio Bolsonaro** se confirmou: o dinheiro da campanha do pai acabou. Não há, no PL, um tostão furado nos fundos eleitoral e partidário. Pior: o cheque voador do partido de Bolsonaro na praça já chega a... 50 milhões de reais.

À espera de um milagre

Parte do desespero da campanha do presidente vem

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

NO VERMELHO Flávio: sem dinheiro, a campanha do pai já tem dívida milionária

do temor de que a falência dela prejudique o último esforço do presidente para produzir uma “onda verde e amarela” nessa reta final do primeiro turno.

Ingratos e sovinas

Sem grana, a mágoa de Flávio é especialmente dirigida a dois grupos, ricaços da Faria Lima e do agro: a turma não doou à campanha de Bolsonaro como ele imaginava que doaria.

Questão de prioridade

Como pode faltar dinheiro na campanha do presidente? Simples: o partido usou boa parte dos recursos para construir uma grande bancada na Câmara. Cada deputado com mandato, por exemplo, levou, em média, 500 000 reais do partido. Puxadores de votos levaram um pouco mais.

Clube do bilhão

A previsão dos aliados de Bolsonaro é que seu partido eleja entre 65 e setenta deputados, a maior bancada do Congresso, que garantiria um fundo bilionário. É isso que importa no PL.

Quase anônimo

Empenhado em ajudar Bolsonaro na busca de votos, Braga Netto passou outro dia num encontro de clubes de motoqueiros em Brasília. Vestido com aqueles coletes pretos dos filmes, não foi reconhecido por quase ninguém.

Cheio de apetite

Convidado a almoçar de graça numa churrascaria

em Nova York, Bolsonaro impressionou aliados: comeu muito, comeu rápido e comeu de tudo. Quase não mastigava os pedaços.

Sem medo

Em NY, Bolsonaro dispensou o garçom de provar a comida para garantir que não estava envenenada. "Lá ele não faz isso, não", diz um aliado.

Tô nem aí

Bolsonaro e seu séquito não se deixaram abalar pelas críticas por terem feito campanha no caixão da rainha: "Lula fez política no funeral da dona Marisa e ninguém criticou", diz um aliado.

Sucesso de audiência

Antes de ser retirado do ar, o site bolsonaro.com.br, com críticas ao presidente, foi acessado por mais de 5 milhões de usuários em 100 países.

O que há com o general?

A saúde de Augusto Heleno, em permanente estado de tristeza, tem preocupado seus colegas de Planalto.

Corrida do saco

Com a campanha a mil, Luiz Eduardo Ramos promove nestes dias, no Planalto, uma... gincana de servidores.

Quero responder

O principal medo de Lula, no debate da Globo, é ser chamado de ex-presidiário por Bolsonaro e não ter direito de resposta, como ocorreu na Band. Na segunda, na última reunião das campanhas com a emissora, os petistas cobraram fortemente esse direito.

Voto verde

Simone Tebet e Mara Gabrilli, sua vice, vão levar para a campanha, nesta última semana, a proposta de uso, no SUS, da *Cannabis* medicinal.

Fogo amigo

Mara, que é do PSDB, comentou o ataque de Aloysio Nunes a Simone: “Aloysio muito ajuda quando não atrapalha”.

Se ela conseguiu...

O que motiva Ciro Gomes nessa reta final da campanha? Profecias de João Santana tiradas da vitória de... Dilma.

Voz da experiência

Gilberto Kassab virou uma espécie de consultor de Tarcísio de Freitas em SP. Tem levado especialistas do estado para reforçar a campanha de Freitas.

Comunista de negócios

Fora da política, **Manuela d'Ávila** criou uma agência de comunicação e está faturando alto (1,8 milhão de reais nesta campanha) com políticos, incluindo, claro, os do PCdoB (251 000 reais) — e o PT ainda nem voltou ao poder.

CASSIANO ROSÁRIO/FUTURA PRESS

TUDO EM CASA Manuela: ela virou empresária e está lucrando na política

Amado mestre

Lula é mesmo fonte de inspiração para Geraldo Alckmin. Seguindo a trilha do petista, ele acaba de conseguir na Justiça acesso aos dados do sistema de propinas da Odebrecht. Quer se livrar das acusações da Lava-Jato.

Precisamos nos unir

Cármen Lúcia deu um jantar na sua casa para todos os ministros do STF. A noite descontraída teve momento sério, quando Edson Fachin apelou aos colegas por unidade no tribunal.

O banco delas

Somente em agosto, a Caixa de Daniella Marques emitiu mais de 58 000 cartões de crédito pessoa física para mulheres no Caixa pra Elas.

Tô fora

Se Bolsonaro vencer, Paulo Guedes dificilmente permitirá a divisão de seu ministério. Se o presidente insistir, ele já disse que vai pendurar as chuteiras.

Fábrica de projetos

Gustavo Montezano lançará uma série de ações positivas no BNDES nos próximos dias: concessão do metrô de BH, leilões de saneamento no Ceará e de iluminação pública em Curitiba.

Força total

A VCI S.A., incorporadora do Hard Rock Hotel, vai receber 230 milhões de reais de um fundo de investimento coordenado pelo Itaú.

Olho no futuro

Agora com Lula, Henrique

Meirelles falará a empresários de criptomoedas, em SP, sobre “perspectivas para 2023”.

Money talks

Reginaldo Boeira, CEO da KNN Idiomas, vai investir 30 milhões de reais na abertura de 100 novas escolas do grupo no Brasil em um ano.

Ficou barato

A atriz **Marina Ruy Barbosa** luta nos tribunais contra o uso indevido de sua imagem em propagandas de roupas. Num caso, a Justiça concedeu indenização de 40 000 reais à atriz, mas o cachê dela, na ocasião, era de 70 000 reais. Ela diz que o baixo valor das indenizações incentiva transgressões. ■

INSTAGRAM @MARINARUYBARBOSA

TEM DE PAGAR
Marina: briga na Justiça por uso indevido de imagem

A CAÇA AO VOTO ÚTIL

Lula intensifica campanha para tentar vencer no primeiro turno, com arco maior de alianças, críticas contundentes ao presidente e apoio em peso de artistas e de parte da sociedade civil. Não será fácil

LAÍSA DALL'AGNOL, SÉRGIO QUINTELLA, JOÃO PEDROSO DE CAMPOS E **REYNALDO TUROLLO JR.**

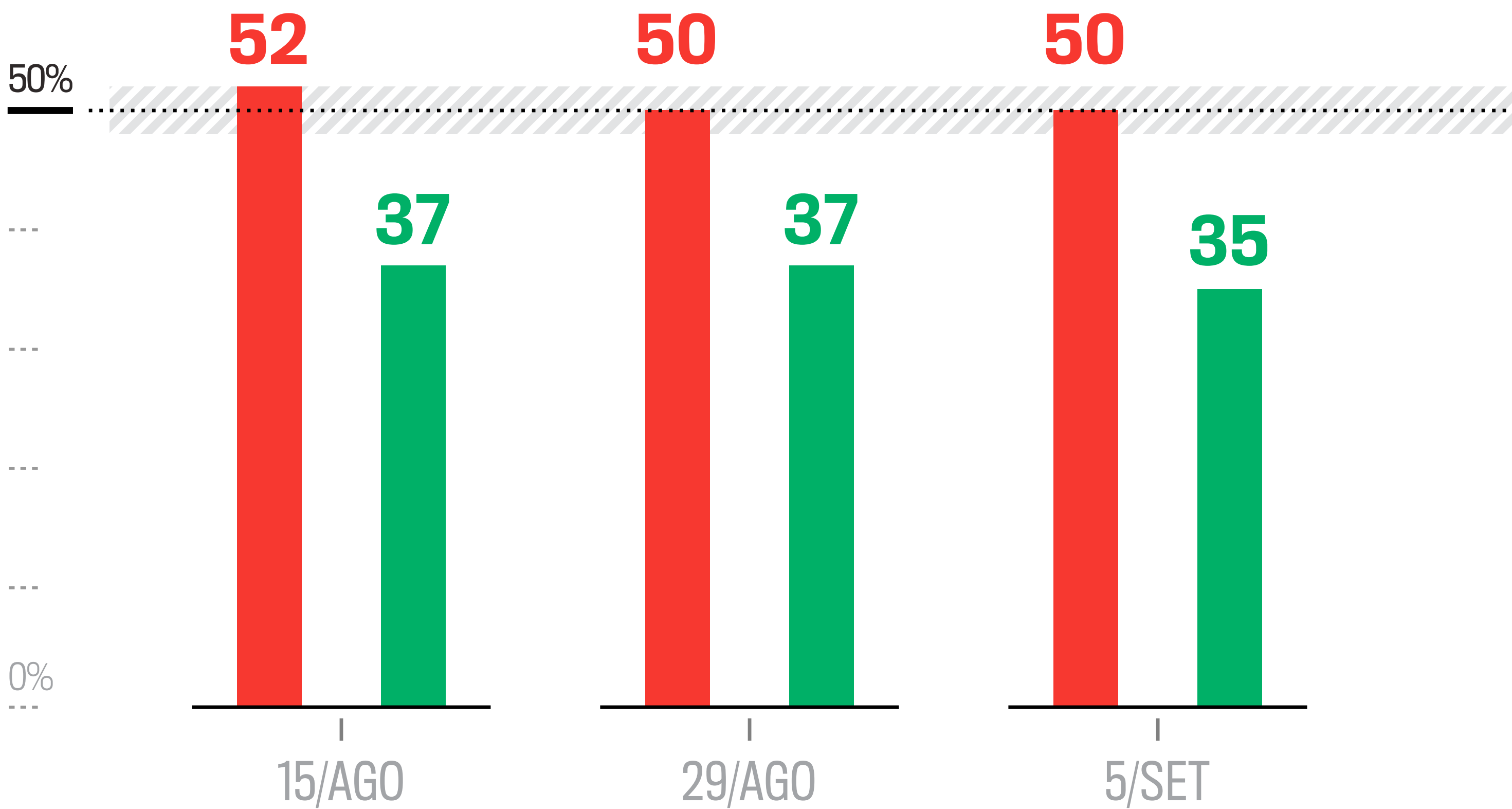
GESTO DE UNIÃO O petista em encontro em São Paulo na última segunda, 19, para anunciar o apoio de oito ex-candidatos à Presidência, incluindo o ex-ministro Henrique Meirelles: articulações para criar uma frente suprapartidária anti-Bolsonaro

RICARDO STUCKERT

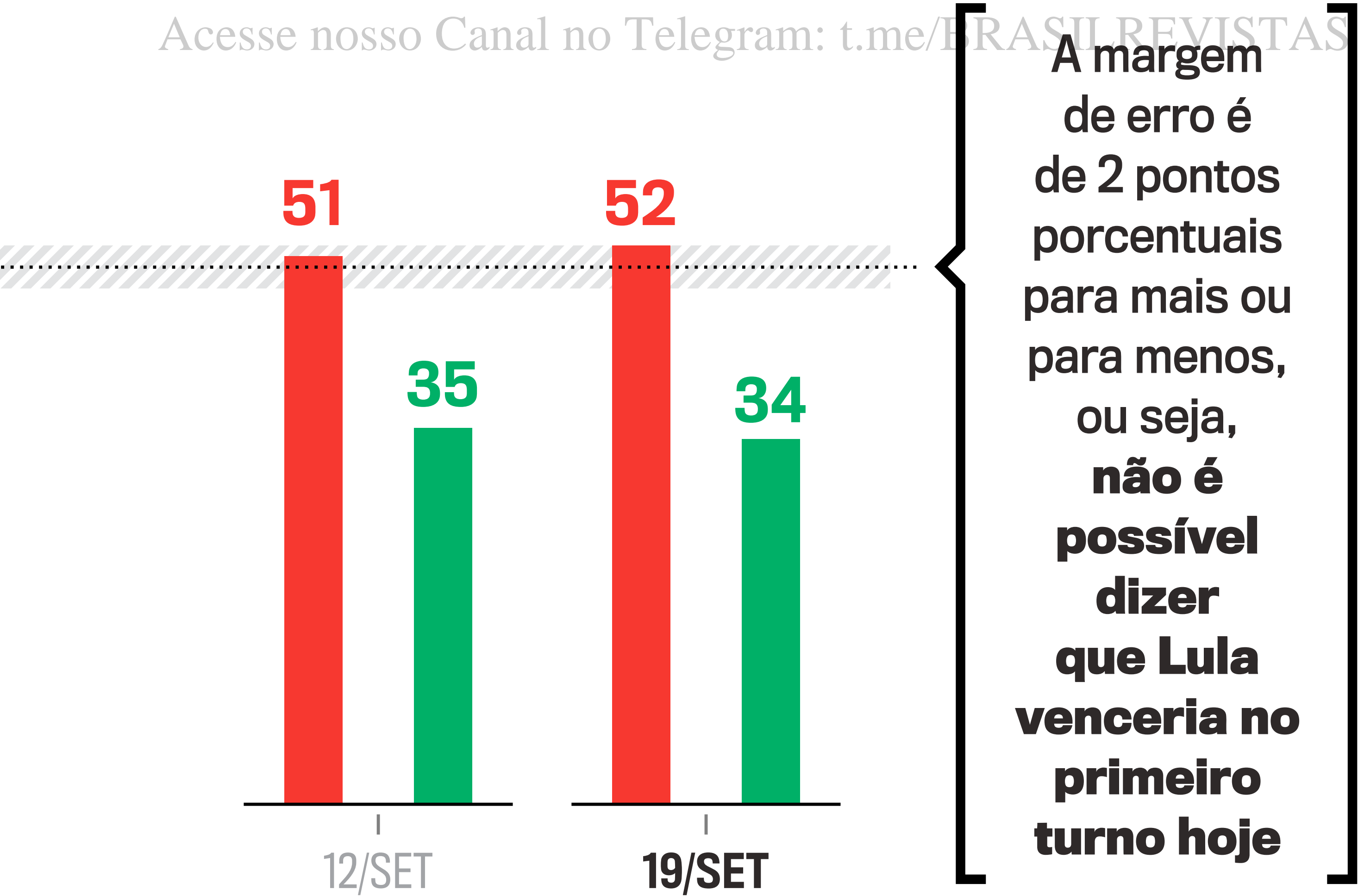
CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK

A poucos dias da eleição, entre milhares de outras preocupações políticas, o candidato na dianteira da corrida ao Palácio do Planalto enfrenta um dilema pessoal: Luiz Inácio Lula da Silva precisa urgentemente descansar a voz. Problema antigo, mas agravado na época do bem-sucedido combate a um câncer de garganta, em 2011, a rouquidão deu as caras nos últimos meses com força total, fruto das agendas pesadas de campanha. Apesar do problema, não existe a menor chance de o petista poupar as desgastadas cordas vocais, pois é o momento em que ele precisa mais falar, de forma a manter o favoritismo que voltou a embalar os sonhos de uma vitória em primeiro turno — muito difícil, mas não totalmente improvável.

Para se ter uma ideia do tamanho do desafio, desde a redemocratização, só duas vezes um candidato levou em primeiro turno (FHC em 1994 e 1998). Lula, mesmo com popularidade altíssima em 2006, não conseguiu esse feito. Por isso mesmo, sempre que pode, ele faz ao seu entorno a pregação das sandálias da humildade. “Sola de sapato”, costuma repetir, indicando que ninguém pode relaxar na campanha. Ao mesmo tempo, no entanto, deu o sinal verde para o PT iniciar com força a caça ao Santo Graal em 2 de outubro. O movimento ocorre num crescendo, tendo Lula como principal garoto-propaganda: “De todas as eleições que eu participei, nunca tivemos a chance de resolver no primeiro turno como temos nessas eleições”, disse.

A análise do ex-presidente encontra respaldo nos movimentos detectados pelas últimas sondagens eleitorais. No levantamento Ipec divulgado na segunda 19, ele aparece com 52% dos votos válidos, porcentual que, em tese, seria suficiente para liquidar a corrida. O problema: como a margem de erro é de 2 pontos porcentuais para mais ou para menos, não é possível cravar com segurança que isso ocorrerá, caso o cenário se confirme. Além disso, outros

Fonte: *pesquisa Ipec divulgada na segunda-feira 19*

institutos deram na mesma semana um porcentual menor, como a Quaest, que apontou na quarta 21 que o ex-presidente teria 48,9% dos votos válidos. Por outro lado, o mesmo levantamento mostrou que 26% dos entrevistados que não declaram preferência por Lula afirmaram que podem mudar o voto se isso for necessário para o petista vencer já no primeiro turno.

Criada para pegar o vácuo das pesquisas recentes, a estratégia petista declarada de tentar antecipar o triunfo se desdobra em várias frentes. Nas articulações políticas, Lula tem contado com o apoio discreto — mas eficiente —

do vice Geraldo Alckmin (PSB) junto a setores ainda refratários à candidatura. Embora o ex-tucano participe ativamente de eventos públicos ao lado de Lula, seu papel na campanha tem se concentrado fora dos holofotes. Sobretudo na reta final da campanha, teve encontros individuais e recorrentes com representantes do empresariado e da indústria de diversos estados, como São Paulo, Minas Gerais, Rondônia e Goiás — esses últimos, fortes redutos bolsonaristas —, e da saúde — principalmente administradores de Santas Casas — utilizando de seu currículo de médico e experiência como gestor.

O legado de Alckmin como o mais longevo governador de São Paulo, inclusive, tem sido peça central para dialogar com lideranças do estado que é o maior colégio eleitoral do país. São ao menos três reuniões por dia com prefeitos do imenso e populoso interior paulista — a região tradicionalmente não vota no PT, mas vê no "doutor Geraldo" uma figura de "previsibilidade, credibilidade e estabilidade", como o ex-governador tem repetido publicamente à exaustão. O posto de "fiador" do ex-tucano tem contribuído, ainda, para o embarque de nomes de centrodireita no projeto-Lula: os mais recentes foram os do ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles (União Brasil) e do ex-prefeito do Rio Cesar Maia (PSDB).

Embora perdurem internamente no PT as queixas de falta de dinheiro para a mobilização de campanha de rua, o partido tem focado, ainda, em grandes eventos junto à

MARX VASCONCELOS/FUTURA PRESS

ALVO 1 Ciro Gomes: tentativa de evitar a sangria de votos e a fuga de aliados

militância. A coordenação de Lula viu com otimismo o resultado de atos recentes e reservou os últimos dias antes do primeiro turno para intensificar ainda mais as visitas no Sudeste. O roteiro inclui uma visita a Ipatinga, no Vale do Aço mineiro — Minas é o segundo maior estado em número de eleitores e, em algumas regiões, vê estreita a margem entre Lula e Bolsonaro —, um ato no Rio de Janeiro ao lado de Eduardo Paes (PSD) e uma visita à Bahia, onde o objetivo será também estimular a candidatura de Jerônimo Rodrigues (PT) ao governo estadual. Num estado em que quase 60% da população é negra, a ideia é explorar os deslizes do adversário ACM Neto (União), que recentemente declarou se enxergar como uma pessoa

FLICKR @SIMONETEBETMS

ALVO 2 Simone Tebet: declarações falando de "desrespeito" aos eleitores

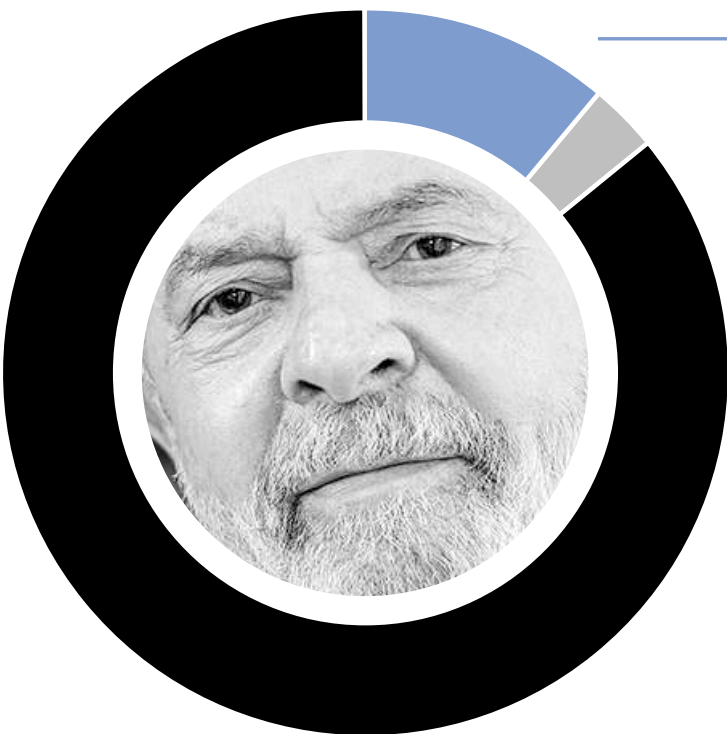
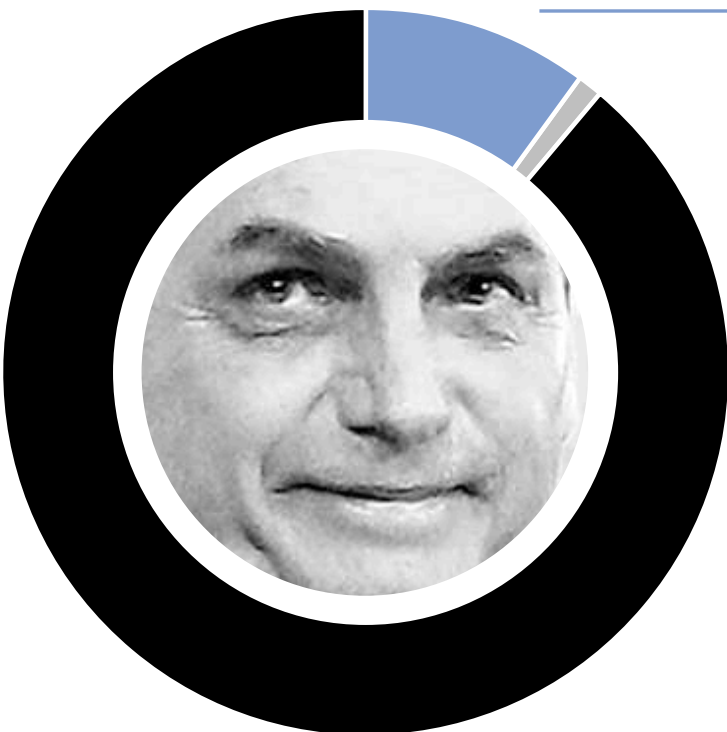
"parda". "A Bahia não perdoa", diz um petista da coordenação de Lula. A despeito do escorregão, ACM Neto ainda lidera com folga a corrida. Fora essas viagens, até 2 de outubro o "foco total" será São Paulo. Está prevista uma espécie de "show-comício" com personalidades no dia 26 em formato híbrido. Entre os dias 30 de setembro e 1º de outubro, a campanha estuda, ainda, um grande ato de rua, também na capital paulista.

Na frente de comunicação, o foco é bater na tecla da comparação entre Lula e Bolsonaro (numa dualidade entre bom e ruim, o propositivo e o caótico), sendo que a estratégia é dividida em duas. A primeira é a mais aparente e está sendo praticada na propaganda eleitoral do petista

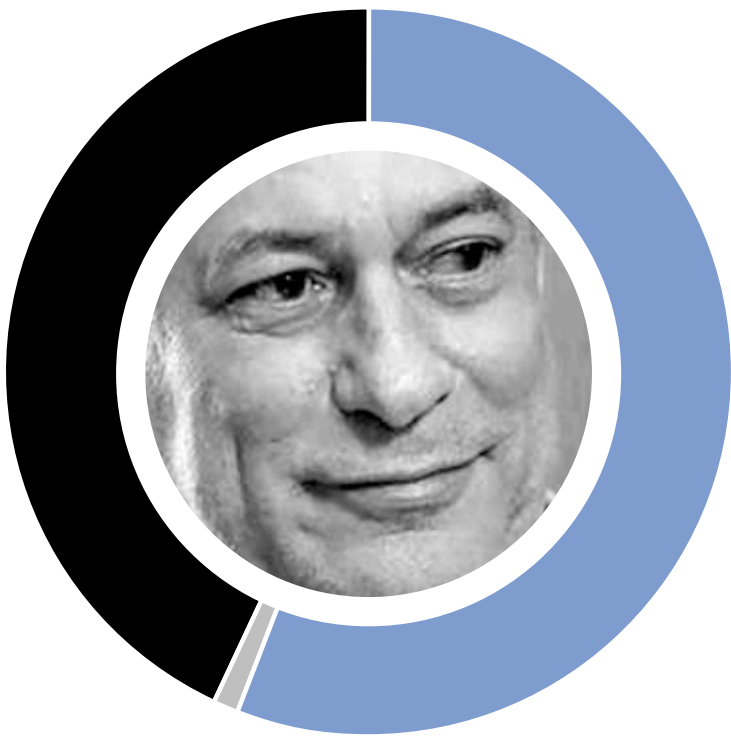
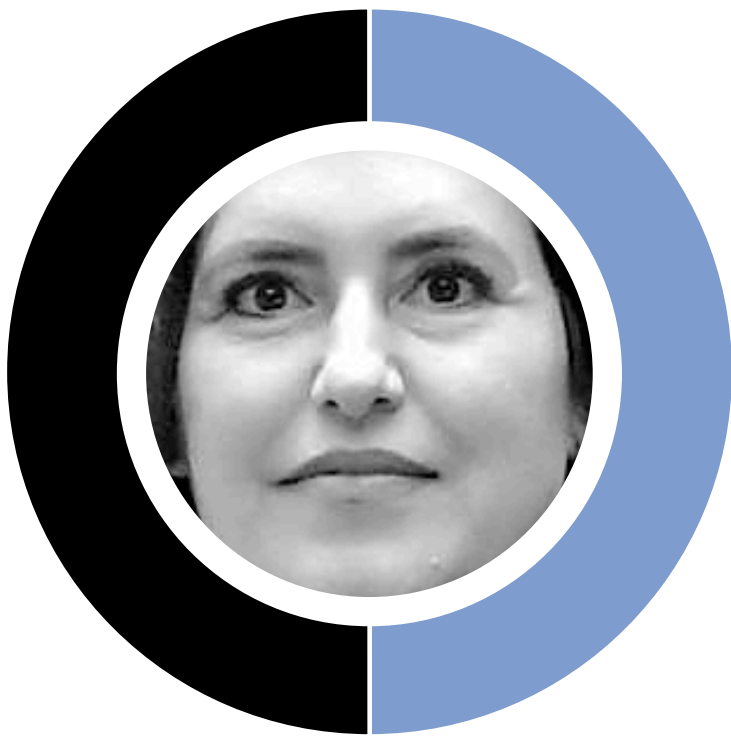
— as peças publicitárias têm subido o tom contra Bolsonaro ao compilar uma série de declarações do atual presidente zombando da pandemia, agredindo mulheres e fazendo pouco caso da economia e da camada pobre ao dizer que não existe fome no Brasil. Simultaneamente, as inserções também têm reunido manifestações de diversos

A CABEÇA DO ELEITOR

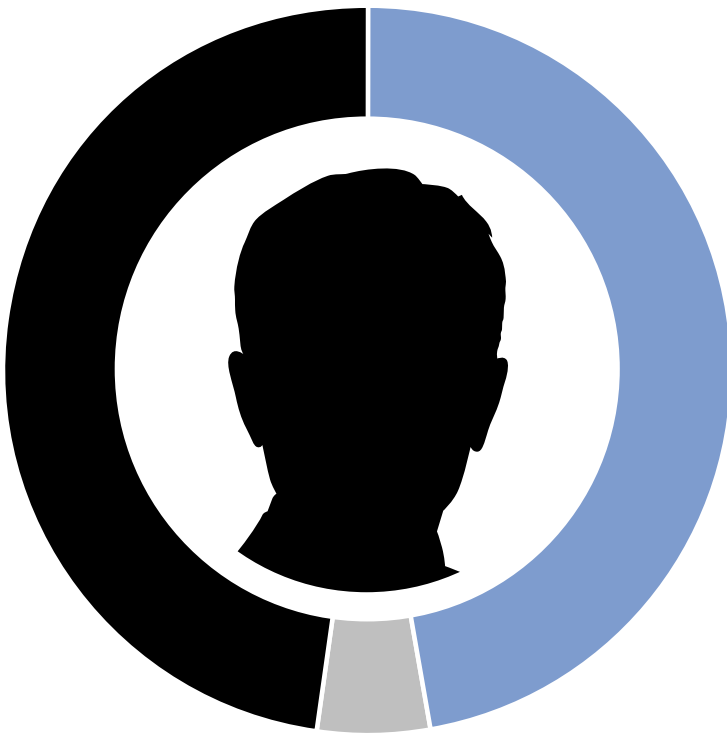
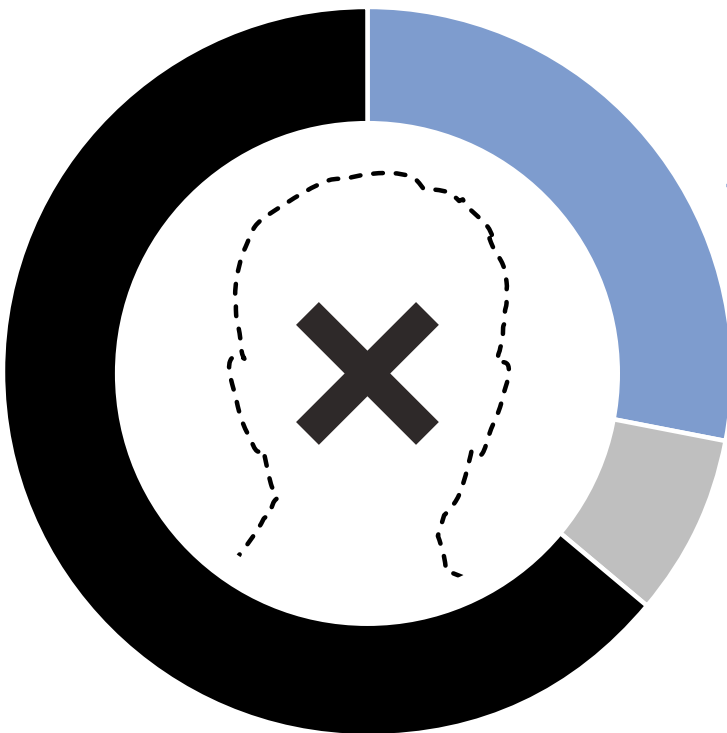
O que as pesquisas dizem sobre a migração de voto até o dia 2 de outubro

QUEM PODE TROCAR DE CANDIDATO

LULA

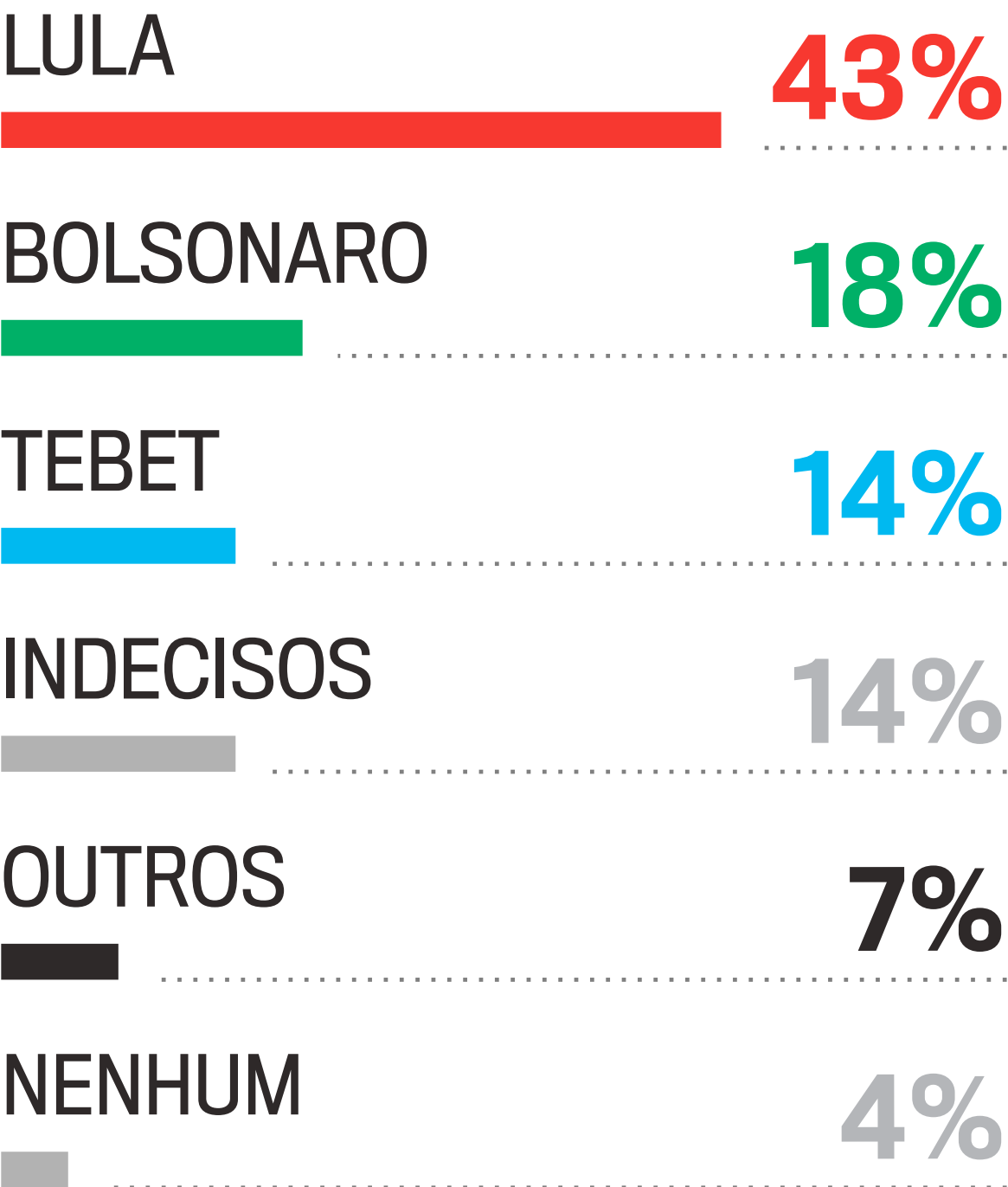
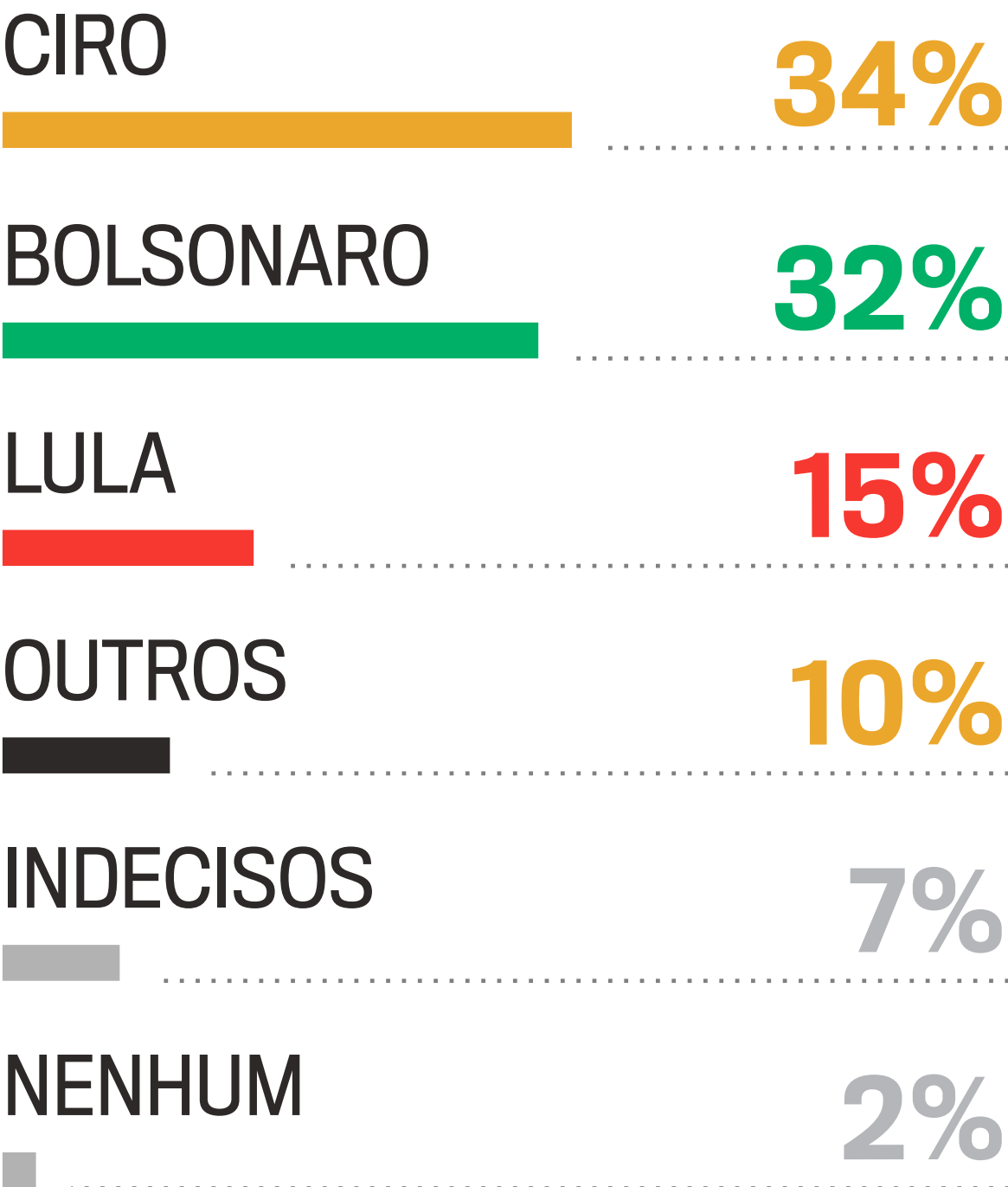
Fonte: *pesquisa BTG/FSB divulgada na segunda-feira 19*

atores e cantores a favor da candidatura de Lula. A tática de mobilizar a classe artística não é novidade — o que é novo é que esse apoio, outrora voltado ao "13" e ao "PT", agora ganhou outros ares e tem como objetivo extirpar Bolsonaro do poder já no primeiro turno. Em meio à sociedade civil, o Prerrogativas, grupo de advogados pró-Lula que praticamente lançou a candidatura num jantar em homenagem ao ex-presidente em São Paulo no ano passado, tem articulado fortemente nos bastidores. Uma das prioridades de suas lideranças, entre elas, o advogado Marco Aurélio de Carvalho, envolve relembrar extensivamente

em artigos os argumentos que possibilitaram a “inocência” de Lula. Na quinta 22, o Prerrogativas colocou no ar uma campanha própria pelo voto útil, com endosso de personalidades como Miguel Reale Jr., ministro da Justiça do governo de Fernando Henrique Cardoso e um dos autores da peça de impeachment de Dilma Rousseff.

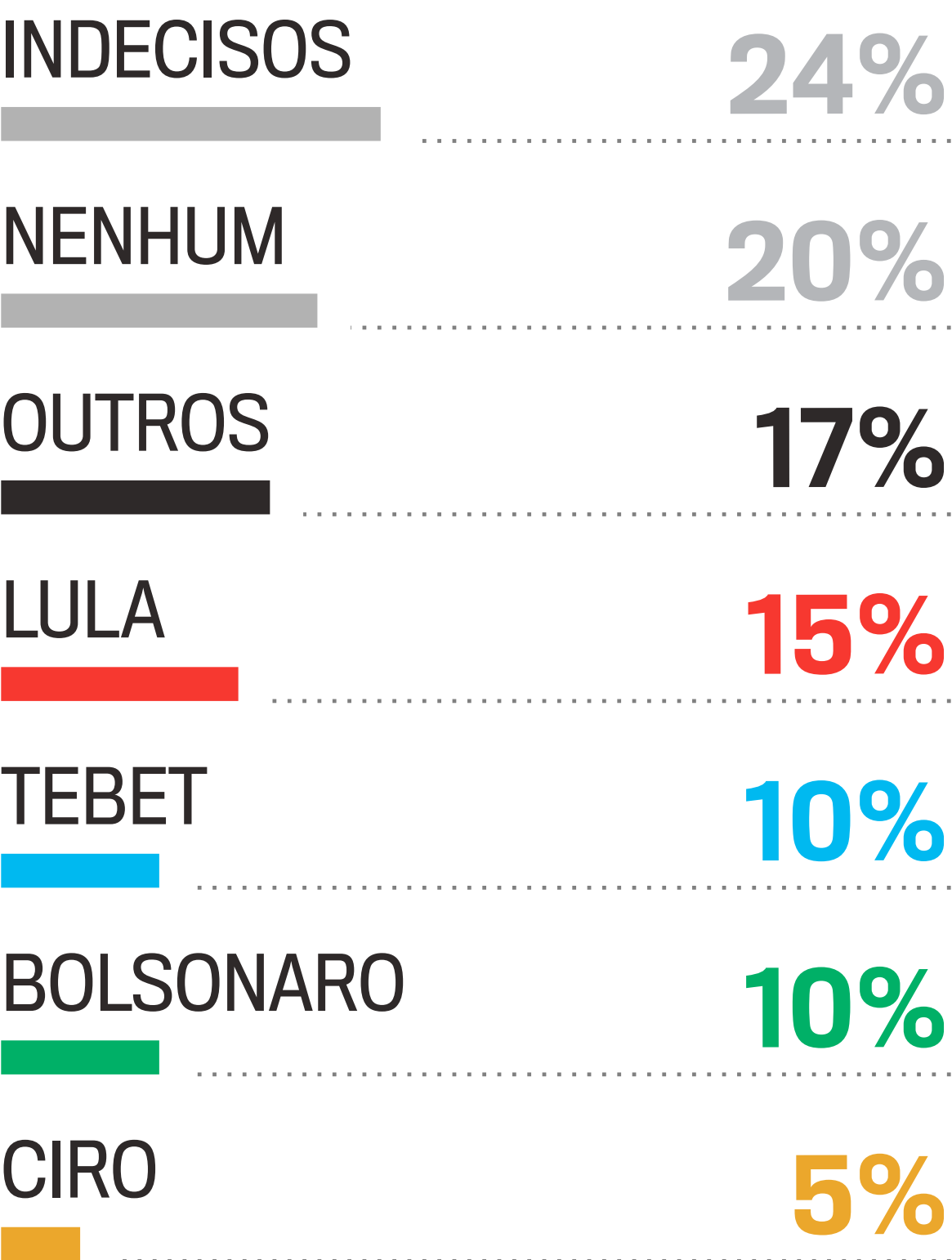
Na tentativa de arrancada final para chegar ao número mágico acima de 50% dos votos válidos, todas essas frentes de campanha têm como objetivo tirar em torno de 3 pontos porcentuais dos adversários. Em outros termos, isso implica mudar a opinião de pouco menos de 5 milhões

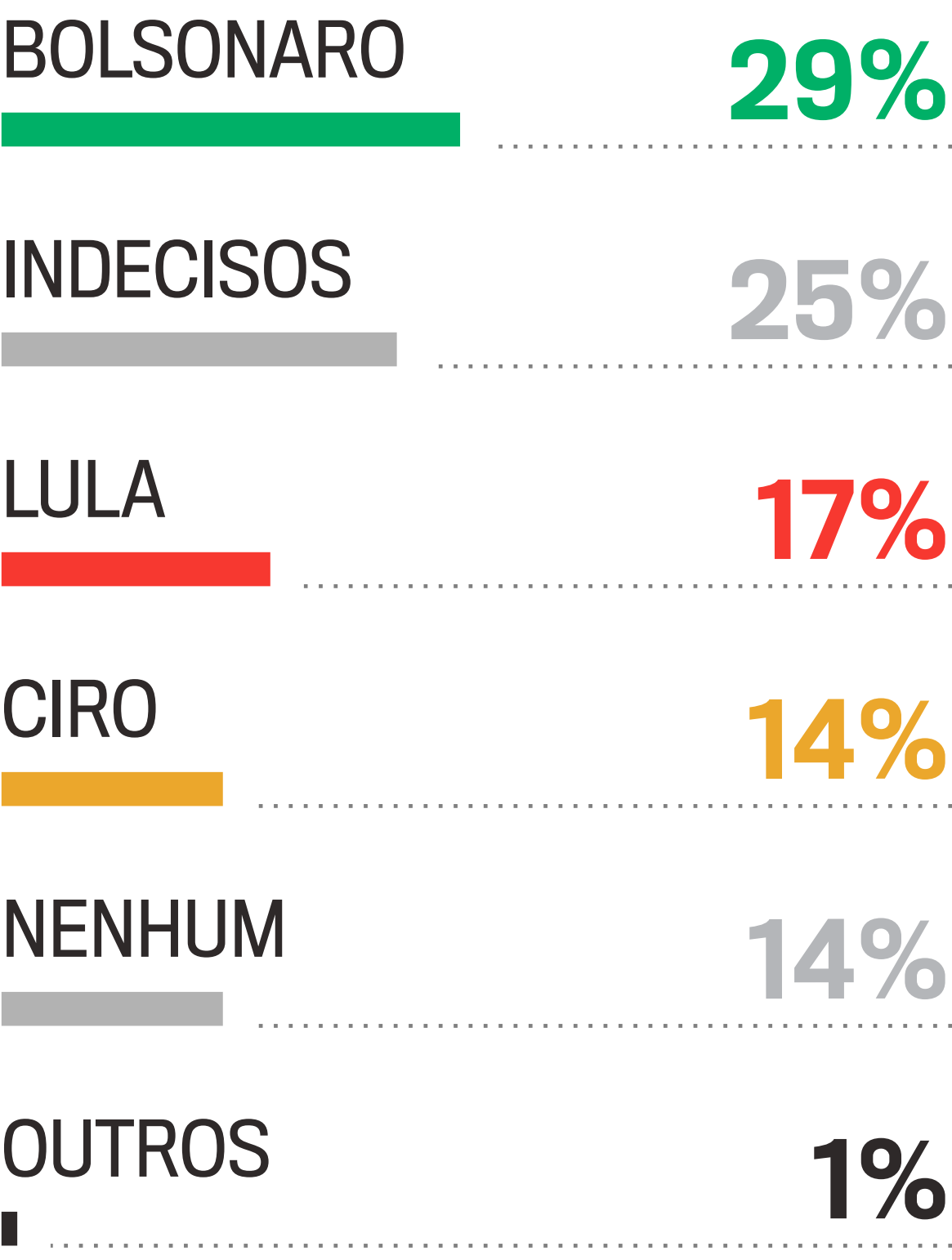
OUTROS CANDIDATOS

QUEM PENSA EM VOTAR EM BRANCO, NULO OU NENHUM

EM QUAL PRESIDENCIÁVEL O ELEITOR VOTARIA SE MUDASSE DE OPINIÃO

ELEITORES DE CIRO

Candidato	%
LULA	43%
BOLSONARO	18%
TEBET	14%
INDECISOS	14%
OUTROS	7%
NENHUM	4%

ELEITORES DE TEBET

Candidato	%
CIRO	34%
BOLSONARO	32%
LULA	15%
OUTROS	10%
INDECISOS	7%
NENHUM	2%

QUEM VOTA EM OUTROS CANDIDATOS

Candidato	%
INDECISOS	24%
NENHUM	20%
OUTROS	17%
LULA	15%
TEBET	10%
BOLSONARO	10%
CIRO	5%

QUEM PRETENDE VOTAR EM NENHUM, BRANCO OU NULO

Candidato	%
BOLSONARO	29%
INDECISOS	25%
LULA	17%
CIRO	14%
NENHUM	14%
OUTROS	1%

de eleitores não convictos, principalmente os da terceira via. Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB), seus principais alvos, possuem metade de adeptos dispostos a virar a casaca. Não é uma tarefa fácil, mas uma análise das sondagens recentes indica que pode ter se iniciado um movimento nessa direção. Excluindo Jair Bolsonaro (PL), os outros candidatos alcançam, juntos, pela última pesquisa FSB/BTG, 14% das intenções de voto, 5 pontos porcentuais a menos do que o verificado uma semana antes. “São indícios de movimentos de voto útil”, afirma Marcelo Tokarski, sócio-diretor do Instituto FSB Pesquisa.

Por estar em terceiro lugar, Ciro Gomes é naturalmente a principal vítima da campanha. Pesquisa Quaest mos-

trou que um terço de seus eleitores votaria em Lula para que o petista liquidasse a disputa no primeiro turno. Aliados do cearense têm classificado a ofensiva lulista como “absurda”. “É um atentado à democracia, uma violência política”, diz Ana Paula Matos, a vice de Ciro. Diante do risco de um esvaziamento ainda maior de sua campanha, o pedetista e seu estrategista de comunicação, João Santana, declararam guerra. Vídeos e postagens da campanha do candidato criticam abertamente o ataque. Nesse contexto, o mote de um “verdadeiro voto útil” em Ciro passou a circular em suas redes sociais, enquanto uma das peças chega a questionar o eleitor sobre como reagiria caso alguém lhe pedisse para abandonar sua fé, sua família e seu time de futebol em nome de motivos questionáveis. A rea-

RICARDO STUCKERT

NA RUA Comício em Florianópolis: a ideia é concentrar os próximos atos na Região Sudeste, sobretudo em São Paulo

ção não impediu Ciro de sofrer defecções em sua base. Dois membros do diretório nacional do PDT, os ex-deputados Cidinha Campos (RJ) e Haroldo Ferreira (PR), declararam voto em Lula. Na classe artística, dois dos apoiadores mais notórios, os cantores Caetano Veloso e Tico Santa Cruz, também anunciaram que optarão pelo ex-presidente, enquanto um movimento de militantes brizolistas pregou "voto consciente" em Lula.

Outro alvo do ataque especulativo, Simone Tebet tem repetido que essa estratégia do adversário é desrespeitosa com os eleitores. Dono da vaga de vice na chapa de Tebet (ocupada pela senadora Mara Gabrilli), o PSDB também entrou na mira da expansão petista. Emissários de Lula

SERGIO LIMA/AFP

ALEGRIA, ALEGRIA Caetano Veloso: estrela no elenco do show-comício

sondaram apoios de "tucanos históricos", como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o senador José Serra (SP), mas eles não vão declarar voto no petista no primeiro turno. Por outro lado, o cordão tucano pró-Lula recebeu algum reforço nesta semana. Uma ala do PSDB de Goiás aproveitou passagem de Geraldo Alckmin pelo estado para declarar apoio a Lula. Entre os articuladores do movimento estão o ex-deputado federal Giuseppe Vecci, que integra a Executiva Nacional do PSDB como tesoureiro adjunto, e o ex-governador de Goiás José Eliton, que trocou o ninho tucano pelo PSB neste ano. Outro nome de peso do PSDB a ter declarado apoio a Lula foi o do ex-ministro e ex-senador Aloysio Nunes Ferreira. "É importante

RICARDO STUCKERT

EVENTO Jantar no Prerrogativas: lançamento da candidatura no ano passado

derrotar Bolsonaro em defesa da democracia, dar a ele uma surra já no primeiro turno", diz Nunes. É provável também que, em breve, José Gregori, ministro da Justiça no governo FHC entre 2000 e 2001, faça o mesmo. Diretor-geral da Fundação FHC, o cientista político Sergio Fausto já disse que votará em Lula. FHC, aliás, depois de procurado pela campanha de Lula, emitiu na quinta 22 uma nota de recomendação de voto, mas sem mencionar qualquer candidato, na qual pede que os eleitores votem em 2 de outubro em quem tem compromisso com a democracia, entre outros pré-requisitos. Mesmo sem a menção a Lula, o posicionamento de FHC foi computado como uma vitória pela campanha petista.

Ao mesmo tempo em que lidera e estimula esses movimentos, Lula precisa ultrapassar os obstáculos e reduzir as derrapagens de sua campanha. O primeiro ponto a ser superado é o risco de abstenções não só nas franjas das metrópoles e nas regiões metropolitanas, onde o PT transita historicamente bem, mas também no eleitorado de classes mais baixas nos grotões nordestinos. No primeiro turno de 2018, quase 30 milhões de eleitores não compareceram às urnas. "Vamos reforçar nas redes e na TV, inclusive com exemplos, a importância de as pessoas irem votar", afirma o ex-ministro Alexandre Padilha e um dos principais homens da campanha de Lula. Além de se preocupar com os faltosos, o ex-presidente precisa se esquivar dos crescentes

ataques promovidos por Bolsonaro, que já o chamou "ladrão" e "quadrilheiro". Por fim, o petista tem ainda contra si ele mesmo. Vira e mexe, escorrega em declarações, como as feitas à ultima edição da revista inglesa *The Economist.* Na matéria, ele disse que "o PT está cansado de pedir perdão" e defendeu que não há possibilidade de crescimento sem participação do Estado, declarações que não combinam com a estratégia da campanha de fazer um movimento em direção ao centro. A falta de um sinal claro de como será a economia e quem será o ministro da área em sua eventual administração também gera desconfianças *(veja a reportagem na pág. 46).*

Não é de hoje que os candidatos usam o apelo do voto útil. Há quatro anos, aliás, o atual presidente fez um mo-

vimento do tipo: "Bolsonaro pode estar a um Amoêdo ou a um Alvaro Dias de vencer no primeiro turno", disse Flávio Bolsonaro, no Twitter, às vésperas da eleição. O apelo não teve o êxito necessário para liquidar a fatura na primeira fase, mas provocou estragos. Aliás, quem mais perdeu eleitores foi Geraldo Alckmin, então no PSDB. Dos 8% na véspera, despencou para 4,8%. Agora, ironicamente, o ex-tucano faz parte da força-tarefa de Lula. O movimento tem sido executado com muito cuidado para não destruir pontes com os alvos da campanha caso o PT necessite dos mesmos aliados na segunda etapa (Simone Tebet já deu o alerta de que o MDB pode liberar seus quadros na etapa final caso os ataques persistam). De qualquer forma, mesmo

se isso não for suficiente para encerrar o pleito em 2 de outubro, o entorno de Lula acredita que o esforço vai ajudá-lo a chegar mais forte à fase decisiva, na qual pesa um outro dado histórico a favor do petista: desde a redemocratização, nunca houve virada de jogo entre o primeiro e o segundo turno presidenciais. A conferir. ■

DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO

O CARA Lula: no livro, um líder singular, transformador e aberto ao diálogo

BIOGRAFIA SOB MEDIDA

Num livro incensado pelas hostes petistas, historiador americano diz que Lula é o "Pelé" da política brasileira e que a corrupção na Petrobras foi uma "crença" para prender o ex-presidente **HUGO MARQUES**

“Lula é um dos políticos mais bem-sucedidos do mundo – o Pelé da política eleitoral presidencial global – e a estrela mais brilhante no céu político do Brasil”

POR SETE ANOS, o americano John French, professor de história da Universidade Duke, no estado da Carolina do Norte, revirou arquivos, consultou documentos, ouviu especialistas, entrevistou pessoas e reconstituiu os principais fatos da carreira do ex-presidente Lula. O resultado é um calhamaço de 687 páginas intitulado *Lula e a Política da Astúcia,* lançado recentemente pela Editora Expressão Popular em parceria com a Fundação Perseu Abramo, entidade ligada ao PT. É um trabalho interessante para quem ainda desconhece detalhes da vida do migrante que fugiu da fome e da seca, fez carreira no sindicalismo, promoveu greves durante a ditadura, criou um partido político e chegou ao topo ao se eleger presidente da República. Praticamente dois terços da obra são dedi-

CADU GOMES/AG. O GLOBO

EFEITO Bolsonaro: na visão do autor, o resultado da decomposição política

cados à análise de como foi forjada a personalidade singular do líder descrito pelo autor como transformador, aberto ao diálogo, lutador quando preciso, permeável às diferenças e reconhecido em todo o mundo — não por acaso exatamente as mesmas virtudes destacadas pela campanha do ex-presidente.

A segunda parte do livro sobrevoa os oito anos de mandato de Lula, a escolha de Dilma Rousseff para suceder-lhe, os escândalos durante os governos petistas, a condenação, a prisão e a descondenação do ex-presidente por corrupção (é aqui que a obra começa a desandar). O primeiro mandato do petista é resumido pelo historiador como modesto, com destaque para a implantação do programas de redução da pobreza absoluta, especialmente o Bolsa Família. Já o segundo

“O atual presidente do país é um ogro fascista de extrema direita, voz arrogante e irresponsável do porão do regime militar, que torturou o irmão de Lula e matou centenas de cidadãos sem piedade”

mandato é classificado como “verdadeiramente surpreendente” em razão dos resultados de políticas sociais que, segundo números reproduzidos pelo autor, geraram 15 milhões de empregos formais, retiraram 23 milhões de brasileiros da linha da pobreza e alçaram outros 30 milhões ao status de classe média baixa. French destaca também o crescimento do PIB, o aumento da renda, a diminuição da desigualdade e a criação de um universo de consumidores ativos — não por acaso fatos que a campanha do ex-presidente também ressalta nos programas eleitorais.

O trabalho do historiador, no entanto, é absolutamente parcial quando se trata da marca mais deletéria dos governos petistas: a corrupção. O mensalão, por exemplo. Em 2005, descobriu-se que a cúpula do PT estava no comando

PELA CAUSA John French: o autor pagou a tradução do livro do próprio bolso

de um engenhoso esquema de desvio de dinheiro dos cofres públicos. Amigos e auxiliares do então presidente Lula foram condenados e presos por usar recursos roubados para subornar parlamentares e garantir que assuntos de interesse do governo fossem aprovados no Congresso. Um dos envolvidos no escândalo confessou à polícia que Lula sabia das irregularidades. O ex-presidente, no entanto, nunca foi admoestado. No livro, a palavra mensalão aparece apenas três vezes, duas delas para lembrar que Dilma Rousseff emergiu a partir da queda de José Dirceu, o ex-chefe da Casa Civil e homem de confiança de Lula que comandava o esquema, e outra para lembrar que o caso gerou um “processo sem precedentes de perseguição e prisão de alguns dos principais colaboradores de Lula”.

“Uma operação tão massiva foi designada para fomentar a crença de que a corrupção na Petrobras, que inicialmente estimulou a Lava-Jato, havia se estendido até o ex-presidente do Brasil”

Já com o petrolão, a omissão é ainda mais gritante. O maior caso de corrupção da história identificou um grupo de empreiteiras, partidos políticos que apoiavam o governo, dirigentes do PT e servidores que se uniram num esquema que desviou ao longo de uma década quase 10 bilhões de reais dos cofres da Petrobras. O dinheiro foi usado, entre outras coisas, para custear as campanhas políticas de Lula e de Dilma. Dessa vez, porém, Lula não foi poupado. As investigações da Operação Lava-Jato constataram que o ex-presidente não só se beneficiou politicamente do esquema como recebeu sua parte das empreiteiras. Em 2018, o petista foi condenado e preso. Três anos depois, o Supremo Tribunal Federal anulou a condenação, sob o argumento técnico de que a Justiça do Paraná, onde o processo foi julgado, não era o foro

VAGNER ROSARIO

PETROLÃO João Vaccari: o poderoso tesoureiro do PT foi preso

adequado. O caso, portanto, deveria voltar à estaca zero. Lula foi solto em 2019, recuperou os direitos políticos, anunciou sua candidatura à Presidência e hoje lidera a corrida ao Palácio do Planalto. Desde então, o ex-presidente repete que foi inocentado, o que não é verdade, e atribui sua condenação à perseguição pessoal do então juiz Sergio Moro, com o apoio das elites e da mídia. A biografia avaliza essa versão.

Claramente enviesado, John French descreve a Lava-Jato como uma “operação massiva para fomentar a crença de que a corrupção na Petrobras havia se estendido até o ex-presidente”. Lula, segundo ele, foi transformado em chefe de uma quadrilha, numa orquestração para evitar que ele voltasse ao poder. O livro não cita que, além de Lula, foram presas outras 294 pessoas e que os criminosos não só con-

“HÁ CORRUPÇÃO EM TODOS OS GOVERNOS”

Por que o interesse pelo ex-presidente Lula? Eu me interessei por ele em 1979, por causa das greves dos metalúrgicos, que saíram nas primeiras páginas do *New York Times.* Havia artigos nos jornais sobre greves em multinacionais e uma ditadura militar no Brasil. Comecei a estudar português. Lula estava com 34 anos.

Como Lula e o PT são vistos fora do Brasil? O PT não é visto como sendo uma grande ameaça comunista, mas mais como fruto da democratização. Os americanos sabem muito pouco sobre o Brasil, mas a reação é de simpatia política pelo PT e por Lula, uma simpatia difusa.

O que mais chama atenção na carreira do ex-presidente? Mesmo quando você acha que ele acabou, ele continua sobrevivendo. Poucas pessoas acreditavam que era possível ele sair do sindicato, formar um partido e disputar uma eleição. Em 2018, quando ele foi para a cadeia, ninguém imaginava que ia sair,

recuperar os direitos políticos e se candidatar com boas chances de ganhar. É uma história muito incomum, que desperta interesse em qualquer um.

O PT já foi descrito como uma organização criminosa. Acho que na política você tem sempre exageros. Um bom exemplo de exagero aconteceu na Lava-Jato. Os brasileiros acreditavam que as investigações eram honestas, mas não eram.

No livro o senhor não fala muito dos escândalos

nem sobre os aliados de Lula condenados por corrupção. Derrubaram os dirigentes nacionais do PT a partir de 2005. As pessoas pagaram um preço alto por isso. O mensalão não é igual à Lava-Jato, em termos do que foi feito. Mas minha pesquisa foi sobre as origens e as raízes de Lula.

Afinal, em sua visão, houve ou não corrupção no governo Lula? Há corrupção em todos os governos. A fraqueza humana e a tentativa de fazer coisas desonestas fazem parte de todos os governos. Bolsonaro, ao dizer que não tem corrupção no governo dele, está mentindo.

Quem é o Lula que eclode da biografia? Lula tem uma originalidade muito difícil de encontrar. Participei de debates sobre outros dirigentes de origem operária que conseguiram ser eleitos. Lula é um fenômeno porque consegue atrair quem não sabe a diferença entre esquerda e direita.

E o presidente Bolsonaro? Acho que ele é outro bom exemplo de mobilidade social. Mas ele mal sabe formular uma frase, é uma pessoa muito emocional e não é um articulador. Bolsonaro não é uma grande figura política.

Qual a previsão que o senhor faz para as eleições? O lado que apoia o Lula está esperando a vitória dele no primeiro turno. Se conseguirem, vai ser histórico. Mas Lula vai ganhar no segundo turno.

Incomodam as críticas de que a biografia é "chapa-branca"? Conheço a expressão "chapa-branca". Tem gente que diz coisas que não são honestas. Eu queria que o livro fosse publicado em português. Estava esperando que editoras brasileiras fossem atrás, mas foi difícil. Tive de pagar a tradução e renunciei aos direitos autorais, não vou receber nada. Foi coincidência o livro sair pouco antes da eleição.

IVAN PACHECO

BAIXA Dirceu: o braço direito de Lula e cérebro do PT foi condenado

fessaram como devolveram 6 bilhões reais do dinheiro roubado. Não cita também que o presidente ganhou 27 milhões de reais ministrando "palestras" pagas pelas empreiteiras envolvidas no escândalo ou a incrível ascensão financeira de um de seus filhos, que de um humilde tratador de animais de zoológico se transformou num bem-sucedido empresário que faturou mais de 100 milhões de reais durante os governos petistas. Para o historiador, nada foi descoberto que incriminasse o ex-presidente. "Promotores e juízes tinham de trabalhar com o que eles tinham: um modesto apartamento no litoral de São Paulo, do qual ele nunca havia sido dono, e uma fazenda cujos donos eram velhos amigos" — referência ao notório tríplex do Guarujá, cuja reforma foi

“Quando o escândalo de corrupção do mensalão surgiu, em 2005, a muito alardeada crise decapitou a liderança petista e levou a um processo sem precedentes de perseguição e eventual prisão de alguns dos principais colaboradores de Lula”

bancada por uma empreiteira envolvida no escândalo, e do sítio de Atibaia, que Lula passou a frequentar depois de deixar a Presidência, também beneficiado com reformas pagas pelas empreiteiras do petrolão.

A gênese da Lava-Jato estaria na “batalha política antiética travada pela classe dominante e pelo PSDB”, que articularam o impeachment de Dilma, “um golpe parlamentar”. “Eles enxergaram uma oportunidade para finalmente desgraçar a vida de Lula e destruir sua proeminência nacional, que eles consideravam não merecida e perniciosa.” Para o historiador, Dilma, assim como o ex-presidente Getúlio Vargas, foi vítima de um ataque orquestrado pelas classes alta e média, incentivado pela grande mídia e por

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

PROCESSO Dilma Rousseff: mandato cassado pelo Congresso

interesses econômicos, conspirata que, aliás, resultou no fenômeno Jair Bolsonaro, “um ogro fascista de extrema direita”, uma “voz arrogante e irresponsável do porão do regime militar, que torturou o irmão de Lula e matou centenas de cidadãos sem piedade e sem julgamento” — outra assertiva que, não por acaso, também é consenso na pregação da campanha petista.

Desde o início do mês, John French está no Brasil promovendo a biografia de Lula. Já participou de eventos em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza e Brasília. Pesquisador de temas relacionados à política, economia e cultura do país, o professor conta que não está recebendo um centavo pelo trabalho, lançado nos Estados Unidos. Ao

“A articulação pelo impeachment refletiu o desejo de voltar ao passado por meio de um golpe parlamentar que não se enquadrava em normas constitucionais”

contrário. Ele abriu mão dos direitos autorais e pagou a tradução do próprio bolso *(leia a entrevista na pág. 32).* Um detalhe importante: logo no início do livro, o autor faz a seguinte ressalva: “Com o passar do tempo, o que são agora observações preliminares serão sem dúvida seguidas de análises mais robustas do impacto de longa duração da era Lula-Dilma em termos do que mudou, do que não mudou, e do que ela significou para cada um”. Seria precipitado, de acordo com essa visão, classificar a biografia como chapa-branca, apesar de ela ter sido lançada às vésperas da eleição, divulgada por uma instituição ligada ao PT e escrita por um declarado admirador do ex-presidente. Mas é exatamente o que ela passa. ■

TUDO POR UM PALANQUE

Repetindo o que tem feito aqui dentro, Bolsonaro foi a Londres e Nova York em viagem oficial e usou a maior parte do tempo para reforçar sua campanha à reeleição **RICARDO FERRAZ**

MENOS ATRITO Bolsonaro na ONU: lista de "feitos" do governo

ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES

JAIR BOLSONARO não é dos presidentes mais chegados a viagens ao exterior e, ainda por cima, está mergulhado em uma espinhosa disputa eleitoral, na qual vem se mantendo atrás de Lula nas pesquisas de intenção de voto. Era de esperar, portanto, que nem fosse aos funerais da rainha Elizabeth II em Londres ou, caso decidisse ir, faria uma visita rápida e protocolar. Pois Bolsonaro cercou a passagem na capital britânica de grande estardalhaço, emendada a um bate e volta de dois dias a Nova York, para a abertura da Assembleia Geral da ONU. Interromper a agenda de comícios para empreender seu périplo internacional tinha um propósito previamente traçado: polir a imagem de mandatário que circula ombro a ombro com os mais in-

fluentes líderes mundiais. Em outras palavras, serviria para dar um gás à campanha pela reeleição, em registros depois exibidos no horário eleitoral gratuito.

A presença nos funerais da rainha, sempre em companhia da primeira-dama Michelle, foi uma desbragada exibição do candidato Bolsonaro. Faziam parte da comitiva o coordenador de comunicação da campanha, Fabio Wajngarten; o primeiro-filho e deputado, Eduardo Bolsonaro (a sumidade do clã em assuntos internacionais); um pastor evangélico, Silas Malafaia; e um padre católico, Antônio de Araújo. Mal chegou à embaixada brasileira, no domingo 18, ele apareceu em uma sacada e, diante de cerca de 200 apoiadores, pronunciou um descabido discurso eleitoreiro: classificou o Brasil de “terra prometida” e sua gestão como “mis-

MANUELA LOURENÇO/DIVULGAÇÃO

PROTESTO Projeção no prédio das Nações Unidas: nem tudo é grito de "mito"

são de Deus para salvar o país" e, apontando para as pessoas na rua, pronunciou o temido "não tem como não ganhar no primeiro turno", sua mal velada e sempre repetida reação antecipada a um mau resultado nas urnas.

Em seguida, visitou o caixão de Elizabeth II em Westminster — ele, Michelle e o inseparável Malafaia. O pastor, inclusive, disse que embarcou na viagem "em missão espiritual" e elogiou a organização: "Se fosse no Brasil, seria uma esculhambação". À noite, gravou um vídeo em um posto de

gasolina, postado em redes sociais, comparando o preço do combustível aqui e lá, como se não houvesse abissal diferença de poder aquisitivo entre as duas populações. Entre rapapés e encontros com apoiadores, no domingo à noite, Bolsonaro e a mulher foram recebidos no Palácio de Buckingham pelo rei Charles III e pela rainha consorte Camilla, ao lado de centenas de chefes de Estado e de governo. Evidentemente, fez questão de ser fotografado na rápida troca de palavras (associado a um inconveniente tapinha no braço real e um sorriso desnecessário). Disse ter se sentido lisonjeado com o fato de o monarca mencionar a ocasião em que os dois se conheceram, em Tóquio, na ascensão do imperador Naruhito ao trono, em 2019. Em um momento

tenso (o presidente não estava presente), bolsonaristas entraram em choque com um brasileiro que os criticou. A cena, em plena rua, incomodou um britânico que pediu mais respeito ao luto do país, em cena gravada.

Na avaliação da campanha bolsonarista a viagem foi "espetacular", pela proximidade com a família real e pelas mostras de apoio de eleitores do outro lado do Atlântico. "O funeral dominou a mídia do mundo inteiro", comemorou o coordenador Wajngarten. Encerradas as homenagens, Bolsonaro seguiu na segunda-feira 19 para Nova York — o Brasil, por tradição, abre os discursos na Assembleia da ONU. Enquanto ele desembarcava, as redes mostravam um vídeo da imagem raivosa de Bolsonaro projetada no prédio da organização, com a palavra "vergonha" em vários idiomas.

FERGUS BURNETT

RINDO À TOA Com o rei Charles III, no Palácio de Buckingham: tapinha inconveniente no braço do monarca britânico

A fala do presidente, no entanto, em que pesem as distorções da verdade, foi considerada menos provocadora e mais amena que as anteriores. "Em Londres, foi o Bolsonaro raiz. Em Nova York, foi o Itamaraty raiz", diz o ex-embaixador Sérgio Amaral. Em 2020, na era Trump, ele lamentou a "cristofobia" e desancou o "socialismo globalista". Desta vez, vangloriou-se de haver extirpado "a corrupção sistêmica que havia no Brasil" e da produção própria de vacinas contra a pandemia — na verdade desdenhada por ele e deslanchada pelo ex-governador de São

ALAN SANTOS/PR

INTERESSE Com Putin: diplomacia ideológica

Paulo João Doria. Bolsonaro ainda elencou, sem compromisso com os fatos, benefícios distribuídos aos mais pobres e ações de combate à violência contra a mulher, recado a segmentos onde precisa de votos. Em outro ponto do discurso, pintou um róseo quadro de feitos na área ambiental e resgatou o discurso histórico de que o Brasil é parte da solução e não do problema. “Se o presidente soubesse se colocar de forma diplomática, o argumento até faria sentido”, diz Gustavo Poggio, professor de relações internacionais do Berea College, em Kentucky.

No atual governo, as relações internacionais brasileiras foram pautadas pelo alinhamento ideológico com líderes de direita — as reuniões bilaterais na ONU, não por acaso, ocorreram com os colegas da Polônia e Equador. Dias antes de a Rússia invadir a Ucrânia, em fevereiro, Bolsonaro visitou Putin e, desde então, todas as suas menções à guerra relativizam a responsabilidade de Moscou. Essa postura instala o Brasil em contraposição a boa parte da Europa e aos Estados Unidos —um dia depois de Bolsonaro, o americano Joe Biden fez na Assembleia Geral um duro discurso contra Putin (*leia na pág. 50*). “Pela relevância que tem, o Brasil conta com fichas em vários tabuleiros e não deveria se retirar de nenhum deles”, critica o ex-embaixador Marcos Azambuja. Depois de bater ponto na ONU, o presidente em viagem oficial reuniu apoiadores para mais uma sessão-comício em uma churrascaria brasileira. Em período eleitoral, parece valer tudo. ■

MURILLO DE ARAGÃO

UMA ELEIÇÃO E MUITAS DÚVIDAS

O risco de ruptura é mínimo, já o de algum tumulto pode ser maior

CHEGAMOS à reta final da campanha para o primeiro turno das eleições presidenciais. Nunca antes neste país, para repetir o bordão de um dos candidatos, tantas dúvidas pairaram sobre o processo eleitoral. São tantas que, para

enfrentá-las, seria necessário um espaço muito maior do que o desta coluna. Mas, com o desafio posto, vou tentar fazer um painel das dúvidas que assolam o processo. Responder a elas já é outro desafio que me reservo para ocasiões futuras.

A mais famosa é a dúvida que envolve a integridade das urnas eletrônicas. Introduzidas no país em 1996, nunca foram tão questionadas quanto à sua segurança, exceto, eventualmente, aqui e ali. Por outro lado, até hoje não houve prova de que foram fraudadas, seja porque são "infraudáveis", seja porque a fraude foi muito bem feita. Mas, de modo claro e assertivo, nunca houve polêmica tão intensa sobre o assunto. Aliás, não há debate do qual participe em que não haja pergunta sobre isso.

O desfile de dúvidas prossegue gerando receio de tumultos e até mesmo de tentativa de golpe de Estado, caso ocorra

algum resultado eleitoral, digamos, controverso. Há muitos anos não se duvidava da solidez da nossa democracia. Hoje, por causa de narrativas tresloucadas, o tema entrou no cardápio das incertezas. Em política tudo pode acontecer, até algo inesperado, mas, considerando-se as condições econômicas e sociais atuais, o risco de ruptura é mínimo. Já o risco de haver algum tumulto pode ser maior.

As dúvidas prosseguem. Poderá haver uma sabotagem ao longo do processo eleitoral, por exemplo, provocando-se um apagão no sistema e ampliando-se as dúvidas sobre a integridade das urnas? É um tema que preocupa pelo fato de existirem, em todos os quadrantes ideológicos do país, doidos o suficiente para promover atos reprováveis.

Cabe às autoridades eleitorais estarem preparadas para alguma crise. O sistema de contagem de votos, além de íntegro, deve ter redundâncias. E a hipótese de o sistema sair

“Os estúpidos, como disse Bertrand Russel, estão cheios de certezas. O momento exige cautela e reflexão”

do ar deve ser completamente afastada ou, pelo menos, amplamente minimizada.

Outra dúvida recorrente refere-se ao nível de precisão das pesquisas eleitorais. A existência de um grande número de pesquisas disponíveis, em vez de dar credibilidade à prática, deflagrou uma desconfiança generalizada. As pesquisas são questionadas tanto no que se refere à credibilidade de quem as conduz quanto no que tange à metodologia adotada e à forma de tratar os dados referentes, por exemplo, classe social, renda, religião.

As dúvidas em torno das pesquisas de intenção de voto geram afirmações "duvidosas" de que o candidato A, ou o candidato B, pode vencer já no primeiro turno. Ou afirma-

ções de que a mobilização nas ruas em favor do presidente Jair Bolsonaro (PL) prova que o ex-presidente Lula (PT) não lidera tais pesquisas. E que tudo seria fruto da imprecisão desse tipo de levantamento ou de uma conspiração nos moldes do que ocorreu no estado do Rio de Janeiro em 1982, no escândalo Proconsult. Os antigos vão se lembrar do caso.

Não há problemas em se ter muitas dúvidas sobre o processo eleitoral brasileiro. Afinal, faz parte da natureza humana duvidar das coisas. O problema é quando, em meio a tantas incertezas, os estúpidos, como disse Bertrand Russell, estão cheios de certezas. O momento exige cautela, sobriedade e reflexão. ■

“BOLSONARO É O VERDADEIRO TRAIDOR”

Quatro anos após ser eleita senadora na onda do capitão, a presidenciável Soraya Thronicke aproveita o palanque para fazer oposição e passa a ser alvo de ameaças **DIOGO MAGRI**

“MARRUÁ”
Soraya: sucesso ao se comparar a Juma, que vira onça em *Pantanal*

ANTONIO MILENA

NO MESMO DIA em que Jair Bolsonaro chegou ao Reino Unido para marcar presença na cerimônia do funeral da rainha Elizabeth II no domingo 18 *(veja a reportagem na pág. 34),* a senadora Soraya Thronicke, candidata à Presidência pelo União Brasil, protocolava uma ação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para impedir o uso eleitoral da visita — o que, como se viu, estava de fato nos planos do capitão. A parlamentar faria a mesma coisa depois em relação ao discurso de Bolsonaro na ONU, em Nova York, na terça 20. Iniciativa semelhante ela também já havia tomado com a participação do presidente nos atos de 7 de setembro. Em todas, conseguiu o seu objetivo — a Justiça Eleitoral proibiu o presidente de explorar os episódios na eleição.

É por essas e outras atitudes, como a postura combativa que adotou contra Bolsonaro nos debates, que Soraya passou de "senadora bolsonarista" para um dos alvos preferidos dos apoiadores do presidente. "Você, que também nunca tinha ouvido falar da candidata Soraya, assim ela foi eleita: 'a senadora de Bolsonaro'. A história já mostrou como o eleitor trata os traidores", postou o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). De fato, foi assim. A advogada estreou na política como candidata ao Senado por Mato Grosso do Sul em 2018, representando o PSL, sigla de Bolsonaro, e contando com o apoio do presidenciável. Soraya aparecia longe do favoritismo, mas foi eleita com 375 000 votos na esteira da onda bolsonarista.

Não durou muito a aliança. Durante o mandato, Soraya entrou em rota de colisão com Bolsonaro, o que acabou le-

FACEBOOK @SORAYATHRONICKE

RITMO BOM Soraya em campanha: quase 30 milhões de reais gastos até agora

vando a senadora para a oposição e rendendo a ela o rótulo de "traidora". Ela começou a se distanciar quando pautas radicais como os ataques ao STF viraram frequentes e, na CPI da Pandemia, engrossou o bloco que bateu firme no governo. A hoje presidenciável justifica a mudança de posição dizendo que o presidente abandonou as propostas que o elegeram, como a de liberalizar a economia e combater a corrupção. "Eu continuo fiel às mesmas bandeiras, ao mesmo partido e aos mesmos apoiadores. Então, o traidor é ele", critica, com a mesma dureza com que disse que o presidente era "tchutchuca" com outros homens, mas ia para cima de mulheres como um "tigrão", no primeiro de-

O GIGANTE SEM VOTO

O União Brasil é um dos campeões de dinheiro e tempo na TV

PESO POLÍTICO

51 deputados

tem o União Brasil, a quarta maior bancada da Câmara

DINHEIRO NO CAIXA

758 milhões de reais

é o que a sigla vai receber do Fundo Eleitoral em 2022, o que corresponde a 15% do total que é distribuído para financiar as campanhas de 31 partidos

102 milhões de reais

a legenda vai ganhar do Fundo Partidário neste ano só para custear a estrutura administrativa

MUITA EXPOSIÇÃO

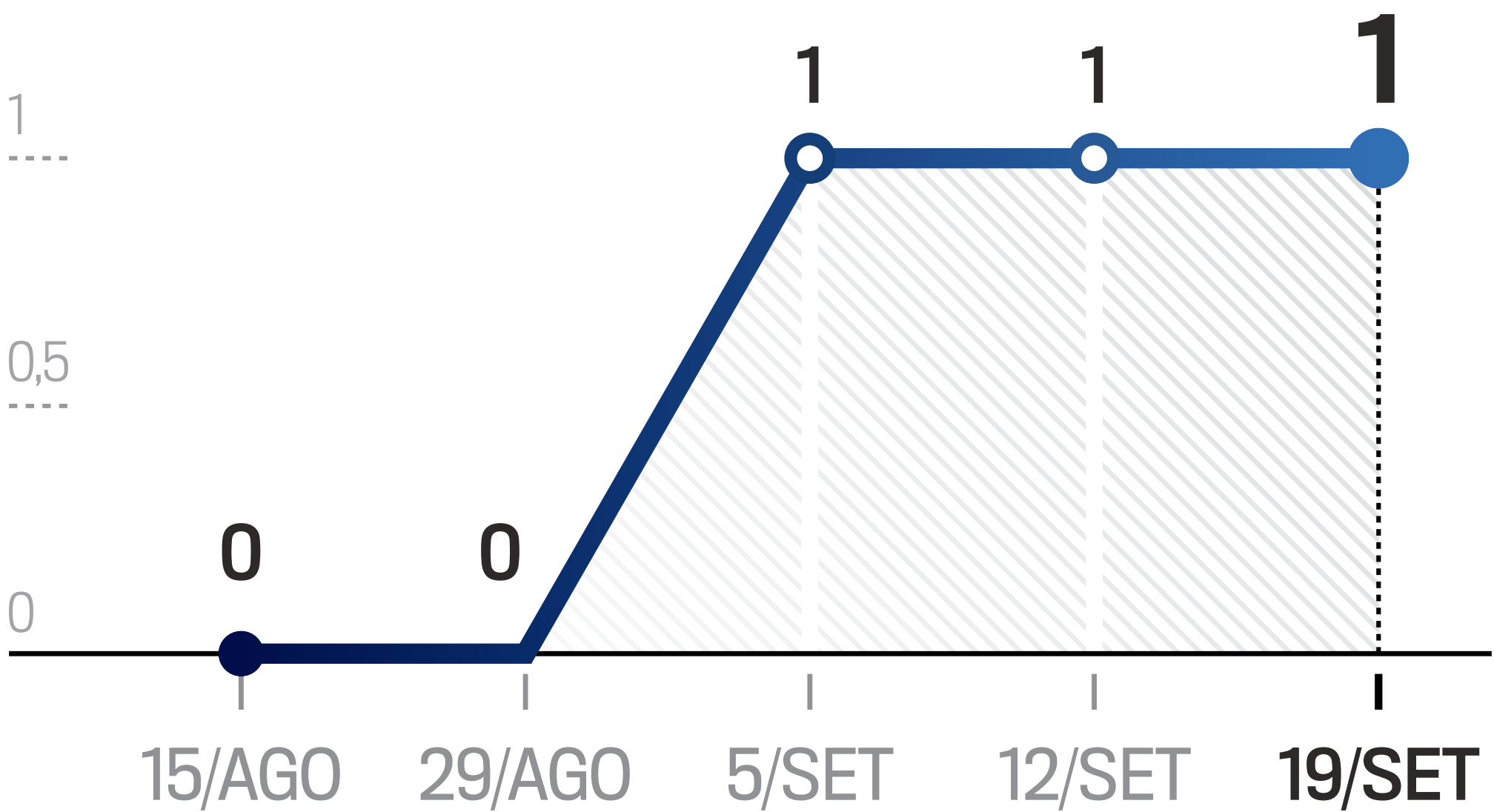
2 minutos e dez segundos

tem o União Brasil por dia na TV para a campanha presidencial. Sozinho, o partido tem o quarto maior tempo, atrás apenas das coligações de Lula, Bolsonaro e Simone Tebet

170 inserções

de trinta segundos por dia tem a legenda na TV, a quarta maior quantidade

POUCO VOTO

O desempenho de Soraya Thronicke na eleição presidencial

Fontes: *Câmara dos Deputados, TSE e Ipec*

bate presidencial na Band, ao defender uma jornalista destratada por Bolsonaro.

O confronto entre a senadora e o presidente chegou ao patamar dos ataques a ela e a familiares em Mato Grosso do Sul *(leia entrevista na pág. 40)*. O estado natal de Soraya ainda é um dos fortes redutos de Bolsonaro. Nascida em Dourados e criada em Campo Grande, Soraya tem 49 anos, é casada e dona de uma rede de motéis com seu marido, com quem tem um filho. Ela se formou em direito na Faculdade Integrada de Campo Grande, onde foi aluna de Simone Tebet (MDB), outra senadora sul-mato-grossense candidata à Presidência. Fez pós-graduação em direito empresarial e tributário antes de virar uma personagem

pública na época dos protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff. Ganhou destaque ao conseguir um habeas corpus para manifestantes que haviam sido detidos em protesto contra a petista em Campo Grande, em 2015. Filiou-se ao Novo em 2017 e trocou pelo PSL um ano depois, quando triunfou em sua campanha ao Senado logo na estreia política. Na Casa, esteve a favor de projetos como a venda da Eletrobras, votou contra o aumento do Fundo Eleitoral e defendeu o agronegócio como presidente da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária.

Em tese, não deveria faltar munição a Soraya na disputa presidencial, pois ela é candidata pelo partido que tem o maior naco do Fundo Eleitoral e a maior fatia do tempo de rádio e TV. Soraya já gastou 27 milhões de reais, sendo 17

INSTAGRAM @SF_MORO

NÃO EMPLACOU Moro: o ex-juiz foi preterido por Soraya na corrida ao Planalto

milhões de reais em marketing, sob a batuta do marqueteiro Lula Guimarães, um dos profissionais mais tarimbados e respeitados do meio. Declarou gastos de 1,75 milhão de reais com aluguel de jatinhos e tem viajado pelo país em busca de votos — o que até agora lhe rende apenas 1% da fatia de eleitores. Nos últimos dias, no entanto, tem surgido reclamações a respeito de atraso nos repasses de verbas de campanha pelo partido *(leia reportagem na pág. 42)*. No largo tempo que tem na TV, atira tanto em Bolsonaro quanto em Lula, a quem chama de "mentiroso de sempre". "Uma das maiores mentiras desta eleição é dizer que Lula foi inocentado", afir-

ma. Em relação às propostas, repisa incessantemente o projeto de imposto único de seu vice, o economista Marcos Cintra, e continua levantando a bandeira de combate à corrupção. Também empilha promessas originais, como liberar armas não letais às mulheres, isentar professores de pagar imposto de renda e promover o desenvolvimento sustentável da Amazônia. "Todos os indígenas são brasileiros e têm o direito de trabalhar e prosperar", diz.

Uma das esperanças da candidatura é pegar carona na visibilidade garantida pelos próximos dois debates presidenciais do primeiro turno: o de VEJA, em parceria com o SBT e um pool de empresas, no dia 24, e o da TV Globo, no dia 29. A senadora passou a pontuar depois de ir bem no debate

da Band, quando viralizou nas redes sociais ao se comparar a Juma Marruá, personagem que vira onça na novela *Pantanal* (que se passa no MS). Na quarta-feira 21, ela criticou Lula por sinalizar que não irá ao próximo debate. "Covardia, hein, Luiz? Bora, lá, debater o Brasil. Debate é direito do eleitor e dever do candidato. Estou lotada de perguntas para você e para o PT", postou no Twitter.

Apesar das dificuldades para conquistar espaço, a candidatura de Soraya já é avaliada como bem-sucedida internamente por pontuar mesmo sendo desconhecida nacionalmente com uma candidatura gestada de última hora pelo União Brasil. Inicialmente, o partido fez gestos de que faria parte de um bloco de terceira via, ao lado do MDB e do PSDB. A tentativa naufragou e a chegada à si-

"OFENDEM A MINHA HONRA"

A presidenciável Soraya Thronicke (União Brasil) diz que tem recebido ameaças depois de adotar uma postura crítica contra Jair Bolsonaro.

Que tipo de ataques a senhora tem sofrido? Ameaça, injúria, calúnia, difamação, o Código Penal inteiro. Os bolsonaristas estão violentos ao extremo. São ataques agressivos nas redes sociais e pessoalmente. E me incomodam bastante em uma eleição em que já vimos assassinatos por discordância política.

Então essas ameaças não são só virtuais? Meu marido, que estava com o carro adesivado, parou no semáforo, uma caminhonete com propaganda do Bolsonaro tirou uma "fina" do carro dele e o motorista ergueu a mão. Já solicitei a proteção da Polícia Legislativa, mas os familiares não têm estrutura para lidar com isso. E muita gente anda armada no estado.

Você acha que sofre mais ameaças por ser mulher? O fato de eu ser mulher facilita as ameaças de quem não tem escrúpulos. Ofendem a minha honra de um jeito que não fariam se eu fosse homem. Tenho muitos apoiadores homens, mas quatro anos no Senado me trouxeram a consciência de que há um machismo velado no país.

Os ataques fazem a senhora achar o bolsonarismo pior que o petismo, de quem sempre foi rival? São dois lados péssimos, que combinam má gestão e corrupção sistêmica. E não acho que a disputa esteja cristalizada entre os dois. Se não acreditar, não levanto da cama.

gla de Sergio Moro parecia arquitetada para lançá-lo como presidenciável. O plano foi interrompido no nascedouro por caciques da legenda, que minaram o projeto. Moro acabou se conformando em ser candidato a senador pelo partido, no Paraná. Com isso, a vaga de presidenciável caiu no colo de Soraya.

Os desafios dela e do União Brasil são os mesmos: sair da eleição maior do que entraram. No caso da senadora, parece simples. Para o União Brasil, ficou mais difícil, pois está pagando ainda o preço do rompimento com Bolsonaro (parte da legenda é formada pelo antigo PSL, o partido do capitão na campanha de 2018). A sigla tem 51 deputados, menos do que o PSL elegera em 2018 (54). Agora, tenta se manter co-

mo um dos partidos com mais dinheiro e tempo de TV, mas para isso terá de repetir o sucesso de quatro anos atrás. “Nosso objetivo é formar uma das três maiores bancadas no Congresso”, diz o deputado Junior Bozzella, o otimista presidente do União em São Paulo.

Boa parte do cacife da sigla está em palanques fortes em estados como Bahia (ACM Neto), Goiás (Ronaldo Caiado) e Ceará (Capitão Wagner). O trio, no entanto, não está totalmente engajado na candidatura de Soraya. Caiado e ACM têm alianças com Ciro Gomes (PDT) e Wagner é associado ao bolsonarismo. “Eu tenho apoio do partido e espero o mínimo de fidelidade”, afirma ela. No fim das contas, sobrou para a novata a missão de liderar um partido gigante que luta para não voltar a ser nanico. ■

ALON FEUERWERKER

A DECISIVA DIFERENÇA DE REJEIÇÕES

Há um detalhe nas pesquisas que é fundamental na disputa

AS PESSOAS gostam mais de algumas pesquisas e menos de outras, mas infelizmente não há outro jeito de saber como anda a eleição. E quase todas elas apontam a liderança do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com possibilidade de liquidar a fatura no primeiro turno, e o presidente Jair Bolsonaro folgado logo atrás, sem ser ameaçado por nenhum dos nomes remanescentes da terceira via. Assim entra a última semana antes do 2 de outubro.

Há, porém, um detalhe nas pesquisas menos explorado, mas que se tem mostrado decisivo nos rumos da corrida: o gradiente das taxas de rejeição, aliás muito altas, entre os dois ponteiros. Quando a rejeição é medida da maneira mais adequada, perguntando ao entrevistado se ele vota com certeza, pode votar ou não vota de jeito nenhum em determinado nome, a oposição radical a Bolsonaro gira sempre em torno de 55%, 10 pontos acima da de Lula.

Esse número 10 aparece nas mais diversas medições da corrida. Em ordem de grandeza, baliza a diferença entre os

dois no primeiro turno, com alguma ampliação no segundo. Também parametriza as distâncias entre o ótimo+bom+regular positivo e o péssimo+ruim+regular negativo. Bem como a distância entre aprovação e desaprovação, medição binária essencial para conhecer com mais precisão a imagem de governos e governantes.

Bolsonaro encontra dificuldade para reduzir significativamente a distância entre ele e Lula, mesmo com a melhora notada na percepção sobre a situação da economia. Por quê? Porque não consegue reduzir o hiato nas rejeições, que parece ter origem mais na resistência à pessoa do presidente do que a seu governo. Esta eleição não está sendo tanto um plebiscito sobre o governo Bolsonaro, mas sobre o Jair.

Uma das principais razões para o PT e aliados lutarem com todas as forças para liquidar a fatura na primeira rodada é o risco de a polarização "depurada" de um segundo tur-

"A atual eleição não está sendo tanto um plebiscito sobre o governo Bolsonaro, mas sobre o Jair"

no, com alguma paridade de condições, acabar equalizando as rejeições e tornando o desfecho menos previsível. Até agora não aconteceu, apesar das campanhas negativas. Talvez porque cada um dos boxeadores esteja enfatizando fraquezas do adversário bem cristalizadas no eleitorado. Fragilidades já bem precificadas.

Neste momento, na comparação com 2018, Bolsonaro e Lula parecem reproduzir os desempenhos dos então candidatos do PSL e do PT em todo o país, com exceção do Sudeste. Na maior concentração populacional e eleitoral do Brasil, o atual presidente deu um banho quatro anos atrás e hoje luta para equilibrar o jogo. Decorrem principalmente daí as distâncias abertas pelo ex-presidente nas pesquisas nacionais.

Bolsonaro enfrenta um forte antibolsonarismo na classe média (definida pelos generosos critérios brasileiros) do Sudeste, cultivado nas atitudes do presidente durante a pandemia e pelas suas arriscadas relações, ao menos verbais, com a institucionalidade. Como vai resolver isso será tarefa para seus profissionais de comunicação, se houver segundo turno. Quatro semanas a mais de oportunidades nunca é demais. ■

CHORORÔ GENERALIZADO

Na reta final da campanha, candidatos trocam acusações sobre privilégios financeiros e ameaçam entrar na Justiça por fundos eleitorais

LARYSSA BORGES E **MARCELA MATTOS**

FOTOS RUY BARON/BARONIMAGES; FABIO POSSEBOM/AG. BRASIL; CRISTIANO MARIZ; PAULO PINTO; ROQUE DE SÁ/AG. SENADO

DINHEIRO nunca é demais para as campanhas políticas. Neste ano, elas terão à disposição 4,9 bilhões de reais do Fundo Eleitoral, reservas do fundo partidário, cujo orçamento em 2022 é de 1 bilhão de reais, além de doações de pessoas físicas. Essa montanha de recursos não está dando conta das demandas dos candidatos, que andam em pé de guerra até com colegas de partido. O caso do União Brasil, dono da maior fatia do fundo eleitoral, com 758 milhões de reais, é emblemático. Na disputa por uma vaga de deputado federal, o ex-ministro Mendonça Filho estava decidido a levar a legenda à Justiça para conseguir a liberação de cerca de meio milhão de reais em doações que ele recebeu, mas foram retidas pela direção partidária. Depois de dez dias de briga interna e da

UNANIMIDADE Sergio Moro, Mendonça, Pazuello, Gleisi e Heinze: queixas de falta de dinheiro para as suas campanhas

ameaça de processo, Mendonça conseguiu receber o dinheiro, que era considerado fundamental para manter suas chances eleitorais. Entre os adversários dele em Pernambuco, está o próprio presidente do União, Luciano Bivar, que já conta com 2,1 milhões para a campanha — 800 000 a mais do que o ex-ministro. O duelo por verba faz parte de um confronto direto entre eles por uma cadeira na Câmara dos Deputados.

Idealizado em resposta à proibição às doações empresariais, a principal fonte de custeio das campanhas até 2014, o fundo eleitoral se tornou fonte de briga entre correligionários, que reclamam de privilégios indevidos e de distribuição de recursos com base em critérios nem sempre transparentes ou confessáveis. Candidata à Presidência pelo União Brasil, a senadora Soraya Thronicke (MS) declarou um gasto de 3,2 milhões de reais apenas para montar um comitê de campanha em Pernambuco, o estado de Bivar, que a escalou para a corrida ao Planalto. Depois disso, ela ameaçou parar a campanha por falta de recurso. Já uma suplente de vereadora em Mato Grosso do Sul, que agora disputa a Câmara, recebeu quase o mesmo do partido, 3 milhões de reais, mais, por exemplo, do que o ex-ministro Henrique Mandetta, que concorre a uma vaga no Senado pelo estado. À boca miúda, diz-se na sigla que as duas transações pecam, na hipótese mais benevolente, pelo menos pela falta de lógica. As queixas são pluripartidárias e cobrem todo o espectro ideológico.

Expoente do bolsonarismo na CPI da Pandemia, o senador Luis Carlos Heinze diz ter recebido a promessa do ministro Ciro Nogueira, presidente do Progressistas, de que teria 6 mi-

lhões de reais para sua campanha ao governo do Rio Grande do Sul. Não foi o que aconteceu. Com a decisão do presidente Jair Bolsonaro de endossar a candidatura de outro aliado ao governo gaúcho, o ex-ministro Onyx Lorenzoni (PL), o Progressistas entregou só metade do valor acordado ao senador. "Acho que o valor repassado deveria ser maior", diz Heinze, resignado. No PT, o embate envolveu a cúpula partidária. Dono da segunda maior fatia do fundo eleitoral, de cerca de 500 milhões de reais, o partido destinou 130 milhões para a cam-

CAIXA ALTERNATIVO

As doações privadas ainda representam pouco nas campanhas eleitorais. Por enquanto, 376 milhões de reais foram repassados aos partidos e aos candidatos. Banqueiros e empresários estão entre os principais colaboradores

RUBENS OMETTO

Dono do grupo Cosan

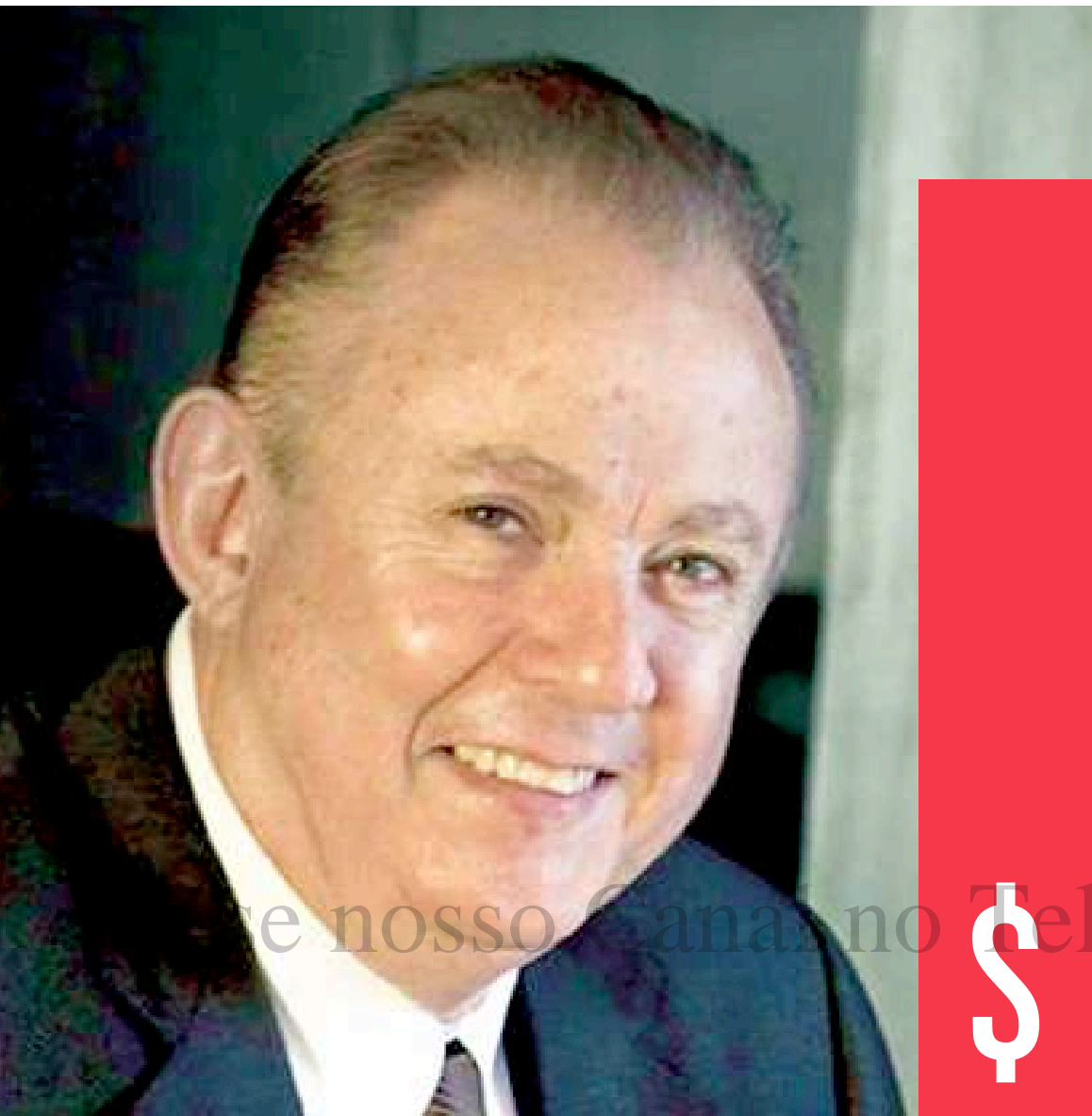
TOTAL

5,75 milhões

BENEFICIÁRIOS

Diretório do PSD e candidatos do PT e PL

FOTOS RICARDO BORGES; CRISTIANO MARIZ; AGÊNCIA BRASIL; MARCIO BRUNO

panha de Lula, o teto fixado para a eleição presidencial. O restante será usado para custear as demais candidaturas. Na hora do rateio, o clima esquentou entre a tesoureira da legenda, Gleide Andrade, e a presidente do partido, Gleisi Hoffmann, que se engalfinharam para definir quem deveria ter a palavra

ALEXANDRE GRENDENE

Presidente da Grendene

TOTAL

4,85 milhões

BENEFICIÁRIOS

PDT de Fortaleza, candidatos do PT e do União do Rio Grande do Sul e Ceará

SALIM MATTAR

Dono da Localiza

TOTAL

3,22 milhões

BENEFICIÁRIOS

Candidatos do PL, Novo e Podemos

final no financiamento a candidatos pretos e pardos. Houve ainda acusações de que ambas estariam privilegiando a si próprias e a aliados em detrimento de outros concorrentes.

As acusações fazem sentido. Estreante em disputas eleitorais, Gleide reservou 1,8 milhão de reais para a sua cam-

CANDIDO BRACHER

Sócio do Itaú

TOTAL

1,6 milhão

BENEFICIÁRIOS

Candidatos do PSD

ARMINIO FRAGA

Ex-presidente do Banco Central

TOTAL

1,4 milhão

BENEFICIÁRIOS

Candidatos do PSB, do PSD e do União Brasil

panha a deputada, e Gleisi Hoffmann, 2,2 milhões de reais. Já estrelas petistas, como o ex-governador Fernando Pimentel e o secretário-geral do PT, deputado Paulo Teixeira, receberam 1,5 milhão cada um. No PL de Jair Bolsonaro, a reclamação de penúria é generalizada. Ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello recebeu 500 000 reais para a campanha e diz que o valor não é suficiente nem para o básico. Mas há também aqueles bem aquinhoados, como Adilson Barroso (SP). Ele foi agraciado com surpreendentes 3 milhões de reais. “Eu recebi provavelmente por ter conversado direitinho antes de entrar no partido.”

Ao definir a quantia que cada candidato recebe do fundo eleitoral, as legendas costumam usar a mesma regra: ganha

mais dinheiro quem tem mais potencial eleitoral. Há exceções, claro. Mas é essa regra que explica por que puxadores de voto — sejam políticos profissionais ou não — se dão melhor na hora da divisão da bolada. Candidato ao Senado, o ex-juiz Sergio Moro ouviu do União a promessa de contar com 4,4 milhões de reais na campanha, mas até agora recebeu pouco mais da metade disso. Ele não se queixa porque a sua mulher, a advogada Rosangela Moro, candidata a deputada federal por São Paulo, levou 2,3 milhões de reais dos fundos partidários. O valor supera o do próprio Bivar e está na mesma faixa que o ator pornô Kid Bengala (SP), agraciado com 2,2 milhões de reais. Como diz o clássico do samba, na hora de se virar cada um cuida de si, e irmão desconhece irmão. Vale para o PT de Lula, o PL de Bolsonaro e para todos os outros partidos. ■

BINGO AO ALVO

No rastro da política belicista do governo Jair Bolsonaro, proliferam nas redes sociais, no Telegram e no WhatsApp os sorteios ilegais de armas como pistolas e fuzis **VICTORIA BECHARA**

MOBILIZAÇÃO Manifestante do grupo Proarmas em Brasília: tentativa de eleger uma "bancada de atiradores"

MATEUS BONOMI/ANADOLU/GETTY IMAGES

A IGREJA EVANGÉLICA Povo da Cruz, no Espírito Santo, anunciou em maio deste ano uma rifa com o objetivo de arrecadar fundos para investir na construção do seu "ministério infantil". Como prêmio, o fiel mais sortudo levaria uma espingarda calibre 12 para casa. A alegação para entregar uma arma a um "servo de Deus" estava na ponta da língua do pastor Dinho Souza: "Não temos problema com isso porque o armamento é para o cidadão de bem", afirmou. Pode até ser, mas a prática é ilegal. Sorteios e promoções comerciais com armas e munições como brindes são proibidos pelo decreto 70 951, de agosto de 1972, e por uma portaria do Ministério da Economia publicada em 2020. Isso não tem impedido, no entanto, que a prática se

torne cada vez mais comum, principalmente por parte de caçadores, atiradores e colecionadores (CACs) e clubes de tiro em redes sociais como o Facebook ou aplicativos de mensagens como o Telegram e o WhatsApp.

Ao longo das últimas semanas, a reportagem de VEJA localizou dezenas de perfis empenhados na divulgação desse tipo de expediente. "O sócio precisa indicar uma pessoa para se filiar ao clube e ganha um cupom por indicação que fechar a filiação", dizem as regras de um sorteio do M4 Clube e Escola de Tiro, no Rio de Janeiro. O prêmio: uma pistola Glock 9mm. Na maioria dos casos, o regulamento especifica que o brinde só será entregue caso o ganhador cumpra os requisitos previstos pela lei, mas há rifas em que a participação de qualquer pessoa é permitida e até o sorteio de ar-

mas sem documentação. “A rifa e a transferência dessa arma para alguém incerto, mesmo que depois tenha de cumprir os requisitos para recebê-la, são uma maneira de ferir a lei”, explica Ivan Marques, advogado e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Uma busca rápida pela internet mostra que há variados perfis envolvidos com a prática. Alguns de forma mais eventual, como um grupo de guardas civis de Goiânia que lançou o sorteio de uma pistola Glock para arrecadar dinheiro para a formatura. O Ministério Público interveio, e os formandos foram obrigados a trocar o prêmio por dinheiro. Mas há também perfis que se especializaram nesse tipo de atividade, um sintoma da falta de fiscalização,

que deveria ser feita pelo Exército. No site sorteioarmas.com.br, por exemplo, o participante paga 15 reais, escolhe o número e concorre a cinco prêmios: uma pistola Glock 9mm, uma espingarda CBC calibre 12, uma pistola Taurus G2C 9mm, um rifle CBC .22 e um rifle CBC semiautomático .22.

O domínio do site foi registrado por José Figueiredo Barreto, o “Instrutor Figueiredo”, candidato a deputado estadual em Sergipe pelo Republicanos, um dos partidos da coligação do presidente Jair Bolsonaro (PL). A VEJA ele disse que o próximo sorteio será em 1º de outubro, um dia antes da eleição, e ressaltou que as armas são registradas legalmente, cedidas por lojas. Após algumas perguntas, ele recuou e disse que não faz mais parte da empresa.

A SORTE ESTÁ LANÇADA

Ilegais, campanhas usam vários tipos de armamento como atrativos

O Fale Conosco do site, no entanto, leva ao seu WhatsApp. “É um outro nível de sofisticação dessa prática, montar uma casa de sorteio virtual com distribuição de prêmios vedados pela legislação”, afirma Bruno Langeani, gerente do Instituto Sou da Paz.

Além de ser ilegais, essas premiações são uma espécie de roleta-russa. Sem a fiscalização adequada, nada garante que o ganhador e o promotor do sorteio seguirão as regras estabelecidas pela legislação para o registro ou transferência do armamento. “Eles só fazem essas coisas porque têm certeza de que a fiscalização é falha. O Exército não tem feito nem o básico, que é saber quais armas estão em qual lugar”, diz Roberto Uchôa, policial federal, especialista em gestão de segurança pública e Justiça criminal da UFF e autor do livro *Armas para Quem?*.

As conexões desse fenômeno com o bolsonarismo são grandes. O “Instrutor Figueiredo” é apoiado pelo ProArmas, o maior grupo armamentista do país. Fundada por Marcos Pollon (PL), candidato a deputado federal por Mato Grosso do Sul, a entidade quer eleger a “bancada dos CACs” no Congresso. Pollon já foi alvo de uma notícia-crime no Ministério Público Federal por um sorteio ilegal, em julho. Para driblar a fiscalização, anunciou em uma *live* que o prêmio seria uma “furadeira” — termo usado para se referir a armas curtas. Muitas vezes os sorteios são chamados de “concursos culturais”. O apoio a Bolsonaro é praticamente uma regra entre CACs e grupos pró-armas. Clubes de tiro fizeram

rifas para pagar ônibus que levaram filiados a Brasília para o ato bolsonarista de 7 de setembro. O "patriota" premiado ganhou uma pistola ou uma caixa de munição.

A onda de sorteios vem na esteira da flexibilização legal promovida pelo governo, que elevou o número de armas permitidas aos cidadãos. Só para os CACs, as mudanças possibilitaram a quem tem registro de atirador comprar até sessenta armas, sendo trinta de uso restrito, como fuzis (antes, os limites eram de dezesseis e oito, respectivamente). O aumento da quantidade de cidadãos desse tipo armados é assustador: foi de 117 000 em 2018 para 674 000 neste ano. A política abre as portas para a circulação de armas sem controle algum. Na última semana, um professor, que é CAC, foi flagrado com uma arma de fogo em uma escola de Suzano (SP) — a arma caiu quando ele jogava vôlei com alunos. O docente foi afastado pelo governador Rodrigo Garcia (PSDB). Uma reação a Bolsonaro veio do STF nesta semana, quando os ministros formaram maioria para sustar decretos do governo que flexibilizam as regras para armas e munições. Apesar do revés recente no Supremo, adquirir uma arma ficou mais fácil e mais rápido no país. Em alguns casos, 10 reais e um pouco de sorte já são suficientes. ■

JOGO EMBOLADO

A discussão em torno de um possível governo petista alimenta especulações no mercado financeiro e lança os holofotes sobre potenciais candidatos ao comando da área econômica

FELIPE MENDES, VICTOR IRAJÁ E **LUISA PURCHIO**

CONCORRÊNCIA Meirelles, Alckmin, Haddad e Padilha: nomes fortes nas apostas do mercado

FOTOS CLAUDIO GATTI; GABRIEL CABRAL/FOLHAPRESS; LECO VIANA/THENEWS2/AG. O GLOBO; RUY BARON/BARONIMAGES

Classificado em sétimo lugar no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, com 1,2% dos votos válidos, o economista Henrique Meirelles não teve um desempenho exatamente brilhante no pleito. No entanto, durante o evento realizado na segunda 19, em que oito ex-candidatos à Presidência empenharam seu apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), foi ele quem roubou todos os holofotes. Presidente do Banco Central durante o primeiro governo de Lula, ministro da Fazenda de Michel Temer (MDB), coordenador do programa econômico da candidatura de João Doria (PSDB) antes de naufragar e afiliado ao União Brasil, Meirelles causou frisson ao aparecer na reunião. E imediatamente entrou para o elenco de personagens que alimentam as especulações em torno da estratégia econômica a ser adotada no caso de Lula e do PT voltarem ao poder.

O desembarque de Meirelles na campanha animou banqueiros e investidores frente à possibilidade de vê-lo na cadeira de ministro da Economia (ou da Fazenda, caso Lula cumpra a promessa de desmembrar o ministério criado por Bolsonaro para Paulo Guedes). Com isso, juntou-se a um espectro de nomes desejados pelo mercado que inclui o do próprio candidato a vice-presidente Geraldo Alckmin e de interlocutores de longa data de Lula, como o presidente do conselho de administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco, e o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Josué Gomes da Silva. Um economista ligado a um

GIVALDO BARBOSA/AG. O GLOBO

PRECEDENTE Palocci ao assumir ministério, em 2002: articulador durante a campanha

grande banco ouvido por VEJA definiu de forma jocosa que o apoio do Meirelles foi "um Bilhete aos Brasileiros", uma referência à famosa sinalização ao mercado feita em 2002 e batizada como "Carta ao Povo Brasileiro". Dentro do núcleo duro da campanha, entretanto,o assunto não é encarado com brincadeiras. "A maneira como Meirelles defende o teto e a reforma trabalhista sem abrir possibilidade para atualizações ou reparos acaba confrontando muito com o discurso do próprio Lula", diz um membro da área econômica da equipe.

À margem dos balões de ensaios, a disputa pelo principal cargo da economia em uma possível gestão petista segue em

aberto e a decisão caberá unicamente a Lula, se e quando eleito. Em 2002 aconteceu algo semelhante quando se manteve uma forte onda de especulação até que a decisão acabou recaindo sobre Antonio Palocci, principal articulador da campanha entre o mercado e o empresariado. Na versão 2022, Lula não revela o que pensa para a pasta e ainda trata de confundir os observadores. Durante semanas, levou o candidato ao governo de São Paulo, Fernando Haddad, a diversos eventos públicos para ajudar em questões de economia. Como ele está concorrendo em outra eleição, isso afasta especulações. Mas, dentro do PT, caso venha a perder a disputa pelo Palácio dos Bandeirantes, sua ida para a Esplanada dos Ministérios em um posto-chave é praticamente certa.

“Pode funcionar para outros ministérios, como Casa Civil, por exemplo. Mas no caso da área econômica é complicado escalar um candidato derrotado para uma pasta importante”, diz um empresário que prefere não ser identificado.

Uma das raras pistas ventiladas por Lula a respeito do comandante da economia de um possível terceiro mandato é que seja um político ou um empresário influente, com trânsito nos grandes centros financeiros e em Brasília. Alckmin possui esses traços. A maior dificuldade é que, ao acumular o posto de vice, não seria passível de demissão. Nesse aspecto, o deputado federal Alexandre Padilha é um nome mais próximo do ideal. Em um evento recente de uma instituição financeira, em Washington, onde falou como representante da campanha petista, recebeu elogios de investido-

CLÁUDIO MARQUES/FUTURA PRESS

PROMESSA Foco nos autônomos e nas domésticas: mudança nas leis trabalhistas

res pelo conhecimento das ideias de Lula e saiu com convites para realizar palestras semelhantes em outros bancos, como o Itaú. Em seguida, passou a reunir-se com empresários e figuras do primeiro escalão no mercado financeiro. Ele, no entanto, desconversa sobre um possível posto como chefe da Economia. "Lula é um político extremamente experiente, assim como é o governador Alckmin. Eles sabem que não se discute composição de ministério ou equipe antes de ganhar as eleições", afirmou a VEJA.

Com a disputa indefinida, a lista de candidatos se estende a um grupo de políticos petistas de destaque, liderados pelo ex-governador do Piauí, Wellington Dias, que recentemente defendeu um perfil mais centrista e menos petista para um futuro go-

verno — o que é música para os ouvidos de financistas. No rol entram ainda ex-governadores como Jorge Viana, do Acre, e os baianos Jaques Wagner e Rui Costa. Banqueiros e empresários influentes já sopraram a Lula que muitos desses nomes seriam bem recebidos se acomodados em pastas que resultassem de um provável desmembramento do Ministério da Economia atual, como a da Indústria e Comércio e a do Planejamento, ou mesmo a Casa Civil ou a de Relações Exteriores.

Político de raro traquejo, Lula tem marcado a atual campanha à Presidência por ideias de impacto e promessas pontuais, mas sem avançar em como as executará. No plano de governo entregue no registro da candidatura ao TSE, com 21 páginas, não há menção a projetos como a isenção do imposto de renda para o trabalhador que ganha até 5 000 reais. O documento também não apresenta a fonte de recursos para bancar o acréscimo de 150 reais por criança com até 6 anos que é beneficiária do programa Auxílio Brasil, divulgado no horário eleitoral. Sobre a reforma trabalhista, o plano é propor uma mudança da legislação e dar "extensa proteção social a todas as formas de ocupação", com atenção aos autônomos e trabalhadoras domésticas. Também há menção a uma proposta de reforma tributária "mais simples e progressiva", cobrando dos mais ricos para colocar os "pobres outra vez no Orçamento". Da mesma forma que faz com o nome do possível czar da economia, Lula desconversa ao ser perguntado sobre a execução de seus planos para o Brasil. Até aqui, tem demonstrado apenas um especial pendor para alimentar mistérios e especulações. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

UMA ESCOLHA INCONVENIENTE

O recurso da lista tríplice apenas favorece o corporativismo

OS PRINCIPAIS candidatos na corrida presidencial, exceto Jair Bolsonaro, prometeram considerar a lista tríplice na escolha do próximo procurador-geral da República. Trata-se de uma vitória da corporação do Ministério

Público (MP), que difundiu a ideia de que a indicação para o exercício do cargo seja feita por votação de seus membros. O procedimento não é previsto em lei. O presidente da República pode, assim, não considerar o primeiro da lista ou propor ao Senado um nome fora dela. Quando isso acontece, a decisão costuma ser recebida com indignação.

A lista tríplice dificilmente existe em países avançados, nos quais cabe ao chefe do governo o poder exclusivo de escolher nomes para cargos da cúpula do serviço público. No Reino Unido, a decisão se baseia em seleção realizada por consultorias da área de recursos humanos (head hunters). Para nomeações nos níveis hierarquicamente inferiores, recorre-se a uma comissão integrada por especialistas inde-

pendentes. Aqui, a corporação do MP vem pouco a pouco transformando a lista tríplice em tradição.

Gente preparada apoia a ideia da lista. Aceita-se limitar o poder do presidente da República, talvez sob a convicção, nem sempre correta, de que é melhor assim do que submeter a decisão à influência do jogo do poder. Ao aceitar-se tal tradição, admite-se que ela adquiriu foros de lei.

Outra corporação, a das universidades federais, foi mais eficiente nesse campo. Provavelmente influenciou a aprovação da lei 9 192, de 1995, pela qual o presidente da República escolherá como reitor e vice-reitor nomes de uma lista tríplice elaborada pelo "respectivo colegiado máximo". A OAB saiu em defesa, perante o STF, de que o escolhido fosse o primeiro da lista, o que foi negado. Se a tese fizesse sentido, a lista tríplice seria desnecessária. Bastaria indicar um nome.

"Anacrônica, essa não é a melhor forma de indicar candidatos para exercer cargos de confiança"

Nenhuma decisão administrativa é imune a erros. Há exemplos de escolhas polêmicas de procuradores-gerais da República tanto pela lista tríplice quanto pela nomeação de pessoa não eleita pela corporação. A rigor, a lista não é a melhor forma de indicar candidatos para exercer cargos de confiança, pois reforça o caráter corporativista presente na sociedade. É anacrônica e, as mais das vezes, compromete a meritocracia. A reforma administrativa, que pode vir a ser examinada pelo Congresso no próximo quadriênio, poderia servir para discutir a ideia. Seria a oportunidade para avaliar e adotar experiências bem-sucedidas e para estabelecer uma regra legal sobre a matéria.

Se a decisão vier a ser pela confirmação desse método, a tendência seria aplicá-lo em todos os órgãos e entidades do setor público. Dessa forma, o diretor-geral da Polícia Federal (PF) seria nomeado com base em lista tríplice eleita por delegados. Os presidentes do Banco Central e dos bancos estatais da União seriam escolhidos pelos funcionários das respectivas instituições financeiras, caso que seria bizarro e verdadeiramente inédito. ■

SUBIDA DE TOM

Em reação aos avanços ucranianos, Putin convoca reservistas, apressa a anexação de áreas ocupadas e reedita a ameaça nuclear, dando sinais de que a guerra está longe de acabar

AMANDA PÉCHY E **CAIO SAAD**

NOVO DISCURSO Vladimir Putin na TV: agora é "a máquina militar inteira do Ocidente" que ameaça a própria Mãe Rússia

ILYA PITALEV/SPUTNIK/AFP

Ninguém esperava que a Rússia ficasse quieta enquanto tropas ucranianas, em uma ação militar dividida em várias frentes e armada com novos e poderosos equipamentos cedidos pelos Estados Unidos, retomavam cidades estratégicas por meses ocupadas pelos russos. E não ficou mesmo. Em discurso gravado e transmitido pela televisão, o presidente Vladimir Putin anunciou a convocação imediata de 300 000 reservistas "para proteger a pátria". Em tom mais agressivo do que de costume, mencionou um imaginário plano do Ocidente para "desintegrar" a Rússia e avisou: "Os que nos chantageiam com armas nucleares devem ter em mente que o catavento pode virar e apontar para eles".

Olhando para a câmera com seu peculiar estilo, disparou: "Isso não é um blefe".

Horas depois, discursando na Assembleia-Geral das Nações Unidas, o presidente americano Joe Biden respondeu na mesma medida, dedicando quase todo o seu tempo no pódio à invasão russa da Ucrânia. Biden qualificou de "irresponsáveis" as "claras ameaças nucleares" da Rússia contra a Europa e condenou a "guerra brutal e descabida". "O objetivo desta guerra é pura e simplesmente aniquilar o direito da Ucrânia de existir como país. Seja você quem for, viva onde viver, acredite no que acreditar, isso deveria gelar o sangue nas suas veias", declarou. Com o inverno chegando e o custo da energia, na falta do gás russo, já forçando empresas a dispensar funcionários na Europa, a escalada bélica de

GETTY IMAGES

DESAFIO Protesto em Moscou: jovens nas ruas, apesar da ameaça de prisão

Putin de certa forma favorece o esforço de Biden para manter viva a corrente de apoio à resistência ucraniana dentro e fora do país — até agora, os americanos não chiaram contra os 13,5 bilhões de dólares em armamentos e munição encaminhados por Washington a Kiev.

A principal tarefa dos reservistas russos, segundo o ministro da Defesa, Sergei Shoigu, será reforçar a linha ao longo das fronteiras leste e sul da Ucrânia. A convocação mais que dobra o contingente de 200 000 soldados já em ação — cujos contratos, por sinal, foram prorrogados até o fim da “mobilização temporária”. Além disso, o Parlamento aprovou uma lei que endurece as punições para crimes como deserção e insubordinação. Segundo os serviços de

inteligência ocidentais, as tropas russas na Ucrânia são inexperientes e desmotivadas e sentem o baque de 20 000 mortes até o momento.

Em paralelo à apresentação compulsória de reservistas, uma medida impopular que era descartada pelas autoridades militares até uma semana atrás, Putin confirmou a realização de referendos em quatro regiões ocupadas inteiramente ou quase — Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhzhya, onde se encontra a maior usina nuclear da Europa —, propondo sua anexação à Rússia. As votações entre 23 e 27 de setembro, manipuladas até a última urna, são cruciais para Putin justificar a convocação dos jovens sem parecer que está perdendo a guerra. No seu convoluto discurso em

defesa da Mãe Rússia — "nossas forças armadas, dispostas em uma linha de frente de 1 000 quilômetros, enfrentam não só os batalhões neonazistas *(tradução: a tropa comandada por Kiev)*, como a máquina militar inteira do Ocidente" —, Putin tentou explicar a necessidade de reforços. Se as áreas ocupadas forem anexadas, no voto ou na marra, o argumento ficaria mais forte. "Incorporar os territórios transformaria as operações militares ucranianas para liberar as áreas ocupadas em um ato de agressão contra a Rússia", diz Tatyana Malyarenko, professora de relações internacionais na Universidade Nacional de Odessa.

Antecipando-se à insatisfação que a convocação provoca, a Promotoria de Moscou ameaçou com até quinze anos de prisão quem participasse de protestos ou publicasse chama-

MANDEL NGAN/AFP

RESPOSTA Biden na ONU: união contra a guerra "brutal e descabida"

dos às ruas em redes sociais. Mesmo assim, houve manifestações, as primeiras desde a eclosão da guerra, com mais de 1300 detidos. Reservistas lotaram os aeroportos e, no mesmo dia do discurso de Putin, voos partindo de Moscou saíram lotados, mesmo com a disparada nos preços das passagens.

No Ocidente, tanto o aumento do contingente militar quanto os referendos foram interpretados como reações de Putin aos tropeços militares e à perda de apoio na cúpula do governo. "A guerra claramente não está caminhando de acordo com os planos russos", gabou-se Mykhailo Podoliak, um dos principais assessores do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. De um modo geral, os especialistas julgam que o conflito está longe de acabar. E Putin acuado pode ser ainda mais perigoso. ■

A VOLTA PARA CASA

Nos funerais de Elizabeth II, Harry, o príncipe rebelde, e sua mulher, Meghan, saíram do fundão e ocuparam papel de destaque nos rituais. Resta ver se a paz familiar vai durar **AMANDA PÉCHY**

LADO A LADO Harry *(à dir.)* desfila com William: o irrequieto filho caçula do rei ganhou lugar de honra no funeral da avó

SAMIR HUSSEIN/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

SER MEMBRO da realeza é um ofício hereditário, mas tem lá seus pré-requisitos, e quem os descumpre pode virar alvo de tão sutis quanto afiados atos de vingança. Harry, o caçula do rei Charles, sentiu isso na carne ao tentar se demitir das funções de *senior royal* sem perder mordomias (como segurança gratuita e reforçada) e honras militares. Nada feito: acabou destituído de tudo, menos do título de duque, e ainda passou pelo constrangimento de ser posto de escanteio em duas ocasiões de alta visibilidade, o enterro do avô, príncipe Philip, e o Jubileu de Platina da avó, a rainha Elizabeth. Quando se supunha que ia passar o resto da vida confinado ao quadradinho dos primos menos importantes, veio a reviravolta. Nos onze dias de pompas e

rituais que se seguiram à morte da soberana, Harry não só reocupou seu espaço, como deu um passinho adiante. Afinal, ele agora é filho do rei.

Por mais que os tabloides, os inimigos número 1 dos duques de Sussex, tenham batido na tecla de que ele só foi avisado da morte da avó cinco minutos antes do anúncio oficial, o fato é que Harry (que por coincidência estava no Reino Unido) alugou um jatinho e, da mesma forma que todo o círculo íntimo, bateu ponto no Castelo de Balmoral, na Escócia, onde a rainha deu o último suspiro. Dois dias depois, para surpresa geral da nação, William e Harry, que segundo as más línguas não se falam há meses, apareceram juntos, acompanhados de Kate e Meghan (cunhadas que não se bicam), para cumprimentar os súditos nos por-

KIRSTY O'CONNOR/WPA/GETTY IMAGES

SURPRESA Meghan em Windsor: retorno ao mundo dos acenos e buquês

tões do Castelo de Windsor. Verdade que mal se olharam, mas foram. Dali em diante, duque e duquesa se incorporaram a todos os desfiles e solenidades, perfilados no degrau mais nobre da hierarquia.

Harry marchou ao lado de William (sem nenhum primo de para-raios no meio, como aconteceu no enterro de Philip) no cortejo solene que levou o caixão até Westminster, onde foi velado por cinco dias. De uniforme militar — a única situação em que isso lhe foi permitido, quem sabe em nome da simetria do conjunto —, participou dos quinze minutos de

vigília dos netos de Elizabeth em volta do esquife. Os irmãos sentaram-se em lugar de honra em duas missas solenes, uma na Abadia de Westminster e a outra na St. George's Chapel, em Windsor, onde Elizabeth foi enterrada. Na primeira, Harry e Meghan foram acomodados na segunda fileira, atrás de Charles. Desfeita, bradaram os desafetos. O Palácio de Buckingham esclareceu que, ali, os assentos foram designados por idade. Na capela, o casal se acomodou na primeira fila, ao lado de William e Kate.

É sabido que tudo o que aconteceu nos funerais de Elizabeth II — o maior espetáculo da Terra, segundo os primeiros balanços — foi milimetricamente planejado e aprovado pela soberana em pessoa. Ao que tudo indica, fez parte do plano enterrar ao menos alguns ressentimentos e assegurar uma convivência civilizada. Charles III estendeu ele próprio a mão (rosada e gorducha, como atestam incontáveis memes) em seu primeiro discurso: "Quero expressar meu amor por Harry e Meghan, que continuam construindo suas vidas no exterior".

O rei tem lá seus motivos: sem a estável figura de Elizabeth para manter a monarquia de pé, quanto menos escândalos e controvérsias, melhor — e tratar bem o caçula rebelde talvez suavize o tom de uma ameaçadora autobiografia que o príncipe escreve e pretende publicar até o fim do ano. "Se os duques se sentirem bem-vindos, a família real talvez consiga alinhavar algum tipo de acordo que evite mais fofocas e projete uma imagem de unidade", diz Eleanor Proctor,

especialista em monarquia britânica da Université de Haute--Alsace, na França. Abraçar Harry e Meghan — figurativamente, é claro — tem o efeito colateral de encher a bola da monarquia entre os jovens, a fatia da população que mais a rejeita: enquanto a instituição é aprovada por 62% dos britânicos em geral, só 14% das pessoas com menos de 35 anos a consideram "muito importante".

Para os duques de Sussex, o vínculo influi consideravelmente nos projetos de conquistar a "independência financeira" e levar uma vida tranquila na Califórnia. "Qualquer conexão com o soft power da família real resulta em mais dinheiro e mais contratos comerciais", analisa a historiadora real e escritora Sue Woolmans. Se Harry e Meghan vão

mesmo se reaproximar do palácio, é questão em aberto. "Reintegrá-los seria uma decisão pessoal de Charles III", observa Mandy Link, professora de história da Europa na Universidade do Texas. Ainda que a paz volte a reinar, nos bastidores alguma picuinha sempre há de pintar — como a que dá conta de que o casal faz questão de que seus filhos, Archie e Lilibeth, agora príncipe e princesa, como todos os netos do rei, também tenham direito aos tratamentos de His e Her Royal Highness, ou Sua Alteza Real, essa uma concessão de Charles ainda não concretizada. O diz que diz que palaciano não morre nunca. ■

VALMIR MORATELLI

INSTAGRAM @BRUNAMARQUEZINE

ERA UMA VEZ EM HOLYWOOD

De volta ao Brasil, após três meses de trabalho em Los Angeles filmando *Besouro Azul,* sua primeira incursão no cinema internacional, **BRUNA MARQUEZINE,** 27 anos, conta que demorou um pouco a superar a insegurança. Ao fim do primeiro dia, ainda na fase de prova de figurinos, chegou ao hotel e caiu no choro. "A ficha caiu e pensei: 'Nossa, estou aqui, vou fazer mesmo', recorda. Na leitura do roteiro, frente a frente com os diretores da Warner/DC, outro ataque de incerteza: "Perguntei: 'Fui bem? Ainda dá tempo de me demitir? Eles riram e disseram que tinha sido incrível". Borbulhante quando o assunto é trabalho, Bruna, no entanto, se recusa a dar pista do roteiro. "Não posso, meu querido. Quero estar no segundo filme", diz. *Besouro Azul,* primeiro herói latino da DC, é falado em espanhol com legendas em inglês e deve estrear em agosto do ano que vem.

FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

IRA NAS REDES

Está dando o que falar o anúncio da Marvel de chamar a atriz israelense **SHIRA HAAS,** 27 anos, famosa pela série *Unorthodox*, para interpretar Sabra, uma heroína mutante, no próximo *Capitão América*. Ocorre que Sabra, tal qual apareceu nos quadrinhos da franquia, é agente do Mossad, o serviço secreto de Israel, superpatriota e inimiga mortal de todos os palestinos — estes justamente os que mais se indignam nas redes com a personagem do cinema. "Os responsáveis pela película estão dando um novo enfoque a Sabra, que surgiu nos quadrinhos há mais de quarenta anos", limita-se a informar a Marvel. Outro mistério é como vão transformar em heroína de filme de ação a minúscula Shira, que mede 1,50 metro e pesa declarados 50 quilos (mas parece muito menos).

UM PARA CÁ, OUTRO PARA LÁ

Simplesinha até não poder mais, de jeans, camiseta branca, tênis e boné, **GISELE BÜNDCHEN,** 42 anos, passou uma manhã batendo perna e fazendo compras em Nova York com a filha **VIVIAN,** sinal de que voltou da Costa Rica, para onde tinha partido – sozinha – no começo do mês. A viagem foi mais um indício de problemas no casamento: Gisele não teria engolido o fato de Tom Brady, 45, haver anunciado sua aposentadoria em fevereiro e voltado atrás em março. “É um esporte muito violento e eu e meus filhos gostaríamos que ele estivesse mais presente”, disse ela em entrevista recente. Segundo os sempre presentes e sempre linguarudos “amigos próximos”, Gisele voltou, sim, para a Flórida, mas não para casa. Do passeio em Nova York, duas observações: 1) ela não usa bolsa e 2) Vivian, aos 9 anos, está batendo no ombro da mãe, de 1,80 metro.

THE GROSBY GROUP

TV GLOBO

CLIMÃO NO SET

Pelo jeito, o clima assustador de *Desalma*, série da Globoplay que está na segunda temporada, anda se replicando nas gravações. A atriz **CLÁUDIA ABREU,** 51 anos, intérprete da psicóloga Ignes, relata um incêndio no set que emprestou um ar ainda mais místico à produção sobre rituais medievais em uma colônia ucraniana isolada no interior do Paraná. Ninguém soube explicar como começou o fogo — devidamente controlado, sem deixar vítimas. Em outro momento estranho da gravação, a equipe viu cair neve em uma região onde isso nunca acontece. "Eu acredito no sobrenatural de uma forma que não sei bem explicar. Não é nada ligado a religiões. Mas ponho fé naquela frase famosa: *Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay"*, diz Cláudia, (meio) brincando. ■

NÃO VAMOS ESQUECER

A pandemia de Covid-19 vai acabar em breve. Agora, é aprender as lições deixadas a custo de tanto sofrimento para que tragédias semelhantes nunca mais se repitam

CILENE PEREIRA E **PAULA FELIX**

CONSOLO O abraço na UTI de hospital em Houston, há dois anos: a empatia dos profissionais de saúde abrandou a dor

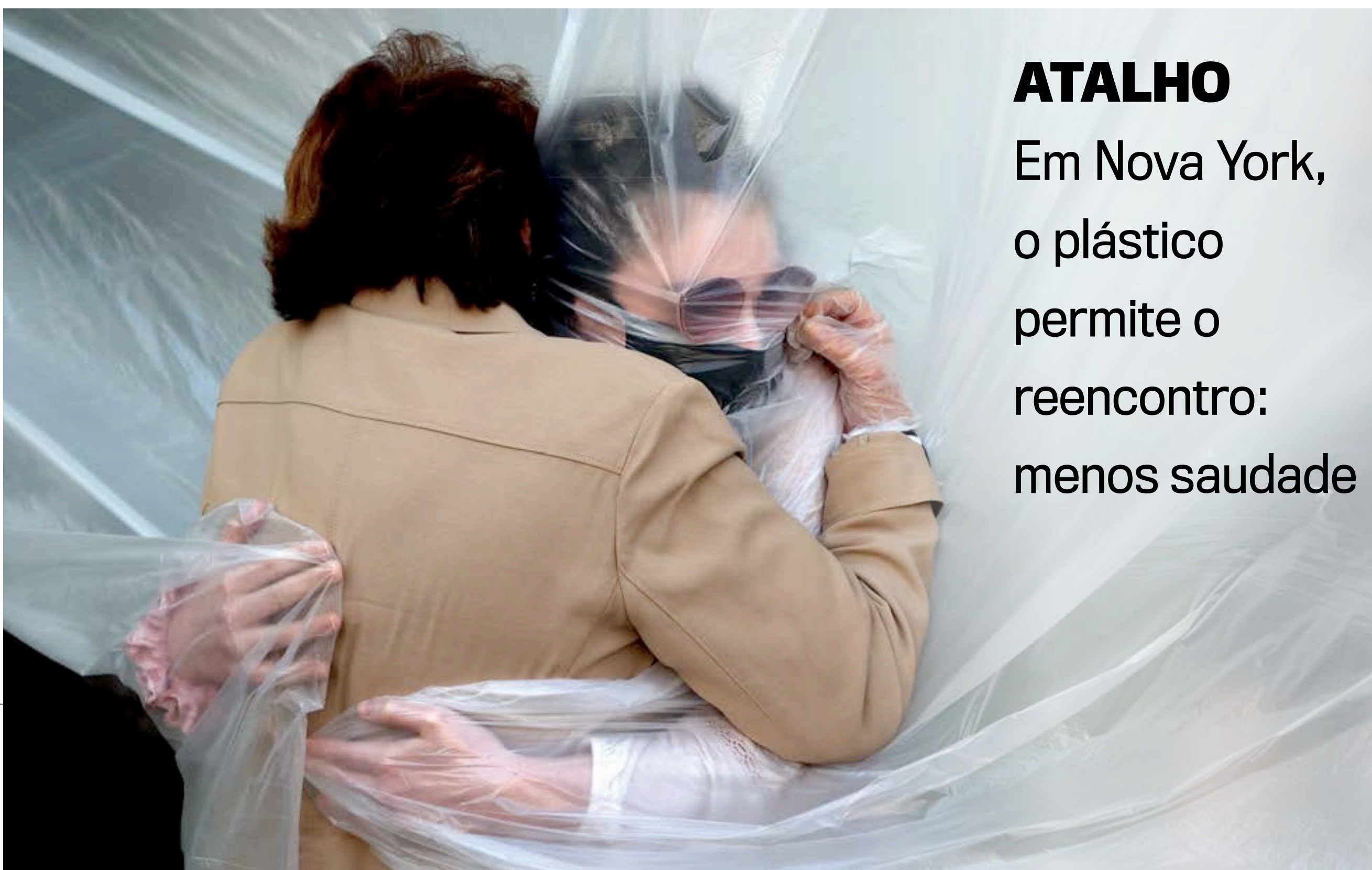
GO NAKAMURA/GETTY IMAGES

JONNE RORIZ

DESOLAÇÃO Em Manaus, o retrato das mortes em série: sucessão de covas

VIDA EM USPENSO *Lockdown* em Wuhan, na China: onde tudo começou

GETTY IMAGES

AL BELLO/GETTY IMAGES

ATALHO Em Nova York, o plástico permite o reencontro: menos saudade

Há passagens na vida tão comoventes que, muitas vezes, nada captura tão bem sua essência quanto uma imagem. A fotografia na página ao lado foi tirada no dia 26 de novembro de 2020 no United Memorial Medical Center, em Houston, nos Estados Unidos. Era uma quinta-feira, feriado de Ação de Graças, quando os americanos reúnem as famílias para agradecer as coisas boas do ano prestes a se encerrar.

Contudo, naquele dia não havia muito a ser festejado. Fazia oito meses que o mundo mergulhara na mais devastadora crise sanitária dos nossos tempos, causada por uma cepa nova de coronavírus, família viral que até um ano antes causava em humanos no máximo resfriados inconve-

nientes. Em Houston, assim como no mundo todo, amigos e familiares estavam isolados em suas casas. Nos hospitais, reinava o caos. A sobrecarga de pacientes e a exaustão física e emocional dos profissionais de saúde obrigados a lutar contra um inimigo que desafiava os livros de infectologia imperavam. Aos doentes, restava confiar naqueles homens e mulheres escondidos sob roupas e equipamentos de proteção, em algum Deus, para aqueles que tinham alguma crença, e lutar pela próxima respiração.

Morrer é sempre solitário, mas talvez a solidão no momento final nunca tenha sido tão cortante quanto entre os que perderam a vida longe de quem amavam durante a pandemia (são, até hoje, 6,5 milhões). Em um desses paradoxos da saga humana, nos ambientes hospitalares é que brotaram

MAURO PIMENTEL/AFP

MASCARADOS Show em Barcelona, em 2021: a retomada de eventos públicos foi lenta e sempre com proteção

instantes de amor como o imortalizado no retrato. Ao acolher nos braços o senhor já cansado da batalha, o médico Joseph Varon concedeu a ele o consolo da empatia.

Faz um ano e dez meses que o gesto de Varon sintetizou o que acontecia nos hospitais naquele momento. Também se passaram mais de 25 meses de outras cenas tristemente comuns em 2020, como os enterros coletivos em Manaus; o *lockdown* em Wuhan, na China, de onde o vírus saiu para colocar o mundo de joelhos; e o abraço apartado por um plástico pendurado num varal de uma casa em Nova York. Hoje, o mundo é outro. Não há mais *lockdowns* — à exceção da China, que de tempos em tempos decreta o isolamento de cidades —, o trabalho, o estudo e a diversão voltaram, sem máscaras.

MAURO PIMENTEL/AFP

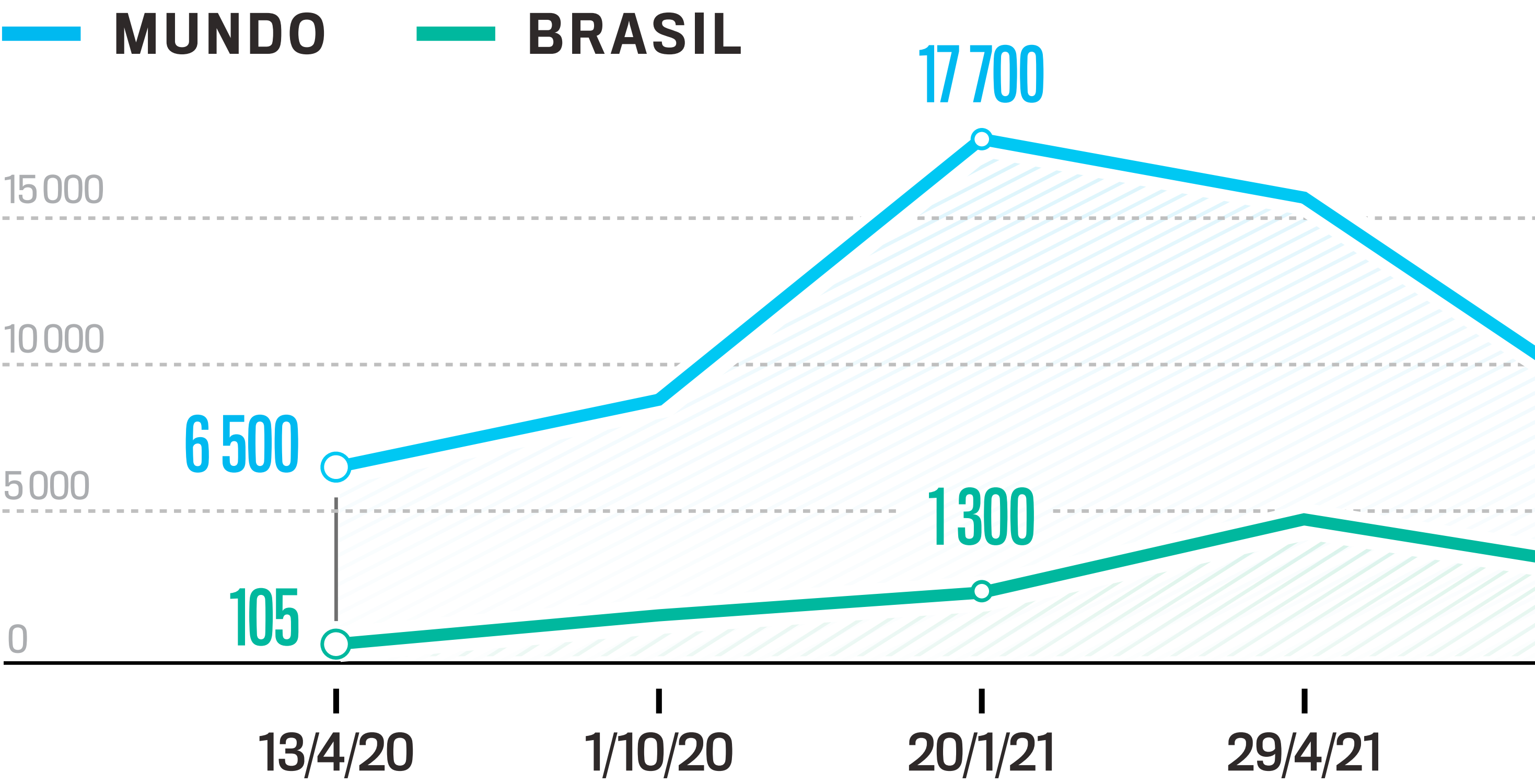
SORRISO À MOSTRA Selfies no Rock in Rio 2022 com todos sem proteção no rosto: prenúncio do fim da crise sanitária

Nas instituições de saúde, pouco se vê do cenário de dois anos atrás. No Hospital Israelita Albert Einstein, onde foram registrados os dois primeiros casos da doença no Brasil, na quarta-feira 21 estavam internadas com coronavírus dezesseis pessoas. Em 25 de março de 2021, havia 300. No Sírio-Libanês, nove pacientes encontravam-se hospitalizados com Covid-19 na segunda-feira 19. Mas nenhum estava lá somente por causa da enfermidade. "Todos apresentam comorbidades", contou Fernando Ganem, diretor-médico do hospital. No primeiro ano da pandemia, a instituição chegou a internar 300 pacientes em um dia. Einstein e Sírio suspenderam, agora, a produção dos boletins diários com os números de internações pela enfermidade. O Einstein

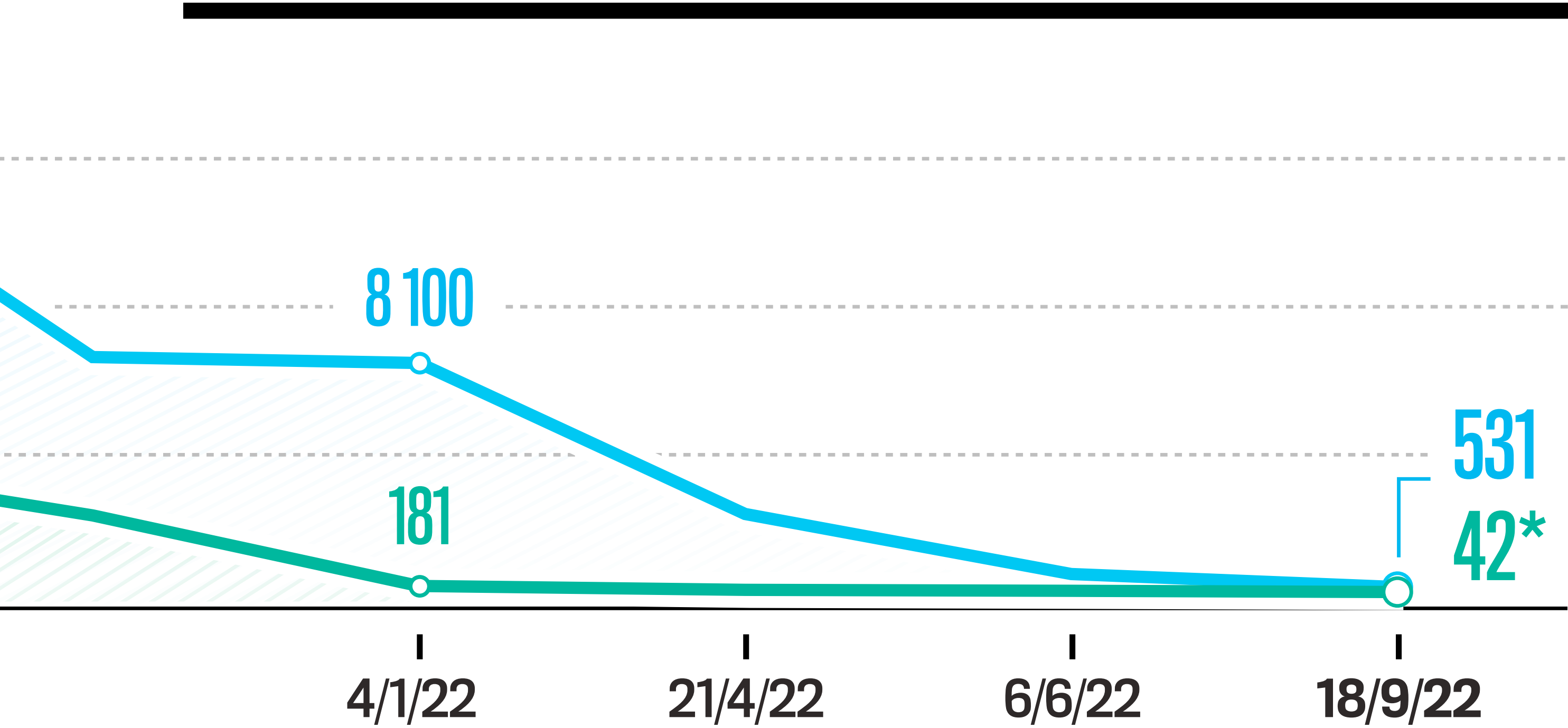
parou de fazê-los em agosto. O Sírio, nesta semana. Não há por que mantê-los. A pandemia, finalmente, está acabando.

O retrato de alívio fornecido pelos números é cristalino. Enquanto em 20 de janeiro de 2021 cerca de 18 000 pessoas infectadas morreram no mundo, no domingo, 18 de setembro de 2022, o total de mortes foi de 531. Informações como essa, aliás, motivaram o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhnom, a anunciar, na semana passada, que o fim da crise sanitária está à vista. Sempre conservadora em projeções, a OMS endossou o po-

MORTES EM QUEDA

Graças às vacinas e ao maior conhecimento sobre a doença, o número de vidas perdidas por dia está em declínio

sicionamento de autoridades de saúde mundiais que vêm sugerindo o término desde meados do primeiro semestre. Na ocasião, ganhou corpo a percepção de que a pandemia se encaminhava para o encerramento, principalmente depois do observado após o furacão causado pela chegada da ômicron, em novembro de 2021.

Quatro vezes mais transmissível do que a delta, a variante obrigou a instituição de novos *lockdowns* em capitais europeias e fez explodir os casos até março deste ano. O pior dos pesadelos parecia se materializar na figura de uma variante diferente de todas. No entanto, o que se viu foi o esperado em cenários pandêmicos: o vírus ganhou transmissibilidade, mas perdeu em letalidade. A transformação é

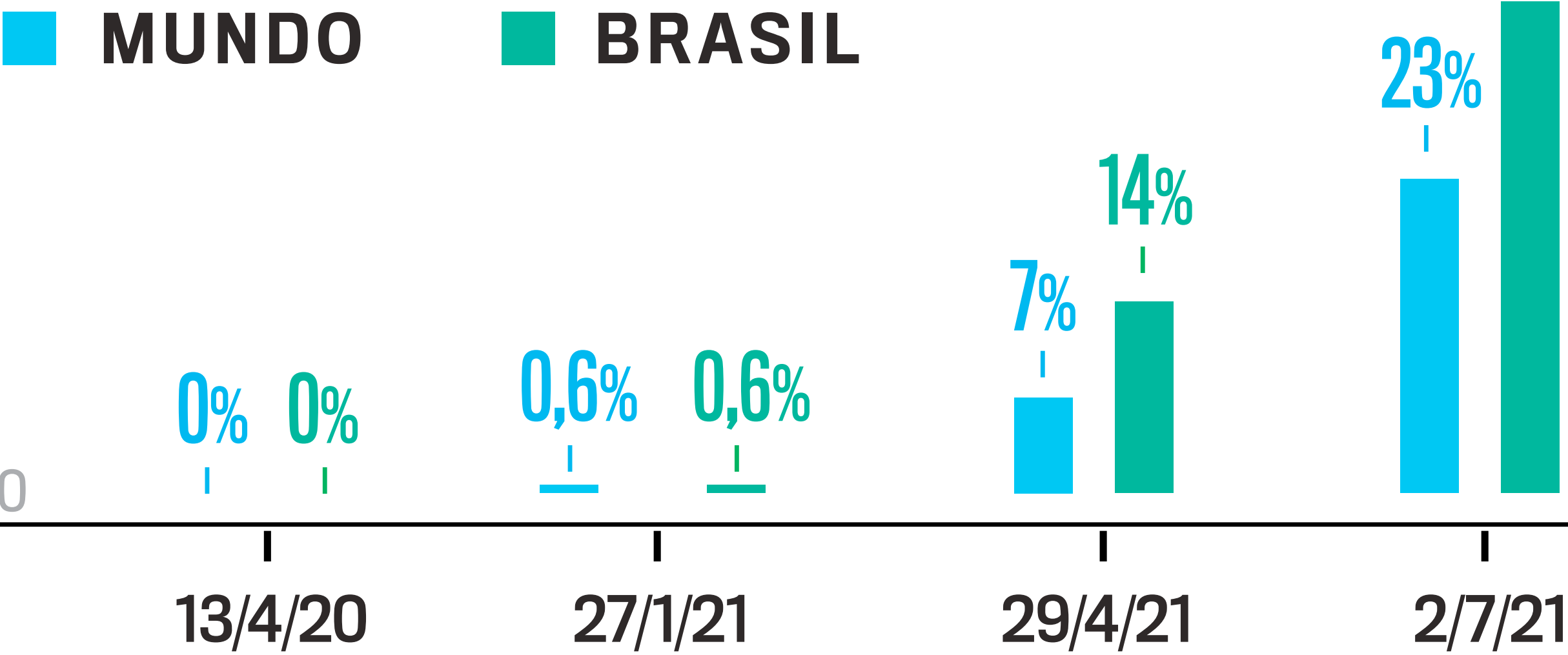
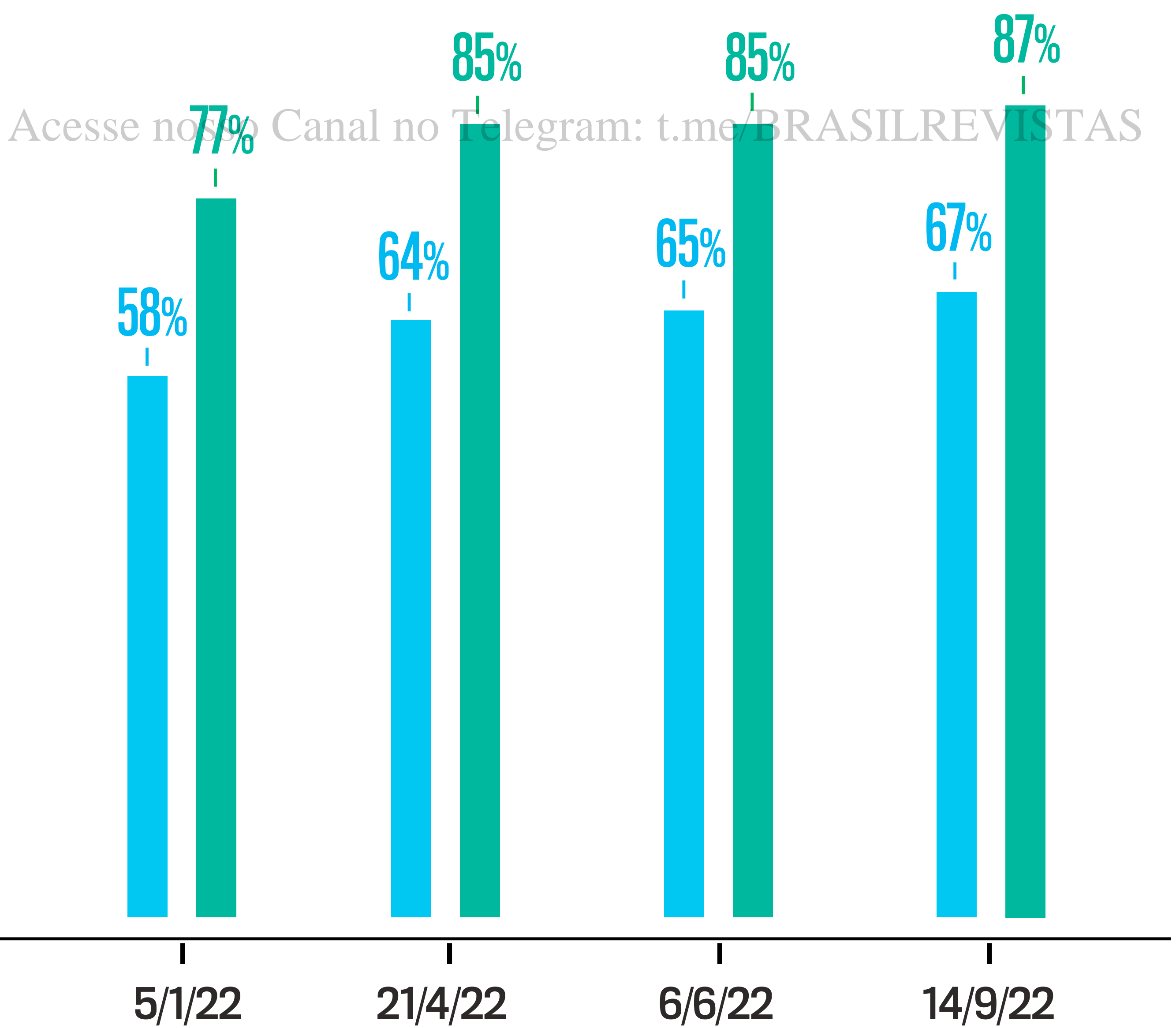
fruto do processo de adaptação dos vírus — e não está sendo diferente com o Sars-CoV-2 — cujo objetivo não é destruir os hospedeiros, mas permanecer usando-os para multiplicar seu material genético. O caminho daqui em diante,

portanto, será a convivência do ser humano com o novo coronavírus. É assim, aliás, que coexistimos com o influenza, o vírus da gripe. A comparação também ajuda a entender que a Covid-19 continuará fazendo vítimas, sim.

Até por essas razões, é preciso compreender o que significa dizer que uma pandemia acabou. Na segunda-feira 19, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, fez essa afirmação em relação à Covid-19. No entanto, elas não acabam com decretos ou declarações. Pela complexidade que as caracteriza, elas exigem muito mais do que vontade para que o término seja definido — daí deriva, inclusive, o fato de a OMS até agora não ter divulgado nada mais preciso a esse respeito. A verdade é que, nos episódios mais conhecidos

da história, cada desenlace teve um perfil diferente. Na gripe espanhola, responsável por matar ao menos 50 milhões de pessoas ao redor do mundo entre 1918 e 1920, a cepa do influenza por trás da tragédia foi perdendo letalidade e lugar para outras linhagens, até que o caos se dissipou. Na crise provocada pelo influenza H1N1, que eclodiu em 2009, houve o anúncio formal do fim no dia 10 de agosto de 2010 com um comunicado da OMS informando que o vírus havia seguido seu curso. O H1N1 continua em circulação, mas sem potencial pandêmico.

Uma das dificuldades em estabelecer quando se encerra uma pandemia é a escolha dos preceitos técnicos que servirão de baliza. “Não existe, por exemplo, um indicador quantitativo de quantas mortes ‘são aceitáveis’. São critérios mais

qualitativos do que quantitativos", explica o epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas. No caso da Covid-19, uma das métricas citadas pela OMS é o alcance de 70% de cobertura vacinal. Já estamos com 67%. Mas há outro aspecto fundamental. "Pandemias não são somente fenômenos biológicos", diz Nicholas Christakis, da Universidade Yale, nos Estados Unidos. "Elas são também um acontecimento social e uma das formas pelas quais acabam é quando a sociedade concorda em tolerar o risco."

O mundo encontra-se exatamente nesse ponto. Além de os dados biológicos evidenciarem a transição do vírus para a forma endêmica, a percepção da sociedade mudou. Da mesma forma que a humanidade entendeu que, embora a

gripe mate de 290 000 a 650 000 pessoas por ano, a vida precisa seguir, ela agora enxerga a Covid-19 como mais uma doença com a qual o ser humano terá de lidar. E nesse ponto, ao menos, abrimos vantagem em relação ao vírus graças a uma empreitada científica sem precedentes. Saiu-se do zero, ou praticamente isso, na virada de 2019 para 2020, para o sequenciamento genético do coronavírus em apenas dezessete dias. E o mais extraordinário: a aplicação da primeira dose de vacina ocorreu 272 dias depois da decretação de pandemia. Hoje, há onze imunizantes aprovados, todos ca-

Fontes: *OMS; Our World in Data*

pazes de reduzir drasticamente o risco de que a doença evolua para formas graves. Deve-se a eles, em primeiro lugar, a queda nas internações e mortes. Medidas como o isolamento e o uso de máscaras, além de um arsenal de remédios e equipamentos, completaram o conjunto vitorioso.

Nunca será demais louvar o belo trabalho da ciência nesses anos. É fundamental ressaltar, porém, que as façanhas são resultado de décadas de investimento na construção do conhecimento e no desenvolvimento de tecnologias. A plataforma utilizada na fabricação da vacina da Pfizer-BioNTech, a primeira a ficar pronta, por exemplo, era estudada havia anos. Sua produção em tempo tão curto só foi possível porque as bases teóricas e tecnológicas estavam erguidas.

"A pandemia evidenciou claramente a importância de investirmos em ciência", diz Sidney Klajner, presidente da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. O hospital integrou um pool de instituições brasileiras responsável pela realização de algumas das mais relevantes pesquisas sobre a doença, incluindo o estudo que comprovou a ineficácia da hidroxicloroquina.

A compreensão da ciência como valor imprescindível está entre os legados da pandemia. E essas heranças, boas ou ruins, nos obrigam a fazer a lição de casa de hoje em diante de modo a aprimorar o que deu certo e consertar o que está errado. Parte das falhas foi descrita em um duro relatório feito por especialistas reunidos pela revista científica *The Lancet* e publicado na semana passada. A principal crítica

PROTEÇÃO A conquista das vacinas: vitais para reduzir o número de mortes

foi a ausência de trabalho coordenado entre organismos internacionais e os países, o que contribuiu para atrasar as respostas ao crescimento de casos. Os cientistas calcularam que a lentidão encaminhou 17,7 milhões de mortes entre 2020 e 2021 que poderiam ser evitadas.

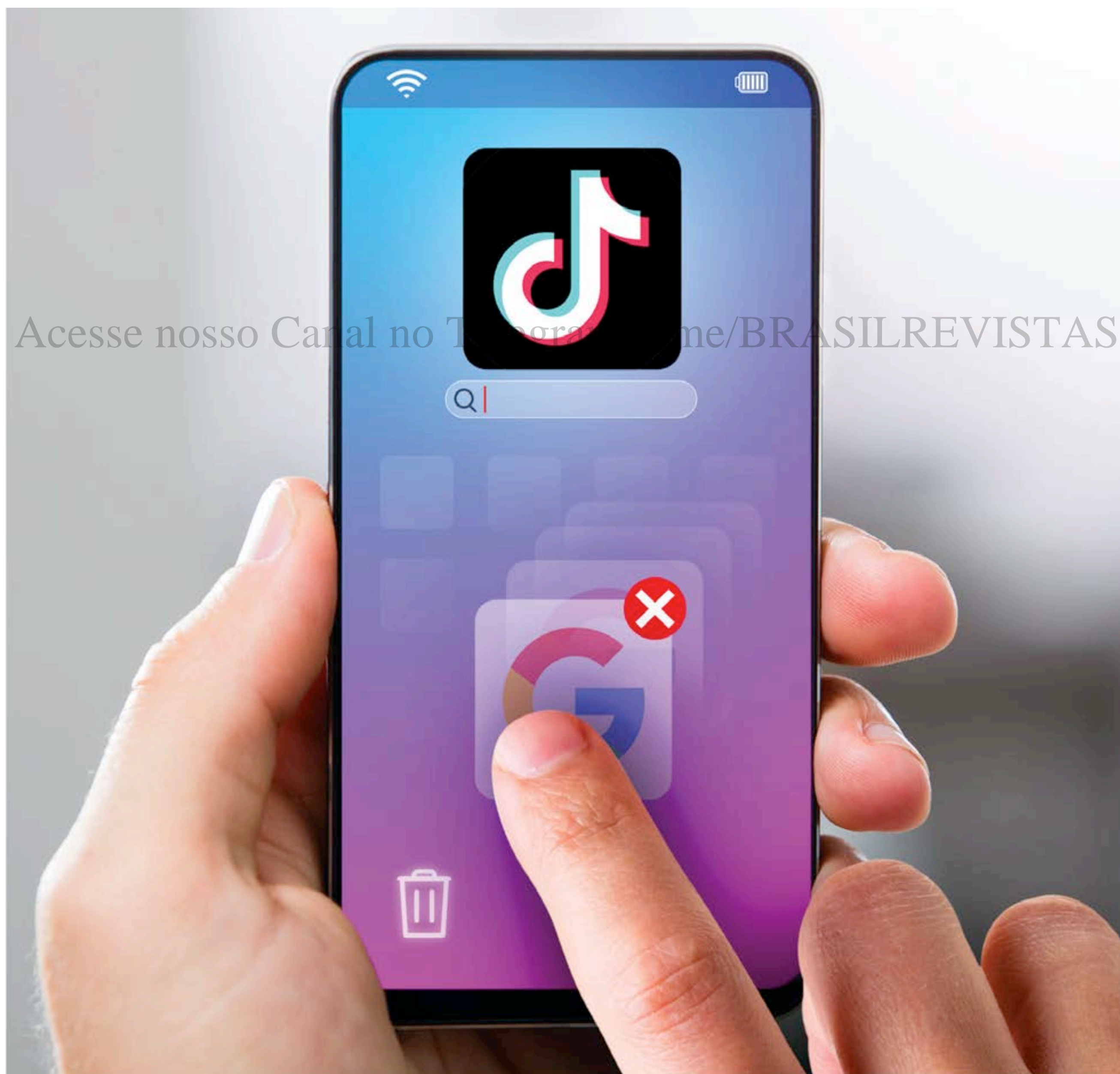
No Brasil, a ausência de uma política unificada e o discurso do governo do presidente Jair Bolsonaro, ao subestimar a gravidade da doença e desprezar as vacinas, custaram milhares de vidas. De acordo com o médico Pedro Hallal, 400 000 das 685 500 mortes não teriam acontecido se o Executivo federal tivesse escolhido a ciência e não o proselitismo. Há um natural custo político. Uma pesqui-

UNDERWOOD ARCHIVES/GETTY IMAGES

TÉRMINO Vítimas da gripe espanhola: ao longo do tempo, o vírus perdeu força

sa da Genial/Quaest mostrou que, entre os 40% dos eleitores muito preocupados com a Covid-19, 55% votariam no ex-presidente Lula. Entre os 18% nada preocupados, a preferência é por Bolsonaro. A parte lamentável desses números é saber que ainda existem negacionistas. Contudo, o processo histórico, construído por avanços e retrocessos, caminha sempre em direção ao progresso. E a pandemia, perto do fim, certamente foi um ponto de inflexão decisivo nessa trajetória. Não podemos — e não vamos — nos esquecer de tudo o que ela nos ensinou, em meio ao pranto e à resiliência. ■

BUSCA INCESSANTE

O TikTok substitui o Google como ferramenta de pesquisa entre os jovens e mostra que nenhuma empresa de tecnologia está livre da influência da marca chinesa **ANDRÉ SOLLITTO** E **DIEGO ALEJANDRO**

NA PALMA DA MÃO Em vez de texto, imagens: a garotada da geração Z pesquisa recomendações diretamente no TikTok

ISTOCK/GETTY IMAGES

DE TEMPOS em tempos, uma nova rede social desponta como um foguete, conquista milhões de fãs, ameaça o reinado de rivais mais robustos e, quase na mesma velocidade em que surgiu, desaparece miseravelmente. Foi assim com MSN, MySpace e Orkut, para citar casos ainda frescos na memória. Mas há muitos outros — nomes como Digg, Fotolog e Vine sumiram do mapa num piscar de olhos. Nos últimos anos, o exemplo mais rumoroso de sucesso é o aplicativo chinês TikTok. Ele nasceu em 2016 e seduziu de imediato os jovens com vídeos curtos e coreografias aleatórias, as famosas dancinhas. Muita gente torceu o nariz, principalmente os pais da garotada que se contorcia na plataforma, e tantos outros consideraram o TikTok uma moda passageira.

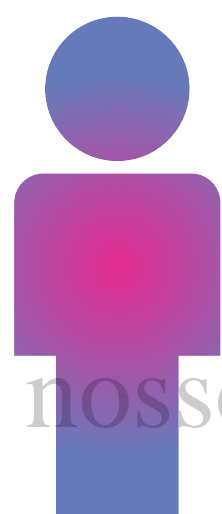
Desta vez, erraram feio. O app está longe de seguir o roteiro de fracassos do passado. Muito pelo contrário: com 775 milhões de usuários ativos e 3 bilhões de downloads, é a terceira rede social mais espalhada pelo mundo. Isso, porém, já é conhecido. Há agora uma novidade ainda mais espantosa. Os nascidos depois dos anos 2000 — a geração Z, portanto — passaram a usar o TikTok como ferramenta de busca.

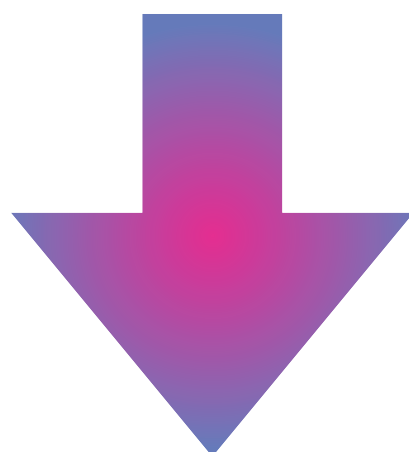
A competição pela atenção máxima dos usuários de redes sociais acirrou-se nos últimos anos, mas ela sempre esteve circunscrita às plataformas que permitem a interação entre pessoas. O que diferencia o TikTok agora é o fato de avançar sobre um território que pertence ao Google, que detém cerca de 90% do mercado mundial de buscadores. A revelação foi feita, meio sem querer, por Pra-

A FEBRE DOS VÍDEOS CURTOS

Os números superlativos da rede social

40%

DOS JOVENS DE **18 A 24 ANOS** USAM O TIKTOK COMO **PLATAFORMA DE BUSCA**

775 MILHÕES

DE USUÁRIOS ATIVOS

3 BILHÕES

DE DOWNLOADS

20%

DO TOTAL DE USUÁRIOS DE REDES SOCIAIS ESTÃO NO **APP CHINÊS**

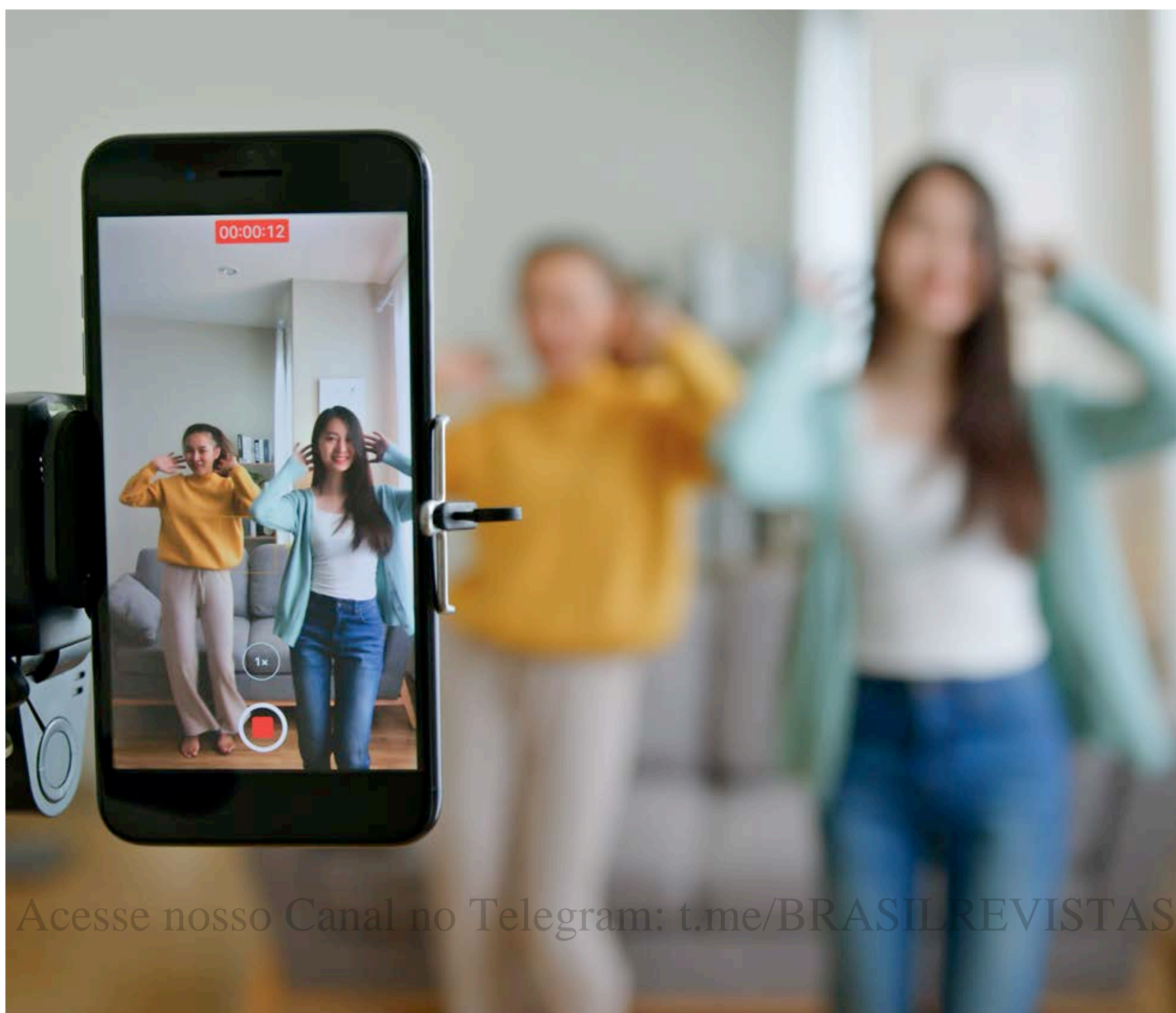
Fontes: *CloudFlare, Google e Insider Intelligence*

bhakar Raghavan, executivo da área de conhecimento e informação do gigante de tecnologia, em evento promovido pela revista americana *Fortune.* Ele contou que estudos feitos pela própria empresa descobriram que 40% dos jovens não vão à ferramenta de busca do Google quando procuram, por exemplo, um lugar para almoçar. Na verdade, eles recorrem ao TikTok.

Parece algo inusitado, mas uma rápida vasculhada no TikTok confirma que a plataforma funciona para esse propósito. Basta digitar, digamos, passeios perto de uma determinada região para uma enxurrada de vídeos sobre o assunto aparecer na timeline. Dúvidas sobre saúde, receitas gastronômicas, informações sobre pets, dicas sobre co-

mo trocar pneu de carro — está tudo ali, em clipes sempre rápidos e diretos. Para especialistas, esse é o motivo que seduz a molecada. Os resultados da busca sempre surgem na forma de vídeos, e não textos, e a geração Z habituou-se a ver mais e ler menos. Eis aqui o grande defeito do buscador. Em geral, os resultados da busca são superficiais. Como esmiuçar uma nova descoberta astronômica em um videozinho de um minuto ou explicar os métodos anticoncepcionais em um período tão curto?

O modelo de vídeos feitos de forma simples, até toscos, reforça a autenticidade que muitos jovens associam à rede chinesa. “O TikTok surgiu em oposição à estética de outras redes, e vem lidando bem com uma reivindicação por parte dos usuários de outras plataformas por conteúdos mais ge-

NATTAKORN MANEERAT/GETTY IMAGES

NO RITMO Coreografia de sucesso: além de dancinhas, o TikTok é famoso pelo conteúdo considerado mais autêntico

nuínos", afirma Issaaf Karhawi, pesquisadora em comunicação digital da USP. O funcionamento do aplicativo é diferente do de outras redes sociais. No Facebook, o algoritmo é criado a partir de uma intrincada rede de contatos com familiares, amigos, colegas de trabalho e outros conhecidos que os usuários vão lentamente construindo. É o mesmo princípio do Twitter, que cresceu graças ao envolvimento de celebridades, especialistas e outras fontes de informação capazes de atrair a atenção dos usuários.

GE JINFH/IMAGINECHINA/AFP

VISÃO Zhang Yiming, criador do app chinês: a inspiração veio do Google

Entretenimento é o foco. Quem abre o TikTok recebe conteúdos de desconhecidos, impulsionados simplesmente pela capacidade de viralização. É uma ferramenta que atrai a atenção de forma mais primitiva, e o algoritmo é treinado para compreender as preferências de cada um com surpreendente rapidez e eficiência. Por isso funciona tanto. O crescimento acelerado da rede chinesa fez com que o mercado se movimentasse para tentar replicar o sucesso do rival. O Instagram e o Facebook incorporaram um modelo semelhante de vídeos curtos, o Reels, e o Instagram chegou a anunciar que o feed, onde o usuário vê os novos conteúdos, seria transformado para priorizar os vídeos. No fim, voltou atrás.

A intenção de desafiar o Google e outras redes está na gênese da ByteDance, dona do TikTok. Seu fundador, Zhang Yiming, afirmou na ocasião do lançamento do app que o objetivo era criar uma empresa sem fronteiras, exatamente como fez o Google. Yiming tem sido bem-sucedido

NOAH BERGER/AFP

AMEAÇADO Sede do Google no Vale do Silício: concorrência real e inesperada

na empreitada. "O principal objetivo do TikTok é se tornar um super-app capaz de tocar em todos os aspectos de nossa vida e assumir o monopólio de nosso tempo", afirmou a VEJA o jornalista britânico Chris Stokel-Walker, autor de *TikTok Boom: um Aplicativo Viciante e a Corrida Chinesa pelo Domínio das Redes Sociais* (Editora Intrínseca).

Os próximos passos rumo à dominação já foram dados. Nos últimos dias, a empresa chinesa anunciou o TikTok Now, uma ferramenta para capturar fotos e vídeos sem filtro, com

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

LOBBY Mark Zuckerberg, da Meta: reunião secreta com Donald Trump

um formato semelhante ao de outra rede social que vem ganhando espaço entre os jovens, a BeReal. O objetivo é reforçar a imagem de autenticidade. Além disso, o TikTok também sinalizou que criará uma plataforma de streaming de música para competir com os gigantes do setor, como o Spotify, e vem fazendo testes com jogos on-line.

A crescente ameaça a outras redes tornou o TikTok alvo da ira dos maiores empreendedores do setor de tecnologia, especialmente Mark Zuckerberg. Em outubro de 2019, o fundador do Facebook participou de um jantar privado com o então presidente Donald Trump, e argumentou que as empresas chinesas são uma ameaça aos Estados Unidos. De acordo com o *The Wall Street Journal,* Zuckerberg repetiu a afirmação em encontros com senadores bem na época em que o TikTok esteve sob escrutínio das agências de segurança americanas, quando quase foi banido.

A revolta faz sentido especialmente quando se olha para o dinheiro investido nas diferentes plataformas. Um re-

latório da Insider Intelligence, especialista em pesquisas de mercado, mostra que em 2022 o TikTok deverá superar o Facebook em receitas geradas por influenciadores. Serão 775 milhões de dólares apenas nos Estados Unidos, contra 739 milhões no Facebook. Até 2024, a rede chinesa ultrapassará o YouTube e ficará atrás apenas do Instagram. "No TikTok, os influenciadores vendem entretenimento", afirma o publicitário Rafael Coca, cofundador da Spark, agência focada em marketing de influência. "Ninguém fica vendo *likes* ou seguidores, mas sim a capacidade de cada um de engajar os usuários."

A velocidade dos novos tempos tem feito com que os ciclos de dominação das empresas de tecnologia se tornem cada vez mais curtos. Quando surgiu, o YouTube representou um caminho rápido para o sucesso, com produtores de conteúdo virando celebridades da noite para o dia. A perda da relevância, porém, tem sido igualmente veloz. "Por isso seria fácil imaginar que o sucesso do TikTok teria vida curta", afirma Chris Stokel-Walker. "Mas não há nenhum concorrente à vista". Talvez a empresa que ocupará o lugar do TikTok sequer tenha nascido. ■

PROVA DE RESISTÊNCIA

A proximidade do Enem traz ansiedade a todos, mas em particular aos aspirantes ao curso de medicina — de longe, o mais disputado em todo o país **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

E DÁ-LHE AULA Cursinho Anglo: os candidatos a medicina treinam mais e ainda têm acompanhamento psicológico

ALBERTO ROCHA/FOLHAPRESS

COM O EXAME Nacional do Ensino Médio (Enem) e um leque de vestibulares se aproximando, o caldeirão das tensões fervilha como nunca nessa que é uma etapa tão decisiva na vida do estudante. Uma ala da turma, porém, pena mais do que as outras: são aqueles jovens que vão tentar uma vaga em medicina, a concorrência mais difícil entre todas as outras no país. Nenhum curso exige uma nota tão alta na entrada — 814, de um total de 1 000, foi a pontuação média no último Enem para conquistar um lugar ao sol em uma instituição pública na área. Na prática, significa que o aluno precisa acertar 150 das 180 questões do exame e ainda cravar pelo menos um 9 na temida redação, uma régua que torna o desafio de ingresso no ensino superior ainda mais superlativo e impõe aos jovens alta disciplina. E, para quem anda às voltas com essa maratona, que tem fim em 20 de novembro, uma notícia: ao que tudo indica a procura irá às alturas, já que a pandemia fez muita gente considerar abraçar a profissão.

Um levantamento nas faculdades de medicina

mais procuradas em todo o território nacional ajuda a dimensionar a pressão que recai sobre os jovens. Na ambicionada USP, 125 duelaram por uma vaga em 2021, enquanto na Unicamp a competição era de 325 candidatos para uma única vaga. Dificulta a missão o fato de, em geral, os estudantes entrarem na briga bem preparados. Afinal, eles são obrigados a investir tempo além da conta sobre os livros. “O perfil de quem tenta medicina em universidade pública é de nível acadêmico bem elevado”, reforça Marvio Lima, diretor-geral do cursinho De A a Z. São pessoas que revelam também resistência fora do comum — a maioria tenta três anos seguidos até, enfim, se tornar universitária, como a carioca Luísa Lisboa, 23, que acabou na Universidade Estadual de Alagoas. Como o que queria mesmo era a UFRJ, aventurou-se pela quarta vez no exame — e teve sucesso. “Durante esse período, vivi só para isso”, resume ela, que enfrentou os obstáculos pandêmicos no meio do percurso.

Diante de tamanho grau de dificuldade, uma engrenagem entra em ação para dar estofo aos candidatos para os quais as instituições públicas são a única via — seja pelo valor das mensalidades em universidades particulares (entre 10 000 e 15 000 reais), seja por escolha mesmo. Para os aspirantes a médicos, a carga de estudos é mais puxada — os cursinhos, que costumam dar trinta horas semanais de aulas, dedicam 45 horas a esse grupo, que ainda recebe acompanhamento psicológico. É essencial. Aos 24 anos, Návilla Oliveira se encaminha para sua quarta

tentativa e cogita trocar para veterinária caso não passe de novo. “Desenvolvi uma ansiedade. Vejo meus amigos se formando, trabalhando, e eu continuo na mesma”, desabafa. “O estudante de medicina é como um atleta de alta performance, que sente a pressão e precisa aprender a lidar com suas aflições e nervosismos”, enfatiza Heitor Ribeiro, coordenador do Curso Anglo.

ARQUIVO PESSOAL

NA BRIGA Návilla Oliveira: ansiosa, ela tenta passar pela quarta vez

Apesar de ser uma carreira exaustiva, que demanda elevadas doses de dedicação, ela atrai tanto os jovens por um misto de propósito — salvar vidas, ajudar os outros — e remuneração. O salário inicial é de 7 500 reais, maior do que na economia (6 000) e no direito (4 500). E há espaço no Brasil para mais médicos, cuja proporção — de 2,4 para cada 1 000 habitantes — ainda está bem aquém da dos países mais desenvolvidos da OCDE, de 3,5. Os especialistas acreditam que, mais adiante, a batalha de quem sonha com um jaleco tende a ficar menos acirrada. “A mé-

dio prazo, a oferta deve acompanhar a demanda — isso não apenas no setor privado como no público”, avalia Júlio Braga, coordenador do ensino médico no Conselho Federal de Medicina (CFM). A preocupação maior é que a qualidade seja uma marca de tal expansão.

Enquanto ela não acontece, resta aos futuros médicos mergulharem nos livros dia e noite, antecipando o cotidiano nos hospitais. É uma tremenda prova de resistência. “Vestibulando de medicina precisa resolver até 1 000 questões por semana, ao passo que os outros solucionam de 200 a 400. E eles estudam mais de doze horas por dia”, calcula Breno Leite, fundador do cursinho PB, na região metropolitana do Rio de Janeiro. A experiência mostra

que, quanto mais leveza os jovens conferem ao duro desafio, mais tranquilos chegam à reta final. “Abri mão da vida social, mas não deixo de fazer atividades físicas”, ensina Maria Fernanda Branco, 19 anos, que se prepara para o segundo Enem. Ela e os outros já são mestres. ■

REENCONTREI MEU PASSADO AO ESCREVER

Louis Frankenberg, 85, sobreviveu ao Holocausto na infância — e só mais tarde, no Brasil, desvendou sua história

NASCI EM 8 DE OUTUBRO DE 1936 em Alkmaar, na Holanda, em uma família judia de ascendência alemã. Eu era uma criança bastante travessa. Tenho lembranças vagas da mais tenra idade, parte delas registrada em fotografias e gravações deixadas pelo meu pai. Éramos uma família unida e feliz, até sermos afetados pelos desdobramentos da II Guerra Mundial. Foi somente em meados da década de 80 que embarquei em uma jornada investigativa do meu próprio passado como sobrevivente do Holocausto. Já residia em São Paulo, estava casado com Helena e tínhamos três filhos crescidos. Foram décadas até que essa busca tomasse forma no livro *Cinco Vezes Vivo* (Editora Terceiro Nome), escrito com a ajuda de meu genro, o jornalista Ricardo Garcia, e publicado neste ano.

A Holanda foi invadida pela Alemanha em 1940 e, em 1942, com o avanço do nazismo, meus pais enviaram eu e minha irmã, Eva — tínhamos então 5 e 8 anos —, para um internato na cidade de Hilversum. Na época, as famílias judias preferiam se separar de seus filhos para que os riscos de ser encontrados diminuíssem. Nunca mais vi meus pais. Eles foram descobertos num esconderijo em 20 julho de 1943 e, depois de presos, mortos três dias mais tarde nas câmaras de gás do campo de extermínio de Sobibor, na Polônia, junto com minha avó paterna. Em fevereiro de 1944, fui encontrado pela Polícia Civil holandesa e, junto com outras crianças judias, acabei preso. Minha irmã conseguiu escapar. Passei a me sentir ainda mais sozinho. Àquela altura com 7 anos, passei por dois cam-

pos de concentração. O primeiro foi Westerbork, na própria Holanda — onde fiquei numa espécie de orfanato. Depois, fui encaminhado para Theresienstadt, na então Checoslováquia. A viagem durou três dias e foi feita em um trem de gado, sem janelas, lotado de pessoas. Havia pouquíssima comida e as necessidades eram feitas num canto. Eu não compreendia direito o que estava acontecendo, mas sabia que era algo terrível. No novo campo, a situação era pior do que em Westerbork, mas tive a sorte de ser acolhido por um casal, René e Mor Obstfeld. Separados de seus filhos, assim como eu fui de meus pais, eles me protegeram naquele período assustador.

Em 1945, um acordo permitiu que um único transporte levasse 1 200 judeus à liberdade na Suíça. Entre as cerca de 4 000 pessoas que se candidataram, eu e meus tios postiços

fomos selecionados. Esse já era um trem de verdade, para mostrar para o mundo que os nazistas não eram tão ruins assim. Mas não sabíamos se de fato iríamos para a liberdade ou para um campo de extermínio, podia ser uma mentira. Senti que realmente tinha acabado quando chegamos à fronteira e vimos que estávamos livres. A sensação foi de alegria. Reencontrei minha irmã em 1946, ao retornar para a Holanda. Órfãos, chegamos ao Brasil em 1947, quando eu tinha 10 anos. Nos estabelecemos em Porto Alegre, onde minha avó, Anna, e meus tios Kurt e Hilde viviam e nos acolheram. Aqui, já adulto, fiz carreira no ramo do planejamento financeiro pessoal e construí minha família.

Depois de décadas de uma investigação profunda, em

que viajei, conheci pessoas e encontrei documentos, além de mergulhar em leituras, pude traçar a história de minha família, entrelaçada à da guerra. Hoje, não sinto nada pungente em relação ao que vivi. É apenas uma memória, e reencontrei meu passado ao escrever. Ainda há pessoas que negam que os horrores da guerra tenham acontecido. Tentamos mostrar que era, sim, verdade. Por mais otimista que eu queira ser, sei que coisas negativas do passado podem voltar. O ser humano é assim, não aprende com seus erros. Espero não ter de me confrontar com novas guerras — é por isso que eu vim para o Brasil. Gosto de morar aqui. ■

Depoimento dado a Gabriela Caputo

PERDIDOS NA SELVA

Novas descobertas arqueológicas revelam que, no passado remoto, a região amazônica foi densamente povoada, com cidades complexas e conectadas entre si **ANDRÉ SOLLITTO**

MARK FOX/GETTY IMAGES

MATA VIRGEM Bacia do Xingu: a configuração atual da floresta é resultado direto da ação humana

ATÉ HOJE, os livros didáticos insistem em estabelecer que o início da história do Brasil se deu com a chegada dos europeus, em 1500. Por essa visão, foi só após o desembarque dos portugueses que aquela "terra selvagem" — para usar a expressão consagrada nos cânones educativos — começou a ser desbravada com a criação de cidades e a expansão progressiva mata adentro até a Amazônia, no extremo norte do país. Nada poderia estar mais distante da realidade. Não apenas a Amazônia foi densamente povoada muito antes da invasão europeia como a sua atual configuração deve-se à ação do homem durante milhões de anos. Para ficar mais claro: a monumental floresta que conhecemos é consequência direta do trabalho dos povos que lá viveram.

Essas são algumas das descobertas descritas no livro *Sob os Tempos do Equinócio: Oito mil Anos de História na Amazônia Central* (Editora Ubu), do arqueólogo Eduardo Góes Neves, diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Durante quinze anos, com o apoio de uma equipe numerosa, ele se dedicou à escavação de sítios na Amazônia Central, e assim se tornou um dos principais pesquisadores do tema no Brasil. "Sabemos que a Amazônia é habitada há pelo menos 8 000 anos, há tanto tempo quanto em outras partes das Américas, por diferentes povos, com distintas formas de organização social e política, desde bandos nômades de caçadores-coletores até sociedades sedentárias hierarquizadas", afirma Neves.

MARCOS VICENTTI/FOLHAPRESS

INDÍCIOS Marcações no solo: gigantescas estruturas eram espaços sociais

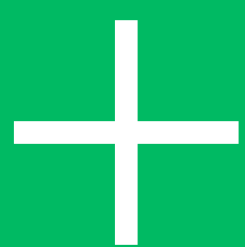
Seus estudos concluíram que entre 8 e 10 milhões de pessoas viveram na Amazônia no período anterior à chegada dos portugueses. Ao contrário de outras civilizações americanas, a distribuição demográfica era mais ampla. Não havia metrópoles, mas inúmeras cidades menores e relativamente populosas. Um exemplo é Santarém, no atual Pará. Fundada em 1661, foi um dos primeiros municípios da região amazônica. Na ocasião, 6 000 indígenas viviam ali, população quatro vezes maior que a do Rio de Janeiro na época.

Para calcular o contingente que habitou a Amazônia, Neves baseou-se em vestígios da ocupação humana de outrora. Artefatos de pedra e cerâmica extremamente refinados, hoje guardados em museus, são alguns deles. Mas há muito mais. É o caso da terra preta, tipo de solo que indica as modificações feitas pela ação humana — são, em síntese, assentamentos de povos que fincaram raízes em determinado local. Outro exemplo é o manejo da floresta. Hoje em dia, mais da metade de todas as árvores na selva amazônia corresponde a apenas 227 espécies, o equivalente a 1,4% das

LOTAÇÃO MÁXIMA

As principais conclusões do estudo

QUANDO COMEÇOU E QUANTOS FORAM

O estudo concluiu que a ocupação da Amazônia teve início há **8 000** anos e que entre **8** e **10 milhões** de pessoas viveram na região

OS INDÍCIOS

Apenas **1,4%** das **16 000** espécies ocupam mais da metade das árvores da região, o que indica manejo humano. Além disso, fragmentos de artefatos encontrados sob as florestas e inúmeros geóglifos — as estruturas geométricas feitas no chão — são sinais da presença humana

16 000 espécies conhecidas na região — isso prova, de acordo com o pesquisador, que algumas delas foram priorizados pelos humanos em detrimento de outras. “A ideia, ainda muito difundida, de uma formação florestal virgem, intocada, não corresponde à realidade”, diz Neves. “As florestas amazônicas são produtos da ação humana. O manejo criou a composição de árvores que existe hoje.”

Não é de hoje que a ciência se dedica ao estudo da ocupação na Amazônia. As pesquisas mais abrangentes começaram em 1970, quando um grupo de arqueólogos passou a analisar os chamados geóglifos, estruturas geométricas moldadas por povos indígenas com o uso de instrumentos de madeira. Desde então, foram mapeadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico

e Cultural ao menos 818 figuras quadrangulares e circulares com mais de 150 metros de largura. Hoje, acredita-se que tais estruturas eram espaços de socialização, um lugar para trocar conhecimento e interagir com outros povos.

Apesar dos avanços da ciência, a região amazônica é um gigantesco campo a ser explorado — no bom sentido, ressalte-se. Dada a densidade da floresta e as imensas dificuldades para acessá-la, é certo que o local oculta vestígios raros de povos antigos. “Talvez a lição mais importante trazida pela arqueologia amazônica nas últimas décadas tenha sido mostrar que não existe na região nenhuma barreira natural à ocupação humana”, escreveu Neves em seu livro. Desvendar o passado, portanto, pode ajudar as novas gerações a entender que é possível viver em harmonia com a natureza. ■

NÓS, LÁ DE CIMA

As fotografias feitas a partir do cosmo nunca perderam o fascínio inicial. É o que revelam os retratos do mais longevo astronauta da Nasa ainda em atividade **FÁBIO ALTMAN**

BELEZA INSÓLITA O retrato incomum da Terra: as luzes das cidades aparecem em laranja, os rastros das estrelas em azul

INSTAGRAM @ASTRO_PETTIT

LOGO DEPOIS de o ser humano pisar na Lua, em 1969, Gilberto Gil compôs uma linda e pouco conhecida canção para lamentar, com ironia, o que acontecera: “Poetas, seresteiros, namorados, correi / É chegada a hora de escrever e cantar / Talvez as derradeiras noite de luar”. As noites de luar não terminaram — mas o que talvez tenha mudado para sempre, quando surgiram as primeiras fotos da Terra vistas do satélite natural, foi a impressão que tínhamos de nós mesmos. Apareceram imagens aqui e ali, as primeiras em preto e branco, depois coloridas — as “tais fotografias em que apareces inteira”, para lembrar outra balada da MPB, de Caetano Veloso.

Nenhuma imagem foi mais influente do que aquela tirada em 7 de dezembro de 1972 com uma câmera alemã Hasselblad pela tripulação da missão Apollo 17. Conhecida pelo título “a bola de gude azul”, foi feita a mais de 45 000 quilômetros de distância, a partir da órbita lunar. Deflagrou, no início do movimento ambientalista, uma imensa onda de preocupação diante da fragilidade do planeta, pequeno e indefe-

DON PETTIT/NASA

TEMPO O americano Don Pettit, de 67 anos, numa selfie: ele entrou em órbita pela primeira vez em 2002

so em meio a tanta grandeza. A *Blue Marble,* em seu título original em inglês, nunca mais deixou de ser reproduzida, em movimento de eterno fascínio. A Terra, enfim, vista de longe, do espaço, sempre encantará.

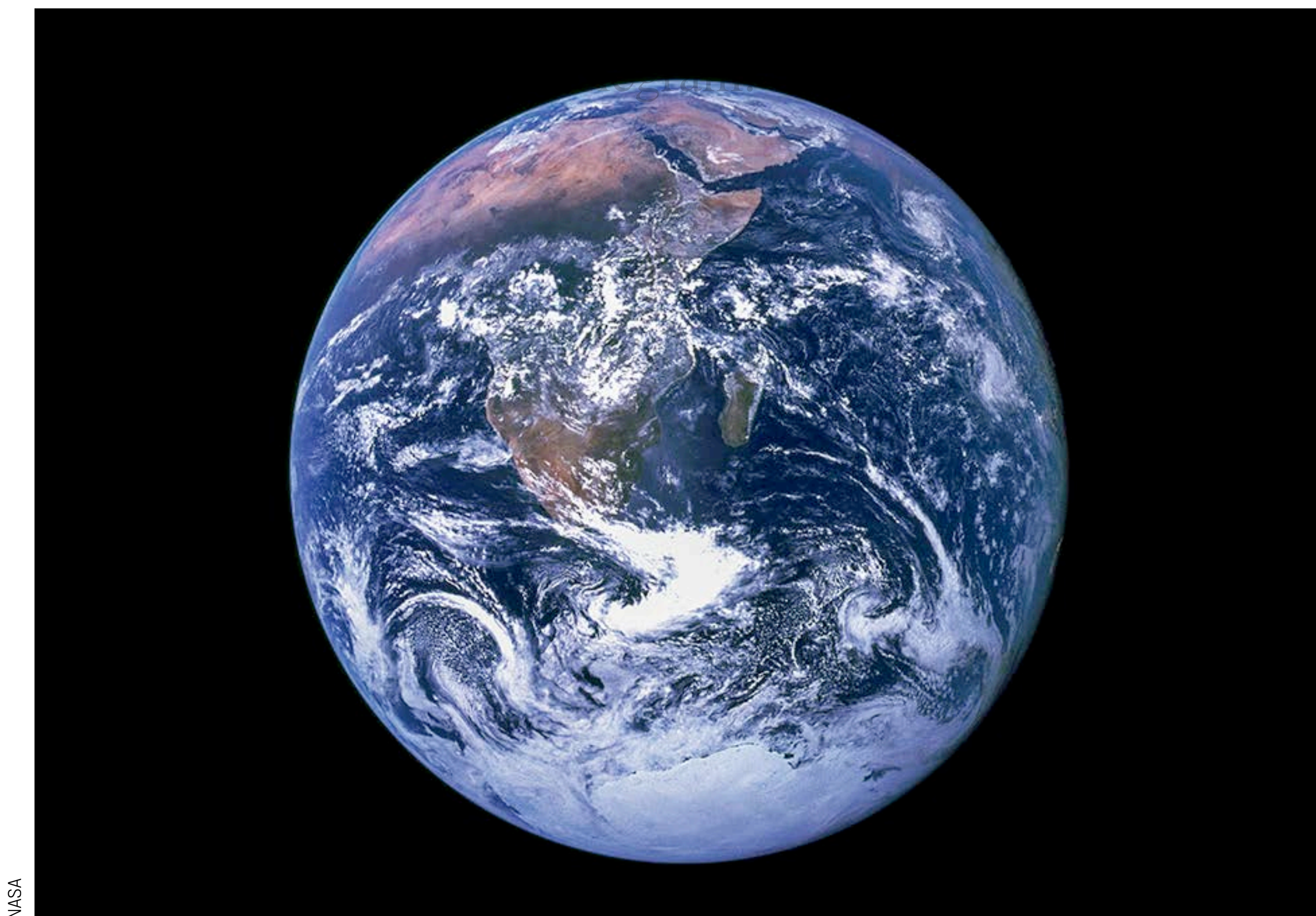
Nos últimos dias, atreladas à inércia imparável das redes sociais, brotaram como vírus as impressionantes fotografias tiradas pelo astronauta americano Don Pettit, de 67 anos, o mais velho da Nasa em atividade. A mais badalada delas mostra a Terra em formato intrigante. Feita por meio de uma lente "olho de peixe", uma grande-angular, e com o uso de longa exposição, para capturar movimentações, resultou em

INSTAGRAM @ASTRO_PETTIT

REGISTROS A foto feita a partir do módulo russo da Estação Internacional Espacial: 600 000 cliques desde 2002

registro diferente de tudo o que já se viu: as luzes das cidades em cor laranja, os rastros de estrelas em azul quase roxo. O retrato foi feito através da Cupola — uma janela panorâmica da Estação Espacial Internacional, a ISS. Em outro clique, ele mostra um breve passeio para fora da ISS, tendo como base um módulo russo. Ao longo de três viagens, Pettit permaneceu 369 dias no cosmo. Diz ter feito 600 000 fotografias. Parte pequena foi lançada em livro, mas somente agora, ancoradas no Instagram e no Twitter, elas ganharam tração.

Pettit reconhece a força revolucionária do que fez. "Ao longo dos séculos os exploradores quiseram exibir os resulta-

NASA

"BOLA DE GUDE AZUL" A clássica imagem da Terra indefesa, de 1972: início do movimento ambientalista

dos de suas investigações", diz. "Agora, basta abrir um aplicativo no smartphone." As publicações são distribuídas em suas próprias redes sociais, mas também pelo Instagram da Nasa, que tem mais de 80 milhões de seguidores. Em 2002, selecionado para a tripulação da nave Endeavour, usava câmeras digitais ainda muito prosaicas, sem recursos. O desenvolvimento das câmeras acompanhou sua carreira. Sempre com interesse compartilhado com o comum dos mortais.

Seu trabalho, a um só tempo sofisticado e ingênuo, remete aos primórdios da chegada à Lua. Depois de olhar para nós, aqui embaixo, Neil Armstrong se comportou como uma criança. E, então, faria um comentário menos ensaiado do que o "pequeno passo para um homem, um grande passo para a humanidade". Assim: "De repente, me ocorreu que aquela pequena ervilha, bonita e azul, era a Terra. Eu levantei meu polegar, fechei um olho — e meu polegar escondeu o planeta Terra. Eu não me senti como um gigante. Eu me senti muito, muito pequeno". Talvez seja esse o efeito dos belos posts de Pettit. ■

CHOQUE O pentacampeão Carlsen *(à esq.)* acusou Niemann: foi golpe?

LISURA EM XEQUE

A surpreendente derrota da maior estrela do xadrez mundial levantou suspeitas de trapaça e fez lembrar o auge dos tabuleiros nos tempos da Guerra Fria **LUIZ FELIPE CASTRO**

CRYSTAL FULLER/SAINT LOUIS CHESS CLUB

EM FEVEREIRO DE 1996, o supercomputador Deep Blue, criado pelo gigante americano de tecnologia IBM, alcançou um feito que, cedo ou tarde, se sabia que ocorreria. Ele venceu, em uma partida de xadrez, o lendário jogador do Azerbaijão Garry Kasparov. A disputa entrou para a história — foi a primeira vez que uma máquina superou um campeão mundial da modalidade. Não era para menos: a máquina havia sido preparada para examinar 200 milhões de jogadas por segundo, enquanto o mortal Kasparov era capaz de analisar míseros três movimentos no mesmo período. Desde então ficou evidente que mesmo as grandes lendas jamais seriam capazes de derrotar inteligências artificiais. Por isso mesmo, os principais campeonatos do mundo se tornaram mais rigorosos no controle de fraudes. O que não impediu que competidores fossem suspensos por consultar aparelhos de celular nas visitas ao banheiro ou ocultar fones Bluetooth ocultos no boné. Com o desenvolvimento tecnológico, contudo, os golpes se sofisticaram e agora as suspeitas põem em xeque até o topo do xadrez mundial.

A nova confusão começou há alguns dias, durante o torneio Sinquefield Cup, em St. Louis, nos EUA. Pentacampeão mundial, o norueguês Magnus Carlsen, 31 anos, mantinha a invencibilidade de 53 jogos, algo raro em um esporte cada vez mais competitivo. Mas ele acabaria surpreendido por um desafiante inesperado: o americano Hans Niemann, 19 anos, que ocupava a modesta 49ª posição no ranking mundial. Furioso, Carlsen foi às redes so-

GÊNIO Fischer: vitória na Guerra Fria

ciais insinuar que seu rival havia trapaceado. Rapidamente, espalharam-se versões que explicariam o resultado.

Fã de xadrez, o bilionário Elon Musk difundiu uma teoria ruidosa: segundo Musk e muitos outros admiradores do xadrez, o jovem Niemann teria usado um plugue anal, cujas vibrações imperceptíveis para a plateia representariam um código sobre qual jogada deveria executar. Niemann defendeu-se e sugeriu disputar uma nova partida nu, submetendo-se inclusive a exames corporais. Não fosse piada, seria o ápice tecnológico de um expediente antigo: o de buscar conselhos externos, seja de um ser humano, seja de uma traquitana eletrônica, em busca do xeque-mate.

DAVID ATTIE/GETTY IMAGES

LENDAS Karpov contra Kasparov, em 1985: o domínio soviético durou décadas

O mestre brasileiro Luís Paulo Supi, 183º do mundo, não acredita nas teorias conspiratórias. "É muito improvável ocorrer algo assim em um torneio presencial", diz. "Existe forte fiscalização e a própria organização negou irregularidades." De fato, nada foi provado, mas Niemann não é lá muito santo, o que abriu espaço para especulações. Recentemente, ele admitiu que burlou as normas em um campeonato on-line, quando tinha 12 anos, e foi ajudado por um jogador mais experiente. Não à toa, chegou a ser suspenso da plataforma Chess.com, a preferida dos craques do xadrez.

Poucos esportes retrataram tão bem o espírito de seu tempo quanto o xadrez. Na União Soviética, os melhores en-

AP/IMAGEPLUS

xadristas eram usados como garotos-propaganda do comunismo. Entre foguetes e bombas, o xadrez foi protagonista da Guerra Fria. O ápice das contendas se deu em 1972, quando o americano Bobby Fischer superou o russo Boris Spassky, encerrando quatro décadas de hegemonia soviética. Mas Fischer se negou a defender seu reinado diante do russo Anatoly Karpov, por discordar das regras da federação internacional. Karpov, por sua vez, protagonizaria batalhas épicas com Victor Korchnoi e, sobretudo, com Garry Kasparov, num duelo que levou um ano para terminar.

A façanha de Kasparov ocorreu em 1985 — ano de subida ao poder de Mikhail Gorbachev, o homem que demoliria o império soviético — e, de certa forma, serviu como metáfora

da ruína da "cortina de ferro". Karpov, o derrotado, era o preferido dos comunistas, enquanto Kasparov era visto com certa desconfiança pelos mandachuvas do regime. O xadrez é o espelho da vida, com suas estratégias, jogadas políticas e, admita-se ou não, até fraudes. ■

NO FIO DA NAVALHA

As jovens gerações revelam como nunca o desejo de mudar a imagem à base de procedimentos estéticos — o que pode resvalar para exageros e frustração

DUDA MONTEIRO DE BARROS

ESTICA E PUXA Na expectativa de alcançar o traço perfeito: padrões disseminados nas redes são um motor

COOLPICTURE/GETTY IMAGES

O AFÃ HUMANO de alterar a própria imagem projetada no espelho vem se pronunciando com cada vez mais intensidade conforme os bisturis se tornam espécies de varinhas capazes de operar grandes transformações. Os primeiros registros de procedimentos estéticos datam do século VI, na região onde hoje se localiza a Índia, com propósito muito distinto do atual: retirava-se pele da testa para reconstruir narizes impiedosamente mutilados como condenação de crimes. Já a cirurgia plástica moderna é um advento pós-I Guerra Mundial, quando a medicina entrou em ação para reconstruir o rosto de soldados feridos. Sua função embelezadora ingressou em cena para valer na Hollywood de 1940 — documentos sugerem que até a estonteante Marilyn Monroe teria recorrido a intervenções para maximizar suas qualidades naturais. Pois o mundo girou, o cardápio de técnicas se ampliou, o preço baixou — e não deu outra: uma corrida aos consultórios, encabeçada por brasileiros, seguidos de americanos e mexicanos.

O que vem perturbando especialistas nos dias de hoje é a faixa etária — em franco declínio — dos que buscam tais mudanças. De acordo com um recente estudo da empresa de análise de mercado HSR, que capta tendências de comportamento, 80% das pessoas entre 18 e 25 anos desejam realizar algum procedimento estético — de uma mexidinha leve a clássicas cirurgias. É consideravelmente mais gente do que depois dos 40 anos, quando 60% manifestam essa aspiração, e após os 60, etapa em que 40% gostariam de alterar características físicas com a ajuda da ciência.

INSTAGRAM @_FERNANDATELES

DE DENTRO PARA FORA

A analista de marketing Fernanda Teles, 24 anos, sempre sofreu com o nariz, que inspirava críticas desde a infância. Resolveu mexer e gostou. “Foram muitas sessões de terapia até concluir que era o melhor para mim”, conta

O motor para o desejo de mudar tão precocemente traços do semblante ou do corpo tem conexão direta com a baixa autoestima, que atormenta 25% dessa jovem população, como aponta a pesquisa. Numa fase de formação de valores e consolidação da personalidade, é esperado que inseguranças se façam presentes. O que chama atenção aí são os desdobramentos desse sentimento, que tem causado tanta insatisfação em relação à própria imagem quando se dá os primeiros passos na vida adulta. “Tradicionalmente, os mais velhos eram os grandes interessados nos ajustes estéticos. Isso se inverteu”, pontua o

médico Marcus Vinicius Mafra, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP).

Uma questão que se impõe diante de gerações sempre lembradas pelo alto grau de empatia e tolerância diante de quase tudo que foge a um padrão preestabelecido é: por que, afinal, elas agora dão demonstrações de querer se encaixar em um único molde? Está claro que um forte impulso rumo aos consultórios vem da onipresença das redes sociais, onde os brasileiros passaram, em média, cinco horas diárias em 2021. Nelas, eles se expõem como nunca antes e tomam contato com um universo no qual o conceito de beleza é definido por filtros que eliminam as imperfeições. E assim a pressão vai aumentando, como relata a es-

tudante de biomedicina Maria Thiele, 23 anos, que decidiu colocar silicone influenciada por comentários negativos. “Comecei a achar que ficaria atraente se tivesse mais peito”, reconhece ela, feliz com o resultado.

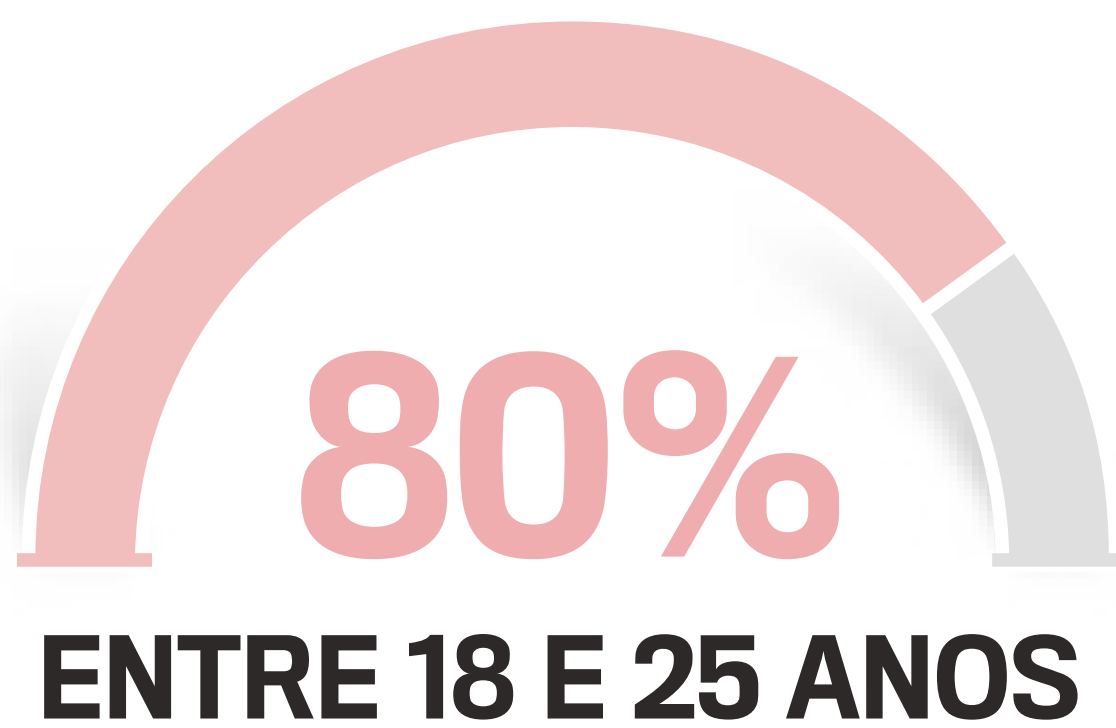
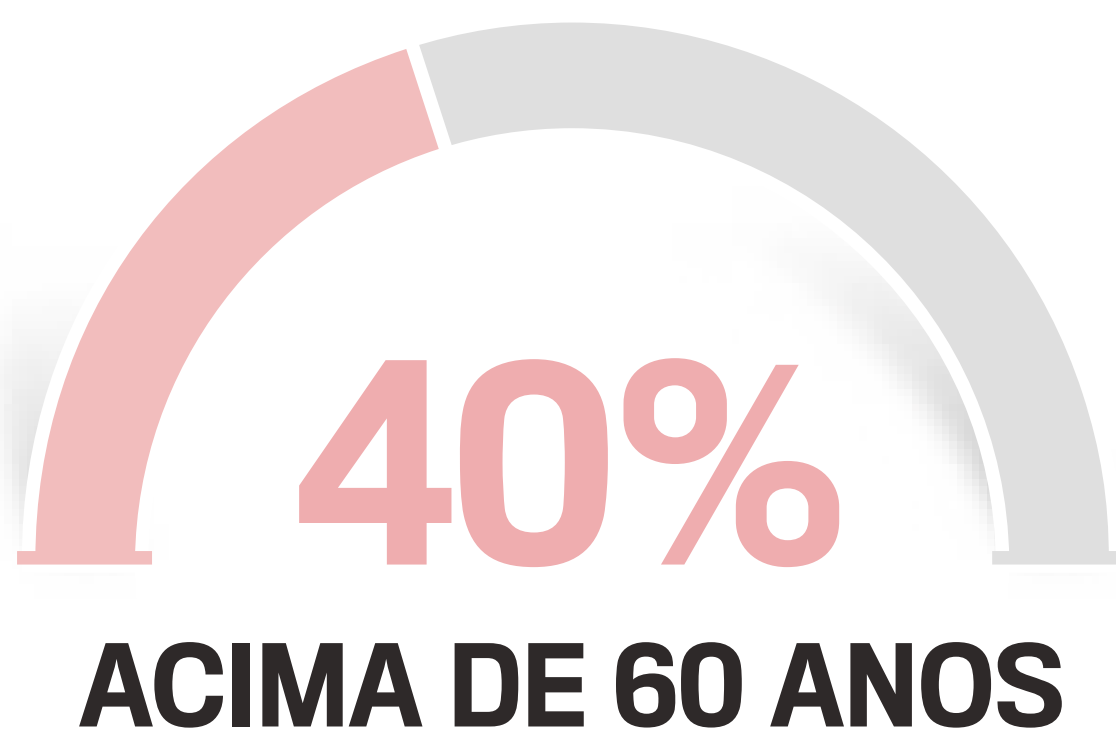
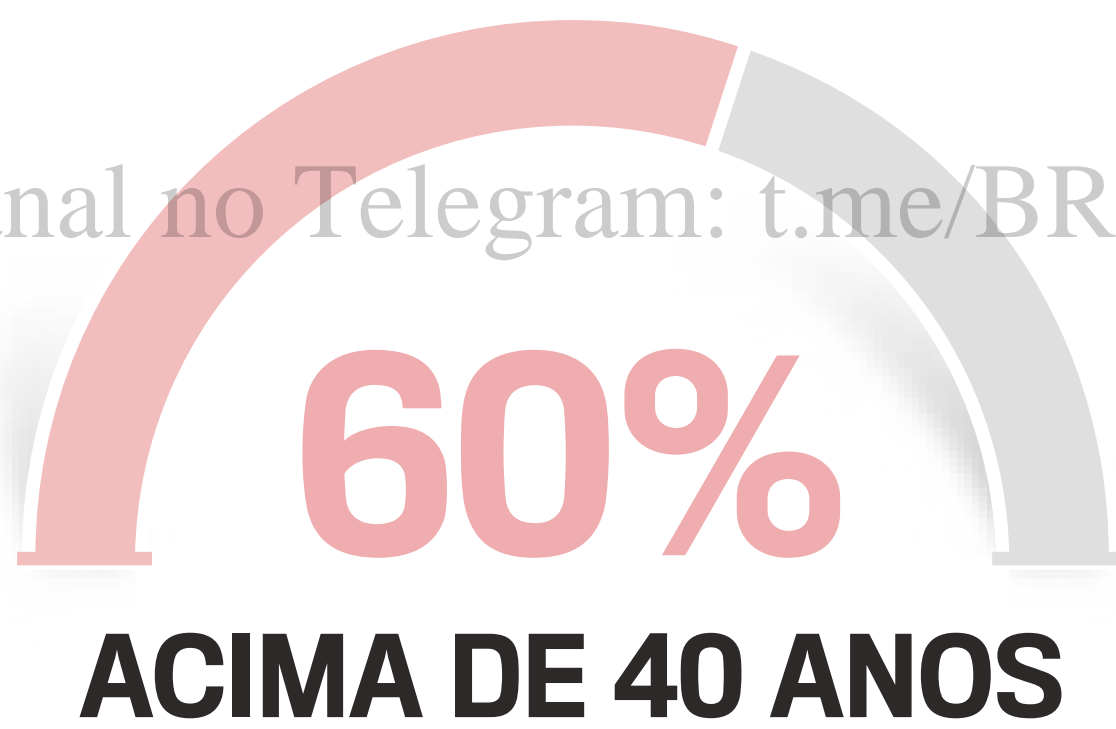
Que fique claro: a vontade de mexer em algum ponto do rosto ou da silhueta que cause incômodo não é necessariamente um problema. “Quando isso ocorre por uma decisão pessoal e não por uma cobrança social, pode ser perfeitamente saudável”, explica a psicóloga Ceres Araujo. A analista de marketing Fernanda Teles, 24 anos, sempre teve um nariz que considerava “grande e pouco empinado”. Acabou encarando uma rinoplastia — entre as intervenções mais procuradas no país, junto com a lipoaspiração na região abdominal, a harmonização facial e o silicone

CADA VEZ MAIS CEDO

Nunca tantos jovens revelaram o desejo de se submeter a um procedimento estético

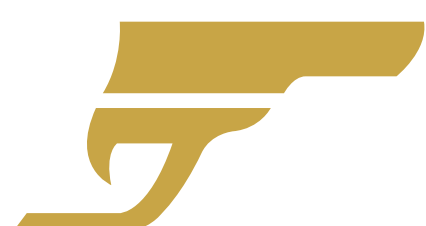
ENTRE 18 E 25 ANOS

60%

ACIMA DE 40 ANOS

ACIMA DE 60 ANOS

Fonte: *HSR Consultoria*

nos seios. “Ganhei segurança no trabalho e em outras situações sociais. Hoje, me sinto bonita”, diz, bem resolvida com o nariz novo. O cenário que mais faz tremer os especialistas é a multidão de adolescentes na corrida por intervenções estéticas. Segundo a SBCP, o número de procedimentos feitos em jovens de 13 a 18 anos avançou 140%. “A orientação é que se aguarde pelo menos os 18, até que o corpo se desenvolva por completo”, observa o médico Marcus Vinicius Mafra. “Adolescentes ainda não são maduros o suficiente para fazer uma escolha tão delicada.”

As mulheres são as que mais manifestam o desejo de alterar características físicas: 40% mais do que os homens. “O público feminino é alvo de maior pressão, é fruto da cultura ainda machista”, analisa Karina Milaré, à frente da pesquisa da HSR. Muita gente com pendor para mudar a imagem é acometida por aquela sensação de que sempre dá para “melhorar mais um pouquinho”. A advogada Larissa Gentil, 25, submeteu-se à primeira intervenção há três anos, e não parou mais. Começou com silicone nos seios, passou para uma lipoaspiração nos braços, outra no abdômen e, por último, um enxerto de gordura nos glúteos. “Vários traços da minha genética não me agradam e vou continuar mexendo no que for possível, já que me faz bem”, diz ela, que agora mira o nariz. Tomados todos os cuidados médicos, a escolha nesse campo é livre, mas vale a ressalva. “A busca por um padrão inatingível pode levar a exageros e gerar frustração”, afirma Ceres Araujo. Fica a reflexão. ■

CHRISTIE'S

Filme: ***007 contra a Chantagem Atômica***

Ano: **1965**

James Bond: **Sean Connery**

Item: **menu com duas página e um cordão vermelho**

Preço: **4 700 reais**

CHRISTIE'S

RELÍQUIAS DO ESPIÃO

Leilão de peças presentes nos filmes de James Bond celebra os sessenta anos do agente mais charmoso do cinema. E também encerra a era do 007 como o conhecíamos

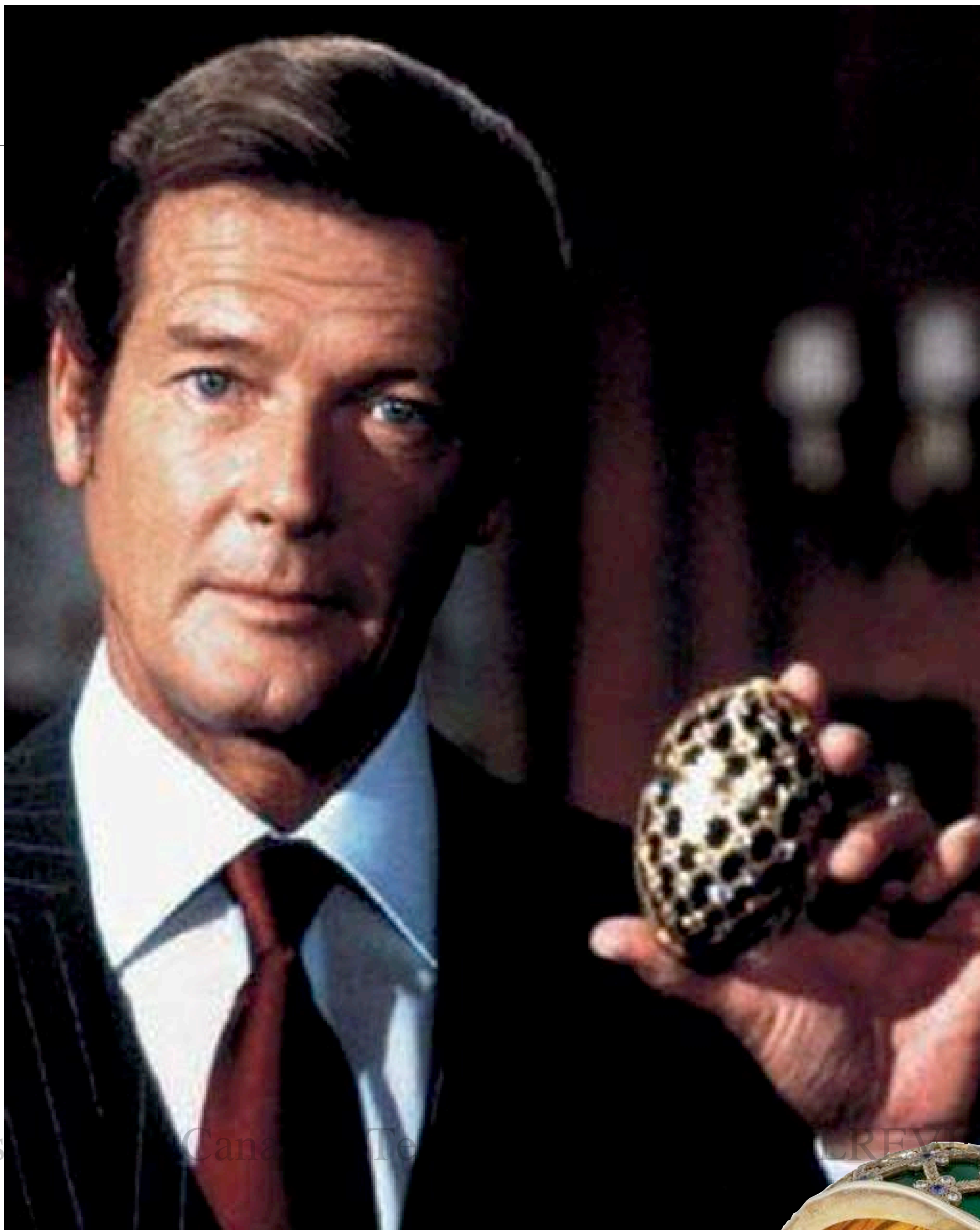
SIMONE BLANES

NÃO HÁ ESPIÃO mais charmoso do que ele. Roupas bem cortadas, cabelo impecável, apreciador da boa mesa, perfeito no trabalho e um contido, porém indisfarçável, sotaque britânico garantem a James Bond, o icônico personagem criado pelo escritor britânico Ian Fleming (1908-1964), a mais longeva carreira do cinema em filmes do gênero. O primeiro, *007 contra o Satânico Dr. No,* de 1962, e lá se vão sessenta anos, deu início a uma das mais bem-sucedidas franquias das telas — 25 filmes, com mais de 10 bilhões de dólares arrecadados, seis prêmios Oscar e quatro Globo de Ouro. Bond, o agente de Sua Majestade — e Sua Majestade foi sempre Elizabeth II — é pop.

Em torno dele, e depois de tanta vivência, foi criado um

universo próprio preenchido por objetos, roupas e acessórios. Algumas dessas relíquias, a maioria usada em cena por um dos seis atores que deram vida ao espião — Sean Connery, George Lazenby, Roger Moore, Timothy Dalton, Pierce Brosnan e Daniel Craig —, estão em leilão na casa inglesa Christie's como parte das celebrações pelas seis décadas do querido personagem no cinema.

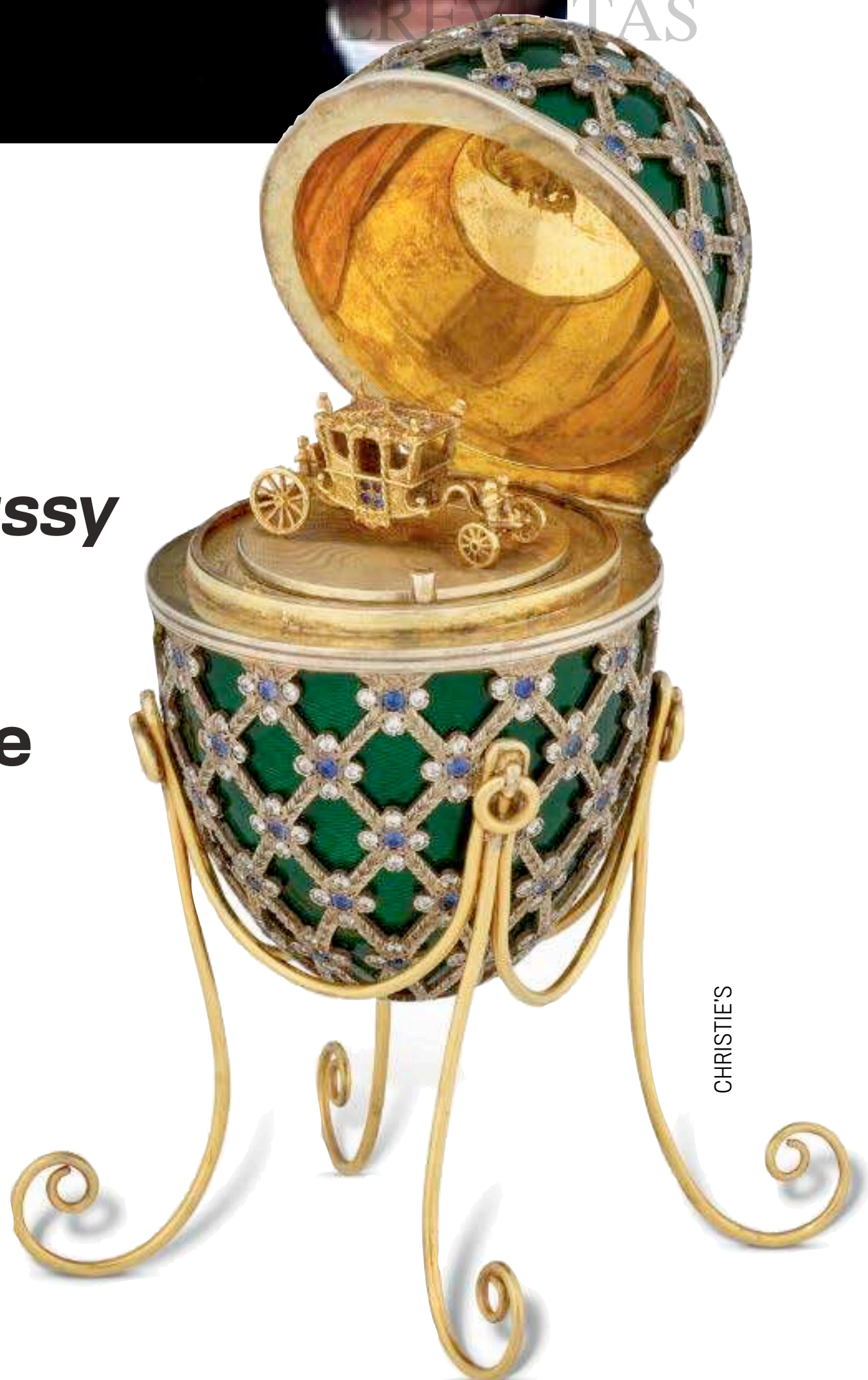
Foram escolhidos itens de todos os filmes. Dividido, o evento terá uma parte presencial, ao vivo, que acontece em 28 de setembro, em Londres, com 25 lotes compostos de veículos, relógios e figurinos, a maioria relacionada ao filme *007 — Sem Tempo para Morrer,* do ano passado. Entre os produtos, está o Aston Martin DB5, com câmbio manual e sistema de freios e suspensão personalizados, especialmente

SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

CHRISTIE'S

Filme: ***007 contra Octopussy***

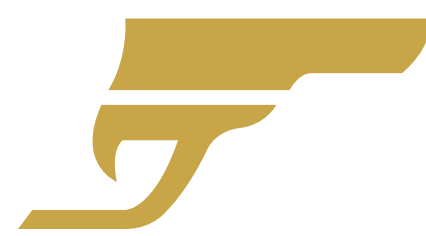
Ano: **1983**

James Bond: **Roger Moore**

Item: **Ovo Fabergé banhado a ouro e cravejado de cristais Swarovski**

Preço: **35 000 reais**

desenvolvidos pela montadora britânica com o apoio do mago Chris Corbould, supervisor de efeitos especiais do longa. O preço de saída para arrematar a máquina é de 8 milhões de reais. O restante engloba 35 lotes que estão sendo vendidos virtualmente — os lances podem ser dados até o dia 5 de outubro. Eles se dividem em pôsteres e peças, como um menu que Bond usa em uma cena de *007 contra a Chantagem Atômica* (1965) para pedir caviar beluga e champanhe no Café Martinique, nas Bahamas. O lance inicial é de 4 700 reais. O item é um dos três objetos a ser vendidos que remetem aos longas protagonizados pelo ator escocês Sean Connery (1930-2020), até hoje considerado por muitos a melhor versão do agente. Connery fez seis filmes, incluindo o primeiro, até *Os Diamantes São Eternos,* de 1971. Os outros dois objetos à disposição são pôsteres de *007 contra Goldfinger,* de 1964, e de *Os Diamantes São Eternos*.

Desde que surgiu, Bond nunca deixou da fascinar. Duas características, inquestionavelmente, estão na origem de sua capacidade de atração. O humor de fino trato e a empatia discreta, porém sedutora. Contudo, há algo mais forte: ele abre para o mundo do cotidiano ordinário e enfadonho uma fresta de onde o homem comum pode espiar um universo — fictício, é verdade — habitado por gente que passa os anos a rodar o mundo salvando o planeta metida em smokings, carrões e na companhia de belíssimas mulheres. “As pessoas que acompanham o 007 têm essa fantasia do super-herói real”, diz a atriz, cineasta e apresentadora Marina Per-

NICOLA DOVE/MGM

Filme: ***007 – Sem Tempo para Morrer***

Ano: **2021**

James Bond: **Daniel Craig**

Item: **Aston Martin DB5**

Preço: **8 milhões de reais**

CHRISTIE'S

son. Mas, como Bond mesmo sabe, tudo muda muito rapidamente. Não é por outra razão que ele apareceu no último filme, encarnado por Craig, como uma figura menos onipotente, até vulnerável, pode-se dizer, às emoções do amor — um salto evolutivo e necessário em relação aos Bond antigos. E o James Bond como o conhecíamos dos últimos sessenta anos já não é o mesmo de antes, sacrificando-se para salvar Madeleine, a paixão de sua vida, e Mathilde, a filha do casal. Os cinéfilos esperam agora saber quem será o novo 007. Quem sabe, uma mulher. Quem sabe, em vez de carrão, bicicletas? E certamente a serviço, agora, não mais da rainha, mas de um rei, Charles III. ■

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

O filme *A Mulher Rei* reforça o movimento de resgate de personalidades africanas do passado – especialmente suas heroínas, ofuscadas pela narrativa dos colonizadores europeus

RAQUEL CARNEIRO

AS "BRABAS" Viola Davis no centro: o temido exército feminino inspirou as fictícias Dora Milaje, de *Pantera Negra*

ILZE KITSHOFF/SONY PICTURES

Ao longo de três séculos, um peculiar exército africano deixou militares europeus atônitos. “O grupo possui coragem admirável e muita audácia”, registrou, em 1890, um soldado francês invasor do Reino de Daomé, atual Benin, na costa ocidental do continente. Mais do que a habilidade no campo de batalha, o batalhão local surpreendia os inimigos por ser totalmente composto de mulheres. Os colonizadores as chamavam de “Amazonas de Daomé”, numa referência às míticas guerreiras gregas. Mas o grupo tinha nome próprio: agojie — termo ligado à fidelidade dessas mulheres ao rei. Na história escrita, elas foram mencionadas pela primeira vez em 1725, quase um século depois de

sua formação. Agora, as agojies desembarcam em Hollywood com um retrato inédito e luxuoso.

Protagonizado e produzido por Viola Davis, o épico ***A Mulher Rei*** *(The Woman King,* Canadá/Estados Unidos, 2022), já em cartaz, destrincha a cultura e o treinamento árduo desse regimento sem precedentes. O resgate realista ganhou impulso graças ao sucesso de *Pantera Negra,* filme de 2018 que se inspirou nas agojies para a criação das Dora Milaje, implacáveis guerreiras de Wakanda. *A Mulher Rei,* porém, segue um movimento mais amplo em voga na literatura e no cinema, no qual descendentes de africanos escravizados vêm tomando de volta para si a narrativa sobre os antepassados. A investigação expõe um outro lado da história — aquele que não foi “escrito pelos vencedores”, como diz o

ILZE KITSHOFF/SONY PICTURES

VIDA REAL O batalhão de Daomé no longa: as guerreiras na linha de frente

chavão. Esse caminho reverso do colonialismo ilumina parte do passado ofuscado da África. É uma jornada de alto custo emocional, que fala do prazer de se conectar à ancestralidade sufocada e da cicatrização das feridas da opressão, mas também não esconde as atrocidades e a participação de camadas poderosas da África no comércio de escravos.

Numa posição geográfica privilegiada, Daomé abrigava um importante porto de tráfico humano, num acordo lucrativo com os europeus. Muitos cativos eram vítimas das agojies — que também recrutavam mulheres capturadas: todas eram proibidas de ter relações sexuais e filhos.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY – LONDRES

SAVANNAH AFRICAN ART MUSEUM

SOBERANAS Jinga da Angola *(acima)* e Yaa Asantewaa *(à dir.):* rainhas guerreiras que desafiaram os invasores europeus na África

"Elas transformaram sua situação adversa num meio de viver que lhes garantiu respeito e, mais tarde, virou um legado", disse Viola a VEJA *(leia mais na pág. 82).*

O filme da diretora americana Gina Prince-Bythewood não se desvia das polêmicas, mas opta por fazer de *A Mulher Rei* um manifesto sentimental sobre a força feminina e o poder de suas relações. Viola interpreta a general Nanisca, braço direito do soberano (vivido por John Boyega). Ao mostrar o próspero Reino de Daomé, com uma organização política e militar estabelecida, e seus avanços na agricultura e no comércio, o longa refuta o es-

ILZE KITSHOFF/SONY PICTURES

“APRENDI MUITO”

Em visita ao Brasil, Viola Davis, 57 anos, falou a VEJA sobre *A Mulher Rei* e a preparação física para interpretar uma guerreira agojie.

EM CENA Viola e John Boyega: preparação física intensa

Na pesquisa para o filme, o que mais a surpreendeu sobre a história das agojies? Foi chocante saber que essas mulheres eram rejeitadas. Tinham sido jogadas fora – e isso foi decidido por outros quando tinham entre 8 e 14 anos. Elas não eram livres para ter filhos, nem relações sexuais.

E como viraram o jogo? Elas transformaram sua situação adversa num meio de viver que lhes garantiu respeito e, mais tarde, virou um legado. Aprendi muito sobre o espírito guerreiro das mulheres.

A pesquisa a colocou em contato com outras figuras históricas femininas da África? Nosso foco era a cultura agojie, mas claro que conheço Jinga da Angola, entre outras. Meu mergulho foi muito intenso. Estudei sobre a fé em vodus, li documentos sobre o treinamento militar delas – fora minha preparação física, que levou meses. Mas descobrir a existência das agojies foi meu maior aprendizado.

tereótipo de que a África era um antro tribal primitivo a ser salvo pelo cristianismo e pela civilização.

A óptica eurocêntrica ainda condenava a ordem social dos africanos, que permitiam mulheres em posições de poder — e as agojies não eram as únicas. Outras personalidades femininas deram dor de cabeça aos colonizadores. É o caso da rainha guerreira Jinga da Angola (1583-1663). Difamada pelos portugueses, que a descreveram como petulante, canibal, selvagem e promíscua, Jinga governou por quatro décadas, entre 1624 e 1663, os reinos pré-coloniais de Matamba e Ndongo — hoje Angola. Em um episódio simbólico de sua "petulância", Jinga se indignou durante uma negociação com um representante da Coroa portuguesa, que a

recebeu sentado em uma cadeira, reservando a ela apenas um tapete no chão. A soberana chamou uma de suas escravas, que se agachou de quatro e lhe serviu de banco. Estrategista, aliou-se a tribos variadas e até aos holandeses. Chegou a flertar com Roma, convertendo-se ao catolicismo, em manobras desenhadas com o intuito incansável de desafiar os portugueses — que nunca a capturaram.

A mesma empáfia demonstrou Yaa Asantewaa (1840-1921), rainha-mãe do Império Ashanti, atual Gana, que liderou seu povo contra o Exército britânico. Curiosamente, um assento foi o estopim do embate. Um militar inglês exigiu se sentar num trono sagrado dos ashantis — prova de que a petulância era, na verdade, uma especialidade europeia. *A Mulher Rei,* enfim, vinga essas poderosas africanas. ■

COR-DE-ROSA As integrantes do Blackpink: o combo gestado em laboratório investe no hip-hop com letras empoderadas

MENINAS DE OURO

Após o sucesso de boybands coreanas como o BTS, agora chegou a vez de as mocinhas do grupo Blackpink estourarem nas paradas — ocupando o pódio que um dia foi das Spice Girls

RICH FURY/GETTY IMAGES

CINCO ANOS ATRÁS, enquanto os meninos do grupo juvenil BTS expandiam o domínio musical da Coreia do Sul pelo mundo, a próxima grande aposta do K-pop já começava a ser gestada. Na avaliação feita na época por uma produtora local, havia chegado o momento de a prolífica fábrica de ídolos do país dar uma guinada de gênero, aplicando a mesma fórmula vencedora a talentos do sexo feminino. O resultado do investimento nascido ali chega ao seu ápice agora: as quatro carismáticas garotas do grupo Blackpink são a nova sensação *made in Korea*. O grupo acaba de atingir os primeiros lugares da Billboard Global 200 e do Spotify global com um single de seu recém-lançado segundo álbum, *Born Pink*. Elas também foram as primeiras cantoras

coreanas a se apresentar no festival de Coachella, nos Estados Unidos, e têm cinco vídeos que já acumularam mais de 1 bilhão de visualizações no YouTube — feito atingido apenas por potências do pop como Taylor Swift e Katy Perry.

Com o sucesso do Blackpink, o K-pop reinventou uma fórmula que andava esquecida: a das girlbands, os combos de meninas fabricados em laboratório para galvanizar a audiência juvenil. A popularidade experimentada hoje por elas remete a um fenômeno que não se via desde os anos 1990, quando as Spice Girls explodiram. Desde então, nenhum outro grupo feminino havia sido tão bem-sucedido. Desde o vácuo deixado pelo fim das Spice Girls, houve inúmeras tentativas de repetir a receita, sem êxito. O pulo do gato (ou das gatas, no caso) do Blackpink para se diferenciar foi criar um

repertório à base de rap e hip-hop, ritmos que ocupam o topo das paradas, temperado com letras que falam de feminismo e empoderamento. Isso, é claro, sem deixar de lado as hipnotizantes e ultracoreografadas dancinhas feitas para viralizar no TikTok. Não por acaso, gente graúda já se movimentou para tirar uma casquinha do quarteto coreano. Lady Gaga, Selena Gomez e Dua Lipa gravaram com elas. Até Anitta, como sempre, não perdeu a chance de tietar o grupo.

Jisoo, Jennie, Rosé e Lisa, hoje com idades entre 25 e 27 anos, foram descobertas em concorridas audições da YG Entertainment (a mesma produtora que lançou PSY, de *Gangnam Style*). Após serem escolhidas, elas se submeteram a um extenuante treinamento de cinco anos, com aulas

de dança, canto e até moda. Para além da música, as meninas se tornaram ícones fashion, em campanhas para grifes como Chanel, Dior e Celine. Seus corpos longilíneos impressionam — ainda que exijam um tanto de dieta em tenra idade. O K-pop é cor-de-rosa, mas a vida delas nem tanto. ■

Felipe Branco Cruz

PSICODELIA TROPICAL

Com sua obra colorida e surreal, Antonio Peticov tornou-se uma referência na pintura e uma lenda da contracultura no país — legado que agora é celebrado em livro **ALICE GRANATO**

PALETA EXUBERANTE *Além do Everest,* tela dos anos 1970: criações com as cores do arco-íris e espírito viajante

ACERVO ANTONIO PETICOV

A VIDA de Antonio Peticov daria um filme — em várias dimensões. Como ocorre com muitas de suas obras que exploram formas tridimensionais, ele exibe uma trajetória colorida e nada previsível. Nascido em Assis, interior de São Paulo, filho do pastor batista André e da escritora Gláucia, Peticov é um pintor autodidata desde os 12 anos. Hoje, aos 76, impõe-se como referência visual inescapável da vertente conhecida como arte psicodélica — assim como é um expoente importante da contracultura no país.

AGLIBERTO LIMA

INDEPENDÊNCIA Peticov: preso por divulgar LSD e avesso ao mercado

Com sua paleta exuberante, Peticov viveu e aventurou-se mundo afora, de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo (onde passou a infância) a Londres (no exílio, durante a ditadura). Morou, ainda, em Milão e Nova York. Hoje, vive e trabalha no bairro do Sumaré, em São Paulo. Pintor, desenhista, gravurista e escultor, acaba de lançar o livro *Homo Faber I (1967-1987)*, publicado pelas editoras Pau Brasil e Peticolors. Um documento vibrante que

ACERVO ANTONIO PETICOV

MENTE ABERTA Paisagem com uma de suas janelas: "Respeito ao universo"

reúne a primeira fase de sua obra, guardado por 35 anos no baú do artista. "Fico feliz em comunicar meu trabalho, o respeito à Terra e ao universo. Sou um cara abençoado e não quero que as coisas fiquem só para mim", diz ele, com legítimo espírito paz e amor.

A obra de Peticov tem ligação com a matemática, a física e temas científicos, além de beber do realismo fantástico. Na cena artística, seu trabalho já foi comparado ao peculiar universo do holandês Maurits Escher (1898-1972). "Assim como Escher, o estilo de Peticov é fortemente rea-

lista, quase fotográfico. Ao contrário de Escher, entretanto, ele prefere trabalhar com cores audaciosas e vívidas", notou o escritor americano Martin Gardner (1914-2010). O arco-íris tornou-se uma marca essencial nas suas famosas pinturas de escadas, na simbólica antena que ficou até março deste ano na Avenida Paulista, em imagens de pincéis, paisagens e tantas outras obras. "Sou colorido, psicodélico", define-se o artista.

ACERVO ANTONIO PETICOV

INFINITO A obra *Disponibilitá:* olhar que bebe da matemática e da física

O homem faz jus a seu estilo. Em 1970, aos 24 anos, foi preso por apologia ao ácido lisérgico (LSD) e ficou setenta dias no Carandiru. Na cadeia, pintou e traduziu livros, antes de ser absolvido. No período, Peticov já estava envolvido com a música. Ele teve um curioso papel na aproximação dos Mutantes, a banda lendária do rock brasileiro. Tornou-se amigo de Rita Lee e a apresentou aos irmãos Arnaldo e Sérgio Baptista. Fez a capa do compacto anterior à formação do grupo, quando ainda era um sexteto. "Todo artista visual

ARUQIVO PESSOAL

BICHO-GRILO Com Baby, em 1969: casa liberada ao conhecê-la

tem uma conexão com a música. Trabalhamos com as mãos, e os ouvidos ficam livres", diz.

Segundo ele, foi por uma ligação cósmica que se tornou também um dos melhores amigos da cantora Baby do Brasil. Quando chegou a São Paulo, em 1969, a cantora conta que viu um grupo de "hippies chiques" ao desembarcar na rodoviária. Um deles era Peticov, que lhe entregou, no instante em que a conheceu, a chave de sua casa — já que Baby não tinha onde ficar. A amizade permanece até hoje: Baby cantou em seu mais recente aniversário, em julho.

A independência de Peticov e de boa parte da geração das artes que despontou nos anos 1960 teve preço alto. São artistas que se mantiveram pintando e criando ininterruptamente, mas não se curvaram aos mecanismos do mercado de arte. Peticov não tem uma galeria representando-o, nem assessoria de imprensa. “Muitos não nos dão bola, ficam só na arte contemporânea”, ironiza. Apesar do prestígio junto à crítica, ele se sente “ignorado” pelas instituições de arte e por jovens curadores. “Não se pode confundir arte com o mundo da arte. Os artistas têm preocupações históricas e estéticas com as quais o mercado não está nem aí”, diz. E admite: “Muitas vezes, tenho de parar meu trabalho para correr atrás de dinheiro para pintar”. Infelizmente, nem tudo no mundo é tão colorido quanto seus quadros. ■

MUSA TRISTE A cubana Ana de Armas como Marilyn: as dores da beleza

A ESTRELA NO LABIRINTO

Com Ana de Armas na pele de Marilyn Monroe, *Blonde* se desprende dos fatos para retratar de forma alegórica a vida da atriz — e escorrega ao alçá-la a ícone feminista **RAQUEL CARNEIRO**

NETFLIX

SOB A LUZ desorientadora de um centro cirúrgico, Marilyn Monroe está com as pernas em posição de exame ginecológico, diante de um médico digno de conto de terror gótico. Ele e os enfermeiros olham para as partes íntimas da atriz, antes de realizar um aborto. Estrela em ascensão no cinema, prestes a atuar em um filme que não condiz com a gravidez, ela se arrepende de ter aceitado o procedimento sugerido pelo empresário. Marilyn tenta fugir, mas é capturada nos corredores labirínticos do hospital. O mesmo cenário volta a assombrá-la quando, em outra ocasião, é arrancada da própria casa e já chega nocauteada por drogas fortes à sala de cirurgia para interromper, contra sua vontade, outra gestação. Ambas as cenas de ***Blonde*** (Estados Unidos/2022), filme que chega no dia 28 à Netflix com a cubana Ana de Armas no papel da diva, são fictícias, baseadas principalmente em rumores — sabe-se que Marilyn sofreu três abortos espontâneos. A função das cenas do filme do neozelandês Andrew Dominik não é retratar fatos, mas uma ideia: símbolo sexual incontornável dos anos 1950, Marilyn Monroe, nome artístico de Norma Jean (1926-1962), teve ao longo de sua curta vida pouquíssimo controle sobre o próprio corpo — patrimônio que a tirou da pobreza e lhe deu fama, mas foi, por fim, sua ruína.

Baseado no livro de mesmo nome de Joyce Carol Oates publicado em 1999, *Blonde* descola Marilyn de adjetivos comumente atrelados a ela, como problemática, deprimida e viciada. Nesse conto de fadas infeliz, a culpa pelas agruras

da atriz e por sua morte precoce, aos 36 anos, de overdose acidental, é compartilhada com o sistema machista da indústria que a colocou num pedestal — para depois assistir à sua queda em câmera lenta. Beirando três horas de duração, a cinebiografia opta pela alegoria ao fazer uma análise emocional do furacão Marilyn, *persona* sensual e oposta à doçura introvertida de Norma Jean. O recorte não preza pela verdade, muito menos pela cronologia. Mesmo assim, reflete com verossimilhança aflitiva os altos e baixos da biografada.

Essa forma de olhar simbólico se revela uma opção pertinente no retrato de personalidades trágicas incansavelmente exploradas pelo cinema. A princesa Diana é uma delas. Sua dramática passagem pela monarquia britânica

foi narrada como um thriller angustiante em *Spencer,* com Kristen Stewart na pele da ex-esposa do príncipe (agora rei) Charles. Ambientado no Natal de 1991, o roteiro expõe sensações universais, como o horror de ser incompreendido e ignorado, e a solidão daqueles que não se encaixam. No musical *Elvis,* com Austin Butler no papel-título, o uso de licenças factuais também ajuda a compor um retrato original do ídolo. A produção do cineasta Baz Luhrmann investiga o fascínio provocado pelo cantor, mas enfatiza o momento histórico de segregação racial dos Estados Unidos — barreira que Elvis ajudou a minar.

Blonde opta por ressaltar a dor da musa sob uma óptica feminista. Vivendo entre lares adotivos após sua mãe ser internada com esquizofrenia, Norma sofreu abusos sexuais —

sina que prosseguiu na vida adulta em Hollywood. À eterna ironia (machista, decerto) de que a loira se beneficiou do papel de mulher-objeto para subir na vida, o filme responde mostrando quão rentável ela foi para seu estúdio na época, a Fox, que explorou sua imagem à exaustão sem pagar por ela de forma justa. A tentativa do filme de exaltar Marilyn como símbolo da opressão masculina, porém, escorrega no básico: toda a vida da atriz é retratada em função de seu relacionamento com os homens. A começar pelo pai que a abandonou e que serve como um narrador em momentos-chave através de cartas. Maridos, namorados e amantes surgem como esperança de dias melhores e apoios para preencher o vazio. Um recurso poético — mas piegas — faz com

que ela escute os bebês que perdeu. Ainda que falho, *Blonde* dá sua ajuda na tarefa de decifrar a esfinge Marilyn — e mostra que ela está longe de descansar em paz. ■

WALCYR CARRASCO

AMIGOS CALOTEIROS

O espinhoso dilema diante dos pedidos de ajuda em dinheiro

JÁ DIZIA MEU AVÔ: nunca empreste dinheiro, pois perde-se a quantia e o amigo. Meu pai referendava o conselho. Mas acabou emprestando a um parente nem tão próximo, levou o calote, deu briga e processo. Ajuda financeira é, frequentemente, perdida. Minha funcionária vive louca com os calotes: uma amiga pede para fazer o crediário em seu nome. Pois a amiga, ela própria, está com o nome sujo. Ela concorda em ajudar. Depois, a outra não paga as prestações. É obrigada a assumi-las. Um rombo no orçamento. Um amigo meu foi mais longe. A namorada pediu para comprar um carro, pois estava protestada e precisava muito. Ele topou. Ela só pagou uma prestação. O banco tomou o veículo. Leiloou. Algum tempo depois, ele descobriu que continuava com o nome sujo. "Mas o carro não foi leiloado?" Foi, sim. Mas o total do leilão não chegou nem perto do valor da dívida, devido aos juros. Ele continuou no vermelho sem saber. Foi obrigado a pagar tudo, quase um carro novo. Detalhe: estava desempregado. É o que sempre digo: se a pessoa perdeu o próprio nome, por que vai se preocupar com o seu?

Ser fiador de aluguel é o caos. Parece antipático dizer isso. Mas já conheci muita gente que vai comprar algo e descobre

que não pode. Levou um processo por falta de pagamento. Ninguém avisou, nem mesmo o amigo a quem fiou.

Diante de todos esses exemplos, nunca costumei emprestar. Mas... (sempre tem um mas...). Eu tinha um grande amigo, dono de uma empresa. Um dia me liga: tinha vendido sua parte. Mas o sócio não pagou. Pior: ainda devia uma parte do apartamento diretamente ao vendedor. Este já lhe dera até uns tapas na cara. Pelo que entendi, ameaçava-o de morte. Emprestei. Mas, a conselho da minha prima, pedi uma promissória.

Os meses se passaram. Pelo Instagram, descobri que meu devedor viajara para a Europa. Também pelos posts, nada de vender o carro. O padrão de vida de sempre. Só a amizade se esvaiu: não me ligou mais. Depois de um bom tempo

sem tocar no assunto, mandei cobrar. Propôs quatro prestações, que aceitei. Pagou a primeira e parou. Diante de nova cobrança, abriu o jogo. O sócio não tinha pago, estava devendo a várias pessoas. “Pode protestar, vai ser só mais um” — declarou. Ofereceu um relógio para ressarcir a dívida e

“Quando chega a data de pagar, nem telefonema, nem explicação. Jurei de novo: jamais emprestar”

aceitei. Não que quisesse o relógio. Mas como reparação.

Eu me senti um perfeito idiota, caí na mesma armadilha de todos. Perdi a grana e o amigo, de quem gostava muito. Velhos ditados estão certos, mas às vezes o coração fala mais alto. O que me dói é descobrir que o coração de quem deve é mudo. Na hora de pedir, não faltam lágrimas, desespero. Promessas... Quando chega a data de pagar, nem telefonema, nem explicação. Até existem alguns caloteiros que dão satisfação, mas fica por aí.

Não é justamente ao amigo que mais ajudou na hora da necessidade que a pessoa deveria dar preferência, no mínimo conversar?

Jurei de novo: jamais emprestar, ceder o nome. Melhor doar.

Assim vou me comportar. Até o próximo, porque, ui, tenho coração mole! ■

WARNER BROS.

NEM TÃO PERFEITOS Harry e Florence em cena: bastidores conturbados ofuscaram o filme

CINEMA

NÃO SE PREOCUPE, QUERIDA

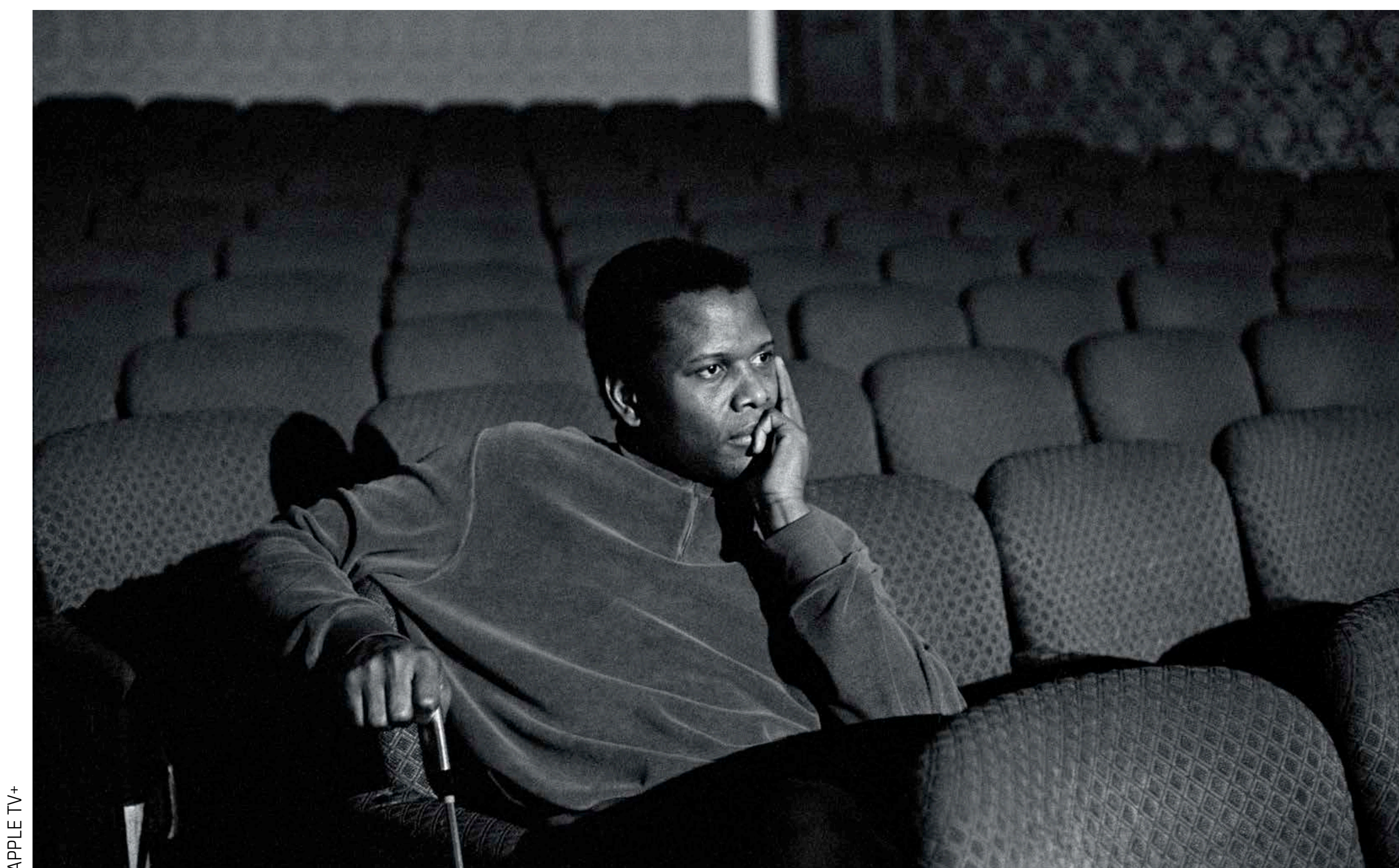
***(Don't Worry Darling*, Estados Unidos, 2022. Em cartaz)**

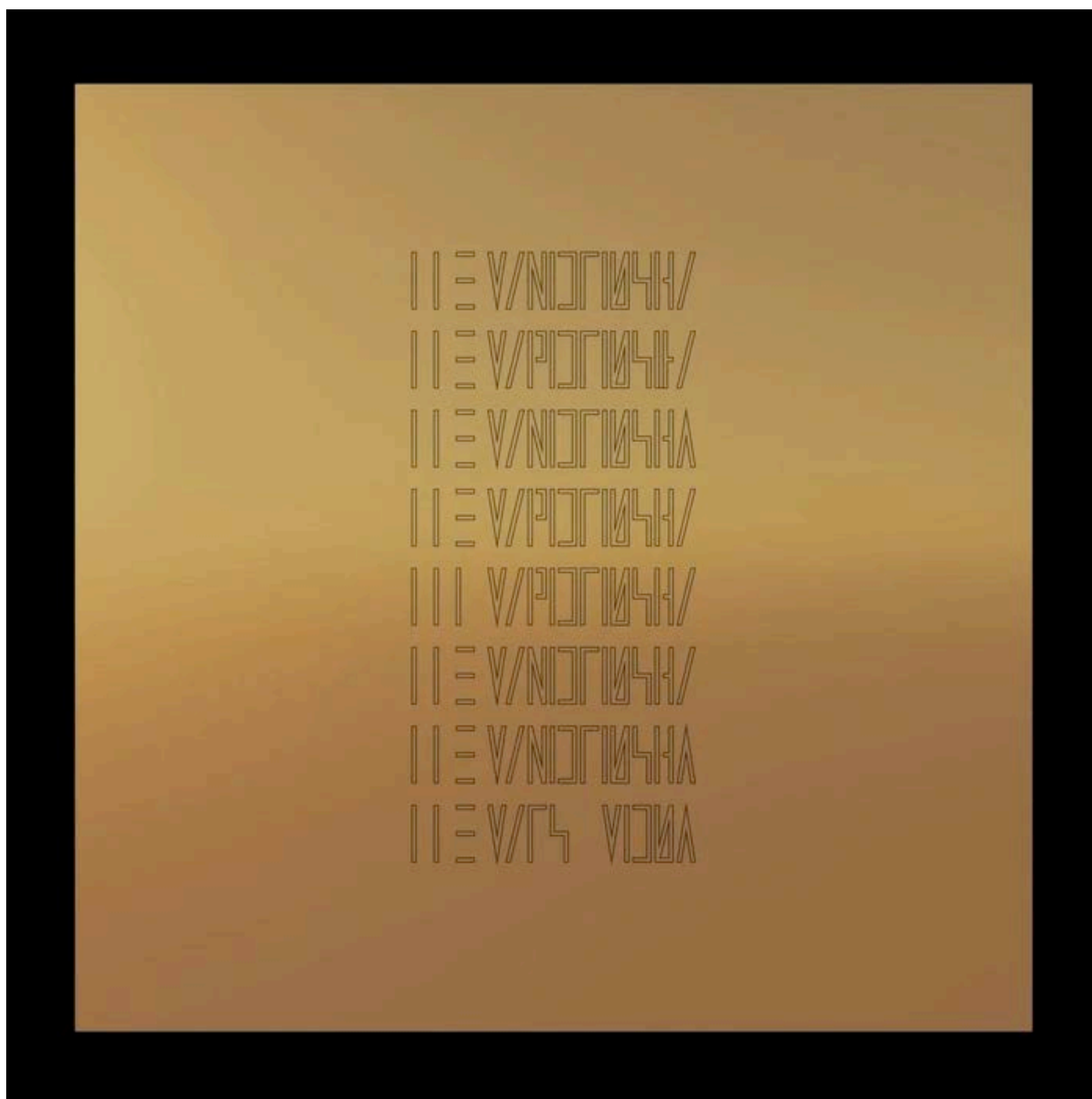
Alice é uma eficiente e feliz dona de casa dos anos 1950. Isso, até as paredes de sua aconchegante residência onde vive com o marido (Harry Styles) tentarem sufocá-la — de verdade. Enquanto limpa a casa, ela é pressionada pela construção, que se fecha ao seu redor e quase a mata. O episódio se soma a outros sem explicação. O diagnóstico médico é rápido: Alice está louca. Interpretada pela ótima Florence Pugh, a jovem encara eventos assustadores nesse peculiar suspense psicológico conduzido pela atriz e diretora Olivia Wilde. Em sua estreia no Festival de Veneza, a produção acabou manchada pelo climão entre o elenco e a diretora (rumores falam de conduta desleal dela junto aos atores). O longa, porém, prende e tem força para agradar a fãs de reviravoltas como as de um *Black Mirror*.

TELEVISÃO

O LEGADO DE SIDNEY POITIER

(disponível na Apple TV+)

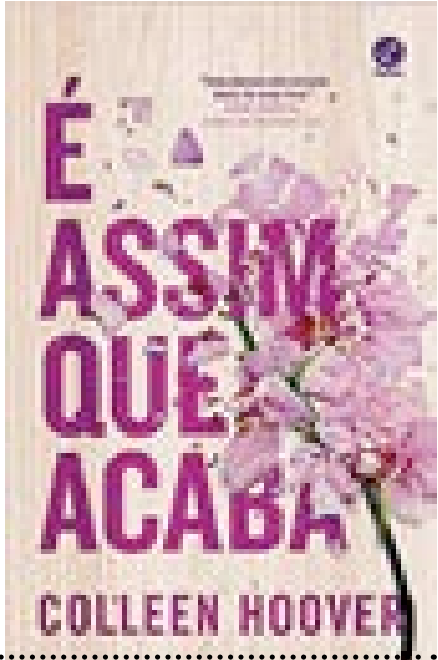
Quando Sidney Poitier deixou as Bahamas em direção aos Estados Unidos, aos 15 anos, encontrou um país divido pela segregação racial. Anos depois, ele se tornaria o rosto da comunidade negra em Hollywood na condição de primeiro negro aclamado com o Oscar de ator, em 1964. Morto em janeiro passado, aos 94, o ator tem a vida e a carreira revisitadas no documentário produzido por Oprah Winfrey. Com narrações antigas de Poitier e depoimentos da família, amigos e artistas como Denzel Washington e Spike Lee, a produção mostra como ele venceu numa época de alta discriminação nas telas.

APPLE TV+

HEROICO Sidney Poitier: documentário sobre o ator que venceu o preconceito

DISCO

THE MARS VOLTA,

de The Mars Volta (nas plataformas de streaming)

O retorno da cultuada dupla The Mars Volta à atividade parecia improvável desde que o vocalista Cedric Bixler-Zavala e o guitarrista Omar Rodríguez-López brigaram feio. Mas as esperanças dos fãs foram renovadas quando eles ressuscitaram outra banda, At the Drive In. Agora, dez anos após o último álbum, eles retornam nesse que talvez seja seu melhor trabalho. O repertório expande suas clássicas misturas de jazz fusion, hard rock e música latina — e as excelentes *No Case Gain* e *The Requisition* provam que o Mars Volta está vivíssimo. ■

FICÇÃO

1 É ASSIM QUE ACABA
Colleen Hoover [1 | 58#] GALERA RECORD

2 TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES
Colleen Hoover [2 | 41#] GALERA RECORD

3 A HIPÓTESE DO AMOR
Ali Hazelwood [5 | 11] ARQUEIRO

4 O HOBBIT
J.R.R. Tolkien [4 | 31#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 O LADO FEIO DO AMOR
Colleen Hoover [8 | 14#] GALERA RECORD

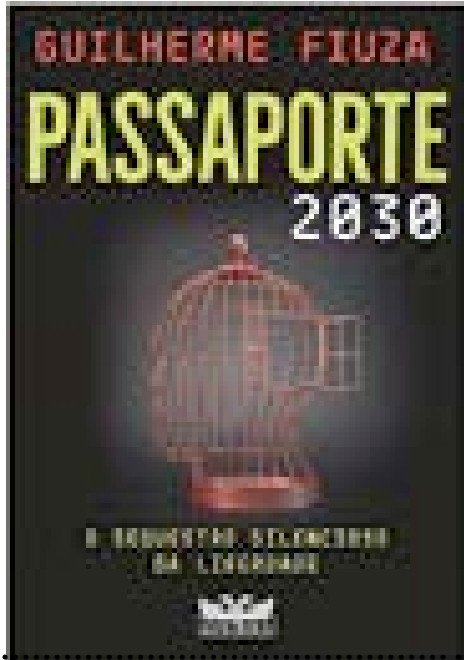
6 OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO
Taylor Jenkins Reid [3 | 74#] PARALELA

7 NAS PEGADAS DA ALEMOA
Ilko Minev [6 | 25#] BUZZ

8 VERITY
Colleen Hoover [0 | 24#] GALERA RECORD

9 A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE
Matt Haig [7 | 10#] BERTRAND BRASIL

10 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS
George Orwell [9 | 198#] VÁRIAS EDITORAS

NÃO FICÇÃO

1 **PASSAPORTE 2030**
Guilherme Fiuza [2 | 5#] AVIS RARA

2 **O NEGÓCIO DO JAIR**
Juliana Dal Piva [0 | 1] ZAHAR

3 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [1 | 124#] ROCCO

4 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [9 | 9#] BESTSELLER

5 **MENTES PERIGOSAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [0 | 124#] PRINCIPIUM

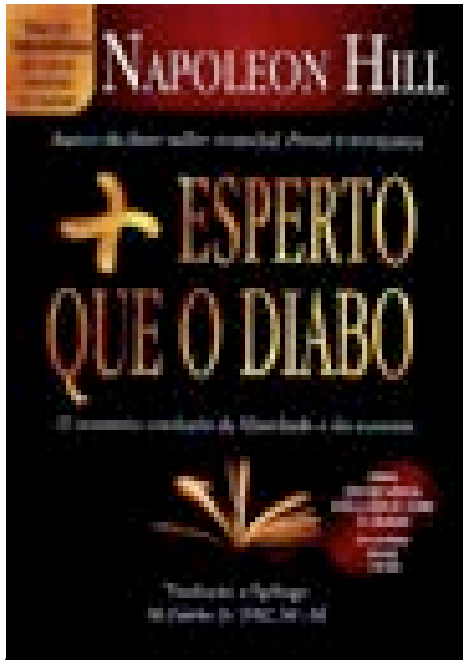
6 **MENTES INQUIETAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [4 | 40#] PRINCIPIUM

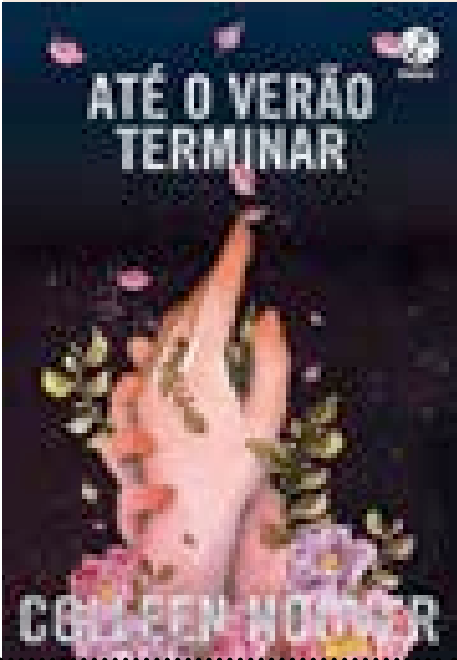
7 **A CONSTRUÇÃO DA MALDADE**
Roberto Motta [0 | 1] AVIS RARA

8 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [5 | 85#] DARKSIDE

9 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [3 | 14] GLOBO LIVROS

10 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [8 | 290#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [1 | 175#] CITADEL
2. **A RAIVA NÃO EDUCA. A CALMA EDUCA.**
   Maya Eigenmann [0 | 1] ASTRAL CULTURAL
3. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [3 | 385#] SEXTANTE
4. **CLIENTE FELIZ DÁ LUCRO**
   Gisele Paula [0 | 1] BUZZ
5. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [2 | 94#] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **QUANTOS EUS QUE NÃO SÃO MEUS?**
   Pe. Fábio de Melo [0 | 1] PLANETA
7. **PAI RICO, PAI POBRE**
   Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [6 | 95#] ALTA BOOKS
8. **QUEM PENSA ENRIQUECE**
   Napoleon Hill [4 | 100#] CITADEL
9. **12 REGRAS PARA A VIDA**
   Jordan B. Peterson [0 | 32#] ALTA BOOKS
10. **AS 5 LINGUAGENS DO AMOR**
    Gary Chapman [0 | 12#] MUNDO CRISTÃO

INFANTOJUVENIL

1 ATÉ O VERÃO TERMINAR
Colleen Hoover [1 | 32#] GALERA RECORD

2 COLEÇÃO HARRY POTTER
J.K. Rowling [2 | 127#] ROCCO

3 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL
J.K. Rowling [6 | 358#] ROCCO

4 AMOR & GELATO
Jenna Evans Welch [4 | 61#] INTRÍNSECA

5 AS AVENTURAS DE MIKE 3: MUDANDO DE CASA
Gabriel Dearo e Manu Digilio [8 | 2] OUTRO PLANETA

6 VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL
Casey McQuiston [3 | 77#] SEGUINTE

7 O LIVRO DAS VIRTUDES PARA CRIANÇAS
William Bennett [0 | 7#] NOVA FRONTEIRA

8 O PEQUENO PRÍNCIPE
Antoine de Saint-Exupéry [0 | 348#] VÁRIAS EDITORAS

9 CORALINE
Neil Gaiman [9 | 44#] INTRÍNSECA

10 TODO ESSE TEMPO
Mikki Daughtry e Rachael Lippincott [7 | 9#] ALT

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Belém**: Leitura, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Cultura, Leitura, **Campinas**: Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, **Manaus**: Leitura, Vozes, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Passo Fundo**: Santos, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul**: Disal, **São José**: Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **Internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

O GRANDE BURACO

SETE EM CADA dez brasileiros podem votar no domingo, dia 2. São 156 milhões numa população de 213 milhões. É evidência do rápido envelhecimento do país.

Trinta anos atrás, pouco mais da metade (55%) da população tinha idade para ir às urnas. Foi na primeira eleição presidencial direta do ciclo pós-ditadura, quando Fernando Collor derrotou Lula. Eram 82 milhões de eleitores entre 148 milhões de habitantes.

Entre as primaveras de 1989 e de 2022 houve uma significativa mudança no tamanho das famílias, com redução do número de filhos à metade — de quatro para dois, na média. O país fez em três décadas uma transição demográfica que na Europa e na Ásia levou-se um século para realizar.

Quando Lula estreou no ofício de candidato presidencial do PT, contra Collor, eram notáveis as similaridades no estágio de desenvolvimento nacional com o da China, da Índia, da Coreia do Sul e da Espanha, por exemplo. O tempo passou na janela do Brasil, que ficou estagnado na economia e aprisionado numa lógica de atraso social mensurável nos portões das escolas de ensino básico.

O país perdeu a batalha pela modernidade por deficiências na educação. Por dois séculos, preferiu perseverar num

histórico singular de mais fracassos do que acertos na política educacional, sem dar prioridade ao acesso e à qualidade do sistema básico de ensino.

O resultado está aí: 80 milhões, metade dos que vão às urnas, não chegaram ao final do ciclo médio educacional; e sete de cada dez desses eleitores sequer concluíram o fundamental.

Alguns avanços foram relevantes e são inegáveis. Mas, se houve, por exemplo, uma redução genérica do analfabetismo, não ocorreu mudança estrutural no padrão de qualidade do ensino. Evoluiu-se da completa ignorância na leitura e em cálculo, em 80% da população no início do século passado, para um terço de adultos acorrentado no analfabetismo rudimentar.

Na eleição de 2018, uma parcela de 29% da população com mais de 15 anos era considerada analfabeta funcional, com capacidade limitada à localização de informações explícitas em textos curtos e a cálculos matemáticos simples.

O recorte é simbólico da crise nacional num mundo em que a sofisticação tecnológica moldou um mercado de trabalho exigente em pensamento crítico e criatividade. De cada 100 brasileiros adultos, vinte têm acesso à universidade. Outros oitenta simplesmente não possuem identidade social "por puro preconceito escravocrata com a educação profissionalizante", como diz Rafael Lucchesi, diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

Pesquisadores como ele consideram ser essa a principal razão do último meio século de estagnação da produtivi-

“Lula e Bolsonaro não entenderam: sem educação não haverá travessia”

dade do trabalho, expressa na necessidade atual de quatro brasileiros para alcançar a produtividade média de um coreano ou americano na mesma função.

“Como sistema, nunca tivemos educação de qualidade”, escreve Antônio Gois, no livro *O Ponto a que Chegamos,* excelente exumação dos fracassos nas políticas educacionais re-

centes. “A extrema desigualdade em nosso ponto de partida como nação é elemento-chave para entender por que educação nunca foi, na prática, prioridade das elites dirigentes.”

Se já era grave, a situação no ensino básico se tornou catastrófica na pandemia que está acabando, mas ainda não terminou. Nos últimos quarenta meses, houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos que não sabiam ler e escrever — informa a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados com base em dados coletados pelo IBGE. Eram 1,4 milhão, agora são 2,4 milhões.

A desigualdade cresceu muito. Nas famílias mais pobres, a proporção de crianças que não sabiam ler e escrever subiu de 33% em 2019 para 51% no último trimestre. Nas mais ricas o aumento foi de 11% para 16%.

Sem ações emergenciais, coordenadas com os estados, consistentes e de resultados eficazes, o governo que será eleito em outubro corre o risco de terminar com o legado de uma geração de brasileiros sem educação básica adequada, numa definição elegante. O perigo é real, levando-se em conta o deserto de ideias da campanha, com a dupla de líderes nas pesquisas preferindo se refugiar na estridência de acusações mútuas e no protocolo de propostas ambíguas para o eleitorado.

Lula e Jair Bolsonaro, aparentemente, ainda não entenderam que, sem a educação no centro das decisões políticas, o Brasil tende a continuar sendo o mais antigo país do futuro. ■